ERNESTO RENÉ SANG

ESTILOS DE APEGO E BEM-ESTAR PSICOLÓGICO EM
ADOLESCENTES COLEGIAIS: INFLUÊNCIA DE GÊNERO E ÉTNIA
(ORIENTAL VS OCIDENTAL)

SÃO PAULO
2009

ERNESTO RENÉ SANG

ESTILOS DE APEGO E BEM-ESTAR PSICOLÓGICO EM
ADOLESCENTES COLEGIAIS: INFLUÊNCIA DE GÊNERO E ÉTNIA
(ORIENTAL VS OCIDENTAL)

Tese apresentada ao
Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo
como parte dos requisitos
para a obtenção do título de
Doutor em Psicologia.

SÃO PAULO
2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Sang, Ernesto René.

Estilos de apego e bem-estar psicológico em adolescentes colegiais: influência de gênero e etnia (oriental vs ocidental) / Ernesto René Sang; orientadora Vera Silvia Raad Bussab. -- São Paulo, 2009.

124 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Adolescentes 2. Identidade étnica (oriental e ocidental)
3. Comportamento de apego 4. Depressão 5. Ansiedade social I. Título.

BF724

Estilos de apego e bem-estar psicológico em adolescentes
colegiais: influência de gênero e etnia (oriental vs ocidental)

Ernesto René Sang

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra Vera Silvia Raad Bussab
Orientadora

Tese defendida e aprovada
em: __/ __/ 2009.

Às minhas origens: Família LEE,

李

E com saudades, para *Lipe*

Agradecimentos

Pensar, refletir e pesquisar sobre o que é *familiarmente estranho*, o *unheimlich* de Freud me levou ao mestrado: "Amor e devoção filiais. Um estudo exploratório com filhos de imigrantes chineses" (2003). Continuando a elaborar a emigração, trinta e nove anos depois, consolidando o enraizamento em São Paulo nasce esta tese: "Estilos de Apego e Bem-estar Psicológico em adolescentes colegiais: influência de gênero e etnia oriental vs ocidental)".

Em se tratando de vinculações afetivas deve-se reconhecer em primeiro lugar o papel primordial dos cuidadores. Nesta empreitada pela pesquisa científica devo reconhecer o papel das minhas cuidadoras primárias, orientadoras, na ordem temporal: Emma Otta e Vera Silvia Raad Bussab e agradecê-las profundamente.

À Vera Silvia Raad Bussab, que com sua gentileza carinhosa me ensinou a ser prudente na consideração dos resultados no sentido de desconfiar da lógica simplificada que muitas vezes somos tentados a usar diante da magnitude deles e a relativizar as questões situando-as no complexo de fatores associados à questão em estudo.

À Emma Otta, que mais uma vez não se negou a me emprestar seu conhecimento. Pensou e formatou comigo o projeto de pesquisa para o doutoramento e abriu o ambiente científico do departamento de Psicologia Experimental do IPUSP.

À Eva Migliavacca, orientadora no mestrado e com quem pude conversar sobre as marcas profundas na alma, do sentido do 'trágico' de ser imigrante, sem ser necessariamente desenraizado.

Ao colega fraterno, Altay Alves Silva, guia paciente nas estatísticas e interlocutor sensível porque genuinamente interessado pelas terras do sol poente.

À Sylvia Dantas DiBiaggi que me acolheu em seu grupo de Psicologia Intercultural e me deu a oportunidade de ter em seu grupo uma câmara de reverberação das preocupações e repercussões que a migração representa.

À Vera Regina Fonseca que me estimulou a ampliar o interesse acadêmico e científico no doutorado pelo PSE do IPUSP.

Ao CNPq pelo apoio financeiro a esta pesquisa.

E por fim, à Lélia e ao meu primogênito Pedro Ernesto, por tantas coisas vividas e por viver...

Lista de Tabelas, Figuras e Quadros

Lista de Tabelas

Tabela 1: Distribuição dos participantes em função de sexo e etnia (ocidental e oriental).....	66
Tabela 2: Etnia X Estilo de Apego.....	77
Tabela 3: Etnia X Estilo de Apego apenas para meninas.....	77
Tabela 4: Etnia X Estilo de Apego apenas para meninos.....	78
Tabela 5: Etnia X Modelo de Si.....	78
Tabela 6: Etnia X Modelo do Outro.....	79
Tabela 7: Correlação dos escores do de Estilos de Apego (modelo de si e do outro) com os fatores (confiança, comunicação e alienação a pais e amigos) do IPPA.....	89
Tabela 8: Correlação dos escores de Depressão e Fobia Social com os escores do Estilo de Apego (Modelo de Si e do Outro) e do IPPA (Confiança, Comunicação e Alienação a Pais e Amigos) para todos os participantes.....	90
Tabela 9: Correlação dos escores de Depressão e Fobia Social com os escores do Estilo de Apego (Modelo de Si e do Outro) e do IPPA (Confiança, Comunicação e Alienação a Pais e Amigos) para os participantes ocidentais.....	90
Tabela 10: Correlação dos escores de Depressão e Fobia Social com os escores do Estilo de Apego (Modelo de Si e do Outro) e do IPPA (Confiança, Comunicação e Alienação a Pais e Amigos) para os participantes orientais.....	91
Tabela 11: Resumo das análises gerais, organizadas em função de sexo, etnia e classificações do Estilo de Apego.....	95

Lista de Figuras:

Figura 1: Relação entre Etnia, Estilos de Apego e escores no CESD.....	80
Figura 2: Relação entre Etnia, Estilos de Apego e escores no EEDS.....	83
Figura 3: Escores do Fator Comunicação com Pais em função de Etnia e Sexo.....	86
Figura 4: Escores do Fator Comunicação com Amigos em função de Etnia e Sexo.....	87

Lista de Quadros:

Quadro 1: Os quatro estilos de apego.....	69
Quadro 2: Exemplos da Escala para Rastreamento Populacional para Depressão em Populações Clínica e Não-clínicas em Adolescentes e Adultos Jovens (CES-D).....	75

Sumário

RESUMO.....	
ABSTRACT.....	
1. INTRODUÇÃO.....	01
1.1 Cultura e caminhos de desenvolvimento.....	08
1.1.1 Trajetórias culturais e a formação de relacionamentos e o equilíbrio entre autonomia/relação (<i>relatedness</i>) como tarefas universais de desenvolvimento.....	09
1.1.2. Caminhos culturais em direção à Independência e à Interdependência.....	14
1.1.3. A contribuição da psicologia evolucionista aos processos de desenvolvimento como processos de ajustamento cultural	19
1.2. Diferenças culturais entre grupos ocidentais e grupos orientais: viés etnocêntrico, aculturação, família asiática, cuidados parentais asiáticos, percepção dos adolescentes e características culturais de personalidade e bem-estar psicológico (humor depressivo e ansiedade social)	24
1.2.1 Viés etnocêntrico.....	24
1.2.2. Aculturação	26
1.2.3. Tipos de famílias asiáticas: a família chinesa.....	31
1.2.4. Especificidades dos cuidados parentais asiáticos: entre o tradicional e o moderno	34
1.2.5. A percepção dos estilos de cuidados parentais pelos adolescentes. Adolescentes americanos, coreanos, chineses e <i>sino-brasileiros</i>	38
1.2.6. Bem-estar subjetivo através das culturas e correlatos afetivo-emocionais de personalidade culturalmente específicos. Diferenças culturais em Depressão e Ansiedade Social	42
1.3. Apego inicial e desenvolvimento ulterior	49
1.3.1. Apego na adolescência.....	54
1.4. Objetivos	64
2. MÉTODO	66
2.1. Participantes	66
2.2. Condições de aplicação	67
2.3. Instrumentos.....	68
2.3.1. Questionário de Estilos de Apego.....	68
2.3.2. O Inventário de Apego a Pais e Amigos (IPPA)	70

2.3.3.	Escala de Esquiva e Fobia Social (EEDS)	73
2.3.4.	Escala de rastreamento populacional para depressão em populações clínicas e não-clínicas em adolescentes e adultos jovens (CESD).....	74
2.4.	Análise dos dados.....	75
3.	RESULTADOS	76
3.1.	Estilos de apego (de acordo com Bartholomew & Horowitz, 1991) em função de Etnia, Modelo de Si e do Outro	76
3.2.	CESD, indicadores de depressão em função de Etnia e Estilos de Apego.....	79
3.3.	EEDS, indicadores de fobia social em função de Estilos de Apego e Etnia.....	81
3.4.	IPPA, fatores de validação.....	83
3.5.	Fatores do IPPA em função de Etnia e Sexo.....	85
3.6.	Correlações entre os escores nos fatores do IPPA, EEDS com os sub-grupos com Modelo Positivo de Si (Estilos Seguro e Rejeitador)	88
3.7.	Correlações entre os escores nos fatores do IPPA, EEDS com os sub-grupos com Modelos de si positivo (Estilos Seguro e Rejeitador) para ocidentais e orientais.....	88
3.8.	Correlações entre os resultados do questionário de Estilos de Apego (Bartholomew e Horowitz) e os fatores do IPPA.....	89
3.9.	Algumas relações entre os resultados do questionário de Estilos de Apego e do IPPA com fobia social e depressão.....	90
3.10.	Sumário dos resultados	93
4.	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	96
4.1.	Discussão dos resultados gerais	97
5.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
6.	ANEXOS	116
	Anexo 1: Termo de consentimento livre e esclarecido	117
	Anexo 2: Questionário de Estilos de Apego	118
	Anexo 3: Inventário de Apego a Pais e Amigos (IPPA)	119
	Anexo 4: Escala de Esquiva e Desconforto Social (EEDS)	121
	Anexo 5: Escala de Rastreamento para Depressão (CESD)	122
	Anexo 6: Escores fatoriais resultantes da análise do IPP.....	123
	Anexo 7: Tabela de médias resultantes do GLM multivariado entre Sexo, Etnia em função dos escores fatoriais do IPPA.....	124

RESUMO

SANG, Ernesto René. Estilos de apego e bem-estar psicológico em adolescentes colegiais: influência de Gênero e Etnia (oriental vs. ocidental). São Paulo, 2009 – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Investigamos a configuração dos vínculos de apego em função de etnia e de gênero. Baseados na teoria do apego que aponta a influência do contexto sócio-afetivo no desenvolvimento dos diversos estilos de apego assim como a relação significativa destes com bem-estar psicológico (indicados por sinais de depressão e fobia social), supusemos que a formação do modelo interno de si (dimensão essencial na definição dos estilos de apego) poderia estar relacionada à etnia, através dos modos de criação. A amostra foi composta por 328 colegiais (203 do sexo masculino e 125 do sexo feminino) com idade média de 15 anos, dos quais 101 tinham pais de origem oriental (chinesa, japonesa ou coreana) e 227 de origem ocidental. Foi constatado efeito da etnia quanto ao modelo interno de si, com predominância de modelo de si positivo nos ocidentais (subjacentes aos estilos seguro e rejeitador) e negativo nos orientais (estilos preocupado e medroso). Em relação a bem-estar psicológico em termos de indicadores de depressão e fobia social foi significativa a relação de depressão com os estilos de apego medroso e preocupado (modelo de si negativo), sendo mais freqüente a indicação de depressão nos participantes ocidentais do que nos orientais (principalmente nas meninas ocidentais rejeitadoras). Encontramos também relações significativas de fobia social com o modelo de si positivo (estilos de apego seguro e rejeitador) principalmente nos meninos, para ambas as etnias; no entanto, tal efeito não foi suficiente em termos de gerar fobia social num nível considerado de importância clínica.

Nossa pesquisa apontou correlação negativa significativa entre depressão e confiança em relação aos pais e positiva entre depressão e distanciamento (afetivo) dos pais. No conjunto, esses resultados confirmam algumas informações sobre depressão e fobia na

adolescência. As diferenças nos modos de criação parecem ter afetado, nas duas sub-amostras pesquisadas, o modelo de si, a comunicação com pais e a interação com amigos. Nossos resultados destacam a predominância do contexto familiar de criação para a formação do modelo de si, sobre o contexto social mais geral; indicando a importância de considerar o impacto da orientação cultural, seja para a independência nas culturas ocidentais, seja para a interdependência nas culturas orientais, sobre o desenvolvimento dos indivíduos.

Os resultados obtidos sugerem uma interação complexa entre modos de criação/etnia, gênero, estilo de apego e bem-estar psicológico. Os resultados permitem também uma compreensão menos ingênua das categorias de estilo de apego, apontando que a dimensão modelo de si evidencia as influências da maneira de se relacionar dos adolescentes, que afeta o seu ajustamento psicossocial. A conjugação dos estilos de apego com os indicadores de bem estar psicológico também permitiu aprofundar a compreensão do significado dos estilos de apego nos dois grupos culturais pesquisados.

Palavras chave: Adolescentes; Identidade étnica (oriental e ocidental); Comportamento de Apego; Depressão; Ansiedade Social.

ABSTRACT

SANG, Ernesto René. Styles of attachment and well-being in high-school students: influences of Gender and Ethnic (Eastern vs. Western), São Paulo, 2009 – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo

Theory of attachment emphasizes not only the influence of the social-affective context on the development of different styles of attachment but also its contribution to the ways people achieve a sense of well-being (Armsden & Greenberg, 1987) particularly during adolescence. Supposedly the different ethnic background would determine different styles of parenting and, as a consequence, different styles of attachment relationships (secure, dismissing, fearful and preoccupied, as Bartholomew & Horowitz (1991), classified) in their adolescent offspring.

This study investigated the influence of ethnic background and gender on the configuration of attachment relations in a sample consisting of 328 high-school students (203 males and 125 females), ranging from 14 to 15 years of age, all from middle-class families. The participants were divided into two groups: one group with 101 students whose parents had Asian background (Chinese, Japanese and Korean) and the other group (227) whose parents were from western-brazilian background.

Ethnic background had significant effect on model of *self*, one of the dimensions underlying the style of attachment relations. For western-Brazilian such model of *self* has been mostly positive, associated with the secure and dismissing attachment style. Regarding Asian subjects, a predominance of negative model of *self* has been found, associated with the preoccupied and fearful style of attachment.

Concerning psychological well-being, which informs about depressive traits and social phobia, it has been revealed a significant association between depression and the fearful and preoccupied style, associated with negative model of *self*, mainly for Brazilian subjects,

particularly for girls with dismissing attachment style. Participants from Asian background showed less signs of depression. For male participants from both ethnic background we found a positive correlation between social phobia and positive model of *self* (associated with secure and dismissing attachment). Nevertheless, scores on social phobia did not reach a significant clinical level. Our study revealed significant indications for depression: a negative association between depression and trust concerning parents, as well as a positive one between depression and withdrawal from parents. Such results confirmed some data on depression and social phobia in adolescence.

It seems that the differences on parenting have important influence on the shaping of the model of *self*, as well as on communication with parent and on relationships with peers in both ethnic groups. Such influence reinforces the impact of the cultural orientation on the development of individuals, be it the independence orientation on western culture or the interdependence orientation on non-western culture as Markus & Kitayama (1991) had described.

Our results suggest a complex interaction between parenting practices, ethnic influence, gender, attachment relations and well-being. Taking into account this complex interaction allows a less naïve understanding of the different styles of attachment. The shaping of the model of *self* as affected by cultural factors involved in parenting practices, influences the way adolescents relates to others and, as a consequence, his/her psychological adjustment.

Articulating styles of attachment, working model of *self* and the signals of psychological well-being made possible a deeper understanding of the meaning of attachment relations on both cultural groups.

Key words: Attachment; Adolescents; Ethnic identity (western and asian); Depression; Social Anxiety.

1.- INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um desdobramento de uma primeira pesquisa qualitativa, realizada para a dissertação de mestrado (Sang, 2003), sob orientação da Profa Eva Maria Migliavacca, feita com um grupo de quatro filhos de imigrantes chineses, todos com formação universitária completa, para verificar o que esses indivíduos reconheciam em si mesmos como sendo chinês; a pesquisa confirmou a suposição inicial de que a influência étnica cultural dos pais fazia-se presente, de maneira implícita, ou não consciente, na descrição que esses indivíduos faziam de si mesmos. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e uma análise qualitativa de conteúdo das mesmas. A partir dessa análise apareceram alguns elementos comuns do que foi percebido como chinês na maneira de ser e conduzir-se dessas pessoas relacionados, explicitamente, aos modos de criação desses pais chineses em São Paulo.

Nesse período do mestrado, houve o encontro com o trabalho de um antropólogo chinês radicado nos E.U.A., Francis Hsu (1974; 1949; 1954; 1961), que comparou as culturas da sociedade americana e da sociedade chinesa, e descreveu postulados básicos dessas culturas que se mostraram heurísticos para a compreensão e organização dos dados do mestrado. O primeiro postulado formulado para a cultura americana foi assim descrito por Hsu: "O mais importante para um indivíduo é seu interesse próprio: expressão própria, desenvolvimento próprio, gratificação própria e independência. Isto tem precedência sobre todos os outros interesses do grupo". Em contraposição, para a sociedade chinesa, o primeiro postulado afirma: "O dever e a responsabilidade mais importante para um indivíduo são seus pais, isso tem precedência sobre qualquer outro interesse, inclusive o interesse por si mesmo". A expressão fundamental disso é a devoção filial (Kao, 1952). "Devoção filial é o meio de o indivíduo pagar a seus pais por lhe terem dado a vida, tê-lo feito crescer". (Hsu, 1974, p.90 e 108). Este postulado básico da cultura organiza as relações de parentesco na sociedade chinesa, e prioriza a família como matriz cultural. Essas representações estão

relacionadas ao pensamento de origem confucionista², e estão presentes em várias culturas da Ásia, em países como China, Japão e Coréia. A piedade filial tem sido uma norma cultural cardinal institucionalizada por longo período de tempo na China, Coréia, Japão e outras sociedades asiáticas influenciadas pela cultura Confucionista (Kim, Kim, & Hurh, 1991).

Outros antropólogos e estudiosos também descreveram a cultura chinesa, assim como pesquisaram a Piedade Filial em adolescentes americanos de origem coreana e japonesa (Chao, 1994; Choi, Kim, & Choi, 1993; Kao & Travis, 2005a, 2005b; Wong, 1998; Yang, 2000; Yeh & Inose, 2002). Cabe observar, também, que boa parte, se não a totalidade, dessas pesquisas foram realizadas por pesquisadores de origem oriental; ou seja, de pesquisadores provenientes da mesma comunidade que estudam. Por exemplo, Yang (2000) destacou a elevada orientação social dos chineses: comportar-se de acordo com expectativas sociais e/ou com os imperativos do papel às expensas dos sentimentos, opiniões e desejos pessoais do indivíduo. Os chineses tendem a ser menos autônomo, mais conformistas, mais autoritários, mais persuasíveis por mensagens de comunicação de massa, e a ter mais interesses sociais e mais coesão de julgamento sob liderança autoritária. Sua motivação para obter realizações tende a ser orientada em termos coletivos, mais do que voltados para o interesse individualista de fortes conotações competitivas. Os estudantes chineses preferiram viver participando em grupo assim como mostraram preocupação empática pelos outros.

No doutorado aconteceu o encontro com a teoria do apego e os métodos de pesquisa utilizados nessa área do conhecimento a partir da linha de pesquisa liderada pelas professoras Vera Silvia Raad Bussab e Emma Otta sobre a ontogênese do comportamento humano e modos de vida contemporânea. As pesquisas visavam compreender especificidades

² “O Confucionismo é uma doutrina reguladora da vida humana, fundada pelos sábios antigos sobre as leis naturais, coligidas e aprofundada por Confúcio. Ampliada e propagada por seus discípulos, o Confucionismo tem sido para a China, desde o começo do II^o século antes de Cristo, o código ortodoxo de toda a vida moral e espiritual e, apesar dos sistemas concorrentes, continua a ser o princípio diretivo da vida social. Desde a dinastia dos Han, a instrução pública baseia-se inteiramente sobre os ensinamentos de Confúcio, cujo alcance espiritual, mau grado os desvios que a fraqueza humana lhe imprimiu, continua integral.” (Kao, 1952, p.41).

das estratégias humanas naturais de desenvolvimento, que requerem contexto social e afetivo típicos, e que envolvem tendências para a vinculação afetiva, o referenciamento social, e para o compartilhamento. Isso permitiu vislumbrar a possibilidade de explorar como a influência dos pais sobre os filhos resulta numa maneira de ser, como estilos de relacionamentos de apego, que expressam a maneira como procuram segurança e conforto nessa relação. A teoria do apego postula que a vinculação afetiva decorre de interações afetuosas e de trocas lúdicas contingentes, e não da satisfação de outras necessidades primárias. Um dos seus pressupostos básicos é que as primeiras relações de apego, estabelecidas na infância, afetam o estilo de apego do indivíduo ao longo de sua vida (Bowlby, 1989). Com o passar do tempo, um verdadeiro vínculo afetivo se desenvolve entre a criança e seus pais/cuidadores, garantido pelas capacidades cognitivas e emocionais da criança, e pela consistência dos procedimentos de cuidado, sensibilidade e responsividade dos cuidadores segundo Bowlby (1973/1984). Os diversos estilos de relacionamento de apego contam a história dos cuidados recebidos dos pais assim como a representação que o indivíduo formou de si mesmo na relação com os cuidadores primários, distinguindo assim, os modelos representativos do self e da(-s) figura(-s) de apego como as dimensões básicas dos relacionamentos de apego. Esta idéia articula de uma forma mais explícita como os modos de criação dos pais podem influenciar os adolescentes, tanto na representação de si mesmo quanto na representação do outro. Toda uma vertente de pesquisas tem explorado diferenças individuais nesse desenvolvimento, em termos qualitativos e quantitativos, examinando o que tem sido caracterizado como estilos de apego seguro, inseguro/ansioso, inseguro/ambivalente ou desorganizado, seus determinantes e suas conseqüências no desenvolvimento subsequente (Cassidy & Shaver, 1999). Surge então, um interesse especial nas comparações interculturais das especificidades da vinculação afetiva, uma vez que a natureza humana parece ajustar o indivíduo para se desenvolver em função da rede social e afetiva na qual ele está imerso. Diferenças nos cuidados parentais, na organização social cotidiana e na exposição típica das pessoas ao modo de vida do grupo

poderiam conduzir a diferenciações dos indivíduos das várias culturas (Bussab, 2003).

Com estas idéias da teoria do apego abriu-se a possibilidade de relacionar se a etnia de origem dos pais, quanto aos modos de pensar e ver o mundo desses pais, o que se traduz na maneira de cuidar dos filhos influenciado pela cultura na qual viveram. Com esse referencial teórico tornou-se possível verificar o quanto a origem étnica dos pais, de fato, marcou os participantes. Nesta pesquisa, consideramos como origem étnica a etnia declarada pelo participante para cada um dos progenitores, independentemente do local de nascimento e de ser ou não, imigrante.

Outra fonte de motivação para esta pesquisa advém da minha experiência clínica como psicanalista. Na minha experiência clínica, pacientes adolescentes costumam reclamar que os pais são a fonte de seus problemas e, ao mesmo tempo, mesmo contrariados, reconhecem que eles são seu esteio. Frequentemente verificamos na clínica, que ao lado dessa queixa em relação aos pais há uma dificuldade importante que aparece como impossibilidade de conseguir estabelecer qualquer diálogo com eles. Muito disto aparece como um desconhecimento a respeito de como entender os próprios pais e as suas atitudes. A teoria do apego sugere que na base dessas dificuldades de relacionamento estão presentes padrões de apego e diferenças significativas na experiência de segurança que esses vínculos oferecem assim como a maneira como eles são experienciados pelos adolescentes. A teorização de Bowlby, no sentido de indicar como a experiência desses vínculos é representada em modelos internos de funcionamento, oferece um indicador importante na pesquisa empírica sobre a vinculação afetiva.

Na literatura pesquisada posteriormente o tema apareceu como etnoteorias parentais, estilos de criação dos pais, que Keller (2007) denominou modelos culturais de modos de criação dos pais relacionados com caminhos de desenvolvimento. Em trabalho anterior (Keller, 1998a), explorou as diferenças culturais nesse desenvolvimento, analisando diferentes caminhos de socialização até a adolescência, quanto aos cuidados parentais recebidos em trajetórias classificadas como tipicamente ocidentais e não-ocidentais. Destacou duas dimensões dos comportamentos parentais como cruciais: a contingência, ou seja, a

prontidão para responder aos sinais do bebê; e a calorosidade, ou o tom emocional positivo (Keller, 1998b). Esses fatores têm sido reconhecidos tradicionalmente como determinantes do desenvolvimento do apego. Contudo, recentemente, vêm sendo considerados como componentes independentes. Talvez o aspecto mais essencial dos cuidados parentais seja a exibição de calorosidade e de afetos positivos.

No mestrado, investigamos como os participantes nascidos no país de imigração, Brasil, percebiam os modos de criação dos seus pais imigrantes chineses. O foco da pesquisa não foi a imigração propriamente dita, mas os resultados dessa imigração na identidade reconhecida desses jovens adultos. Será que esses filhos se consideravam descendentes de chineses? Através dos seus depoimentos foi possível examinar questões ligadas à imigração e ao ajustamento que os pais fizeram de maneira a prover um ambiente para eles. Certamente essa mudança colocou à prova a validade dos valores e crenças expressos nos modos de criação dos pais. Os filhos, naturalmente, responderam através dos ajustes necessários tanto na comunicação com os pais quanto na sinalização das necessidades e expectativas de ambas as partes. Essa questão alude aos fenômenos ligados à aculturação, em seus diversos graus, como apontam os pesquisadores da psicologia intercultural (Berry et al., 1992; De Biaggi & Paiva, 2004). No doutoramento, ao escolher estudar estilos de apego em adolescentes colegiais acreditávamos que tomando uma amostra grande de adolescentes (com idade média de 15 anos) que freqüentavam grandes colégios em São Paulo e que, portanto, estavam expostos às mesmas influências acadêmicas e sociais, as diferenças em função da etnia de origem dos pais, que fazem parte de um *modus vivendi* percebido como natural, poderiam tornar-se explícitas. Pensamos também que as respostas desses jovens aos questionários sobre estilos de apego nos informariam sobre o tipo de vinculação que eles estabeleceram com os pais e amigos. Além disso, os questionários sobre sinais indicadores de depressão e fobia social nos ajudariam a discernir quanto, em sua própria avaliação, esses adolescentes se encontravam numa situação de ajustamento psicológico confortável.

A pesquisa das relações de apego em adolescentes, considerando a influência de etnias é escassa, como apontam Izjendoorn e Sagi (1999),

na revisão que fizeram das pesquisas sobre apego que examinavam a validade do conceito de vínculos de apego em amostras provenientes de culturas diferentes, principalmente em relação à cultura ocidental. Por outro lado, como Dalbem e Dell’Aglío (2005) apontaram, na excelente revisão da literatura sobre a teoria de apego, existem poucas pesquisas que situam a teoria do apego consistentemente no período da adolescência; em especial, com amostras de adolescentes na população brasileira.

Tratar de apego na adolescência é ter que examinar a noção de modelos internos de funcionamento, sua estabilidade no processo de desenvolvimento, sua flexibilidade. Isto é, os modelos de si e do outro, que serão discutidos mais adiante.

O ajustamento social na adolescência para filhos de imigrantes é uma questão importante. Traz à tona a questão da identidade étnica, do biculturalismo e dos valores culturais (Phinney, 1990; Yeh & Hwang, 2000). Na vida cotidiana desses sujeitos surgem os estereótipos, os preconceitos ou concepções ligadas à origem étnica. *Chineses e Japas são nerds. Coreanos são briguentos e fechados em painéis.* Etc...

Com esse propósito procurei formar uma amostra de adolescentes - distinguindo-os pela origem étnica: oriental (chinesa, japonesa e coreana) e ocidental, com idade entre 14 e 15 anos, cursando a segunda série do colegial de dois colégios da capital em que sabidamente esses imigrantes costumam colocar seus filhos, dado o alto prestígio do seu ensino acadêmico. Desse modo passamos a considerar como diluídas variáveis como nível socioeconômico, o estado do casal de pais - se juntos ou separados, profissão dos pais, número de filhos da família. Aplicando os instrumentos de pesquisa, interessava-nos saber como eles se classificariam em termos de estilo de apego (através do Questionário de Estilos de Apego, de Bartholomew e Horowitz, 1991 e do Inventário de Apego a Pais e Amigos (IPPA), de Armsden e Greenberg, 1987), e em relação ao bem-estar psicológico avaliado através de indicadores de depressão (Escala de Rastreamento Populacional para Depressão em Populações Clínicas e Não-Clínicas em Adolescentes e Adultos Jovens (CESD) de Radloff (1977) e Silveira e Jorge (1998-99/2000) e, de esquia e desconforto social, avaliado pela Escala de Esquia e

Desconforto Social (EEDS) de Watson e Friend (1969) e Barros Neto (1996/2000). Esses indicadores não objetivavam um diagnóstico psiquiátrico propriamente dito para a nossa amostra.

Nesta pesquisa, a nossa variável dependente principal é o estilo de apego e o bem-estar psicológico associado, em função de gênero e de origem étnica como variáveis independentes.

Inicialmente, vou introduzir algumas idéias relativas à noção de cultura e caminhos de desenvolvimento tendo em vista a formação de uma noção de *self* e do outro, coloridos por uma ênfase cultural no desenvolvimento humano. Com esta finalidade, vou me basear no trabalho de Greenfield, Keller, Fuligni e Maynard (2003) que propõem uma visão de cultura e natureza como intrinsecamente complementares e não excludentes, procurando conhecer como interagem no desenvolvimento humano a diferenciação cultural e o fenômeno universal. Também utilizarei o trabalho de Keller, Harwood e Carlson (2007) a respeito dos caminhos de desenvolvimento da formação de relacionamentos e cultura. Esses trabalhos foram escolhidos por constituir uma revisão muito abrangente das pesquisas realizadas recentemente e por formularem um modelo teórico que procura integrar visões culturais diferentes nas teorias do desenvolvimento humano.

1.1. Cultura e Caminhos de Desenvolvimento

Cultura pode é definida por Greenfield, Keller, Fuligni e Maynard (2003) como um processo socialmente interativo de construção que abrange dois componentes principais: atividade compartilhada (práticas culturais) e significados compartilhados (interpretação cultural).

Segundo esses autores, os *processos culturais* estão enraizados em um programa ontogenético de desenvolvimento com períodos sensíveis para tarefas diferentes e modos de aprendizagem cultural. Eles evoluem em resposta às pressões de seleção do ambiente. Ao longo do tempo evolucionário, essas repostas evoluíram filogeneticamente; sendo assim, a aprendizagem cultural (como processo e como conteúdo) é estimulada e adaptada a um nicho eco-cultural e envolve um ensino cultural que se desenvolve por si mesmo ao longo do período de vida.

No texto, Greenfield e colaboradores (2003) propõe-se a mostrar que cada questão de desenvolvimento universal está sujeita a processos paralelos e vinculados de diferenciação cultural. Para cada tópico de desenvolvimento, os autores relacionam: variabilidade nas condições ambientais no espaço e no tempo (abordagem ecocultural), metas de desenvolvimento (abordagem de valores culturais) e as práticas de

socialização ou interações (abordagem histórico-social), às variações no desenvolvimento humano. Consideram que a psicologia do desenvolvimento tradicionalmente assumiu uma via individualista. Teorias e pesquisas mais recentes em psicologia cultural, intercultural e nativa (*indigenous*) têm procurado superar este viés.

Keller, Harwood e Carlson (2007) apontam que em anos recentes, os pesquisadores têm proposto dois caminhos de desenvolvimento ideais para compreender os dois maiores tipos principais de respostas dados quando há um conflito entre as metas e desejos do indivíduo versus as metas e desejos do grupo maior que se referem à relação entre o *self* e o outro. Um tipo enfatiza a individuação e a independência, o outro enfatiza a comunidade e a interdependência.

1.1.1 Trajetórias culturais e a formação de relacionamentos e o equilíbrio entre autonomia/relação (*relatedness*) como tarefas universais de desenvolvimento

Com o objetivo de analisar a diferenciação cultural Greenfield, Keller, Fuligni e Maynard (2003) realizaram uma revisão da literatura, organizando-a em função de três tarefas universais de desenvolvimento: formação de relacionamentos, aquisição de conhecimento e o equilíbrio entre autonomia/relação (*relatedness*). Cada tarefa é um componente universal da ontogenia humana e começa numa etapa particular do ciclo de vida. Cada uma dessas tarefas assume importância num período diferente de desenvolvimento: a formação de relacionamentos no nascimento, a aquisição de conhecimento na infância inicial, e autonomia/ relação na adolescência.

Os autores apresentam evidências de que cada tarefa pode ser tratada conforme dois modos ou caminhos culturais profundamente diferentes ao longo do desenvolvimento. Cada grupo humano procura soluções culturais alternativas para cada uma dessas tarefas. Essas soluções se ajustam em dois caminhos culturais contrastantes, que se organizam em torno de metas de desenvolvimento preferidas: de independência ou, de interdependência; sendo que o ponto final de desenvolvimento corresponde aos tipos de personalidade individualista e coletivista, descritos por Triandis e Suh (2002).

Advertem que, como a psicologia do desenvolvimento tem elaborado teorias nucleares que se propõem a ter um caráter universal, vieses têm ocorrido, os quais restringem essas teorias a um modo de desenvolvimento que enfatiza a independência como um valor cultural. A distinção entre o desenvolvimento orientado para a independência vs para a interdependência é particularmente adequada e importante dentro da perspectiva desta pesquisa. Principalmente porque articula cultura e biologia não como opostas, mas como intrinsecamente inter-relacionadas e complementares indo ao encontro da perspectiva de que os seres humanos são biologicamente culturais (Bussab & Ribeiro, 1998).

Formação de relacionamentos.

A abordagem teórica nuclear para a formação de relações é a teoria do apego (Bowlby 1969, Ainsworth et al. 1978). Há um acordo entre as diferentes abordagens teóricas de que a formação de relacionamentos é a primeira tarefa de desenvolvimento integradora, que bebês e seus cuidadores têm que lidar. Por causa do estado de extremo desamparo dos bebês, eles dependem de um ambiente de cuidadores. Além da comida, da moradia e da higiene, as experiências sociais são cruciais para o desenvolvimento. Os relacionamentos iniciais não somente asseguram a sobrevivência, como também iniciam o bebê no entorno cultural, com conseqüências para o domínio das tarefas de desenvolvimento que estão por vir.

Em comunidades culturais que valorizam a independência, a matriz relacional inicial é fundada sobre uma etnoteoria a respeito do funcionamento independente desde o início. Por exemplo, a habilidade dos bebês para dormir a noite toda, em lugares diferentes ou mesmo em quarto diferente dos pais, assim como uma orientação inicial para um mundo não-social de coisas e objetos ulteriormente acentuará a independência nos relacionamentos sociais. O desenvolvimento desta capacidade independente é sustentado pelas respostas contingentes dos cuidadores e dos outros do ambiente do bebê, aos sinais de autonomia deles. No entanto, o ideal adulto de assertividade e de autonomia, características valorizadas nos EUA, poderia ser avaliado como imaturidade e uma falta de educação na Ásia Ocidental, o que é um

exemplo do significado relativo que depende do contexto cultural específico.

Em comunidades que valorizam a interdependência, a matriz relacional inicial está fundada numa etnoteorias de um relacionamento continuamente íntimo entre mãe e bebê que vincula um contato corporal íntimo (carregando o bebê) dia e noite. Esse contato corporal comunica uma interação calorosa que é considerada um precursor psicológico de inter-relacionamento e de aceitação de normas e valores da geração dos pais. Na mesma direção, uma reação imediata ou mesmo antecipatória aos sinais de aflição do bebê minimiza a distinção *self*-outro.

A abordagem focalizada nos valores ajuda a entender melhor a trajetória cultural de desenvolvimento. Nesse particular, devemos estudar valores culturais mais amplos e sua influência nas etnoteorias de desenvolvimento compartilhadas por membros de diferentes comunidades culturais. Essas etnoteorias por sua vez, emolduram os comportamentos dos pais que modulam o desenvolvimento comportamental e ideacional em direção às demandas de um contexto ecocultural.

Autonomia e Relação (*relatedness*)

Mudanças cognitivas, físicas e sociais acontecem na medida em que as crianças ao redor do mundo entram na adolescência. Essas mudanças criam um membro da sociedade que não mais depende completamente de outros membros da família para cuidado e sobrevivência de outros. A maioria das famílias, então, inevitavelmente enfrenta a questão de como acomodar seus filhos que estão, crescentemente, competentes e amadurecidos durante os anos de adolescência. Por muito tempo do século vinte, a tendência principal da psicologia na América do Norte e Europa foi que a adolescência era um período no qual as crianças deveriam começar o processo de separação de seus pais. Concordamos com a análise feita por Greenfield e colaboradores (2003), de que uma ênfase psicanalítica dominou a visão sobre relações familiares e autonomia durante a adolescência e de que as pesquisas empíricas em amostras não-clínicas, representativas de adolescentes, decisivamente provaram que essa crença é incorreta;

mesmo em sociedades orientadas para a independência, como os EUA, autonomia completa dos pais é antitética ao desenvolvimento sadio do adolescente. Antes, um equilíbrio complexo entre o que tem sido chamado de "autonomia e relação" ou "individação e conectividade" parece ser mais salutar para o ajustamento do adolescente, na medida em que ele provê a oportunidade de desenvolver a habilidade de pensar e agir independentemente dentro do contexto de relações suportivas com pais. Uma grande parte das pesquisas nos últimos vinte e cinco anos tem sido dedicada a examinar a dança intrincada dos membros de famílias na América do Norte para conseguir desenvolver um sentido sadio de independência entre adolescentes enquanto mantém relações suportivas com os pais.

Conforme a interpretação feita por Greenfield e colaboradores (2003), ainda que na maioria das sociedades as famílias tendam a passar por um processo que inclui elementos tanto de autonomia quanto de relação, parece haver variações na extensão em que cada dimensão é enfatizada, esperada e garantida durante a adolescência. Esses autores propõem duas categorias para análise dessas variações: 1. autonomia comportamental e controle parental, 2. obrigações e deveres familiares.

1. Autonomia comportamental e controle parental

As pesquisas têm sugerido que os adolescentes de origem européia e ocidental obtêm autonomia comportamental numa idade mais precoce do que os de origem asiática. Uma pesquisa com adolescentes em Hong Kong, Austrália e nos EUA mostrou que os adolescentes chineses têm expectativas de ter autonomia numa idade mais tardia do que os outros grupos ocidentais. As diferenças mais consistentes e maiores apareceram para comportamentos e atividades que envolviam socialização com pares, como encontros com pares do outro sexo: sair para festas, sair para encontros de namoro, fazer coisas com amigos ao invés de fazer com a família e viajar com amigos, mesmo morando em países ocidentais. Não havia diferenças entre jovens da Austrália e dos EUA nas expectativas por autonomia para essas atividades.

Um número considerável de pesquisas comparou pais com diferentes origens culturais quanto ao controle em seus cuidados com os

filhos durante a adolescência; a maioria das pesquisas foi feita dentro dos EUA. As pesquisas encontraram consistentemente que pais americanos-europeus enfatizam mais o desenvolvimento da autonomia e do auto-direcionamento, dentro de um contexto de relações calorosas e suportivas. Pais americanos-asiáticos, americanos-africanos e latinos tendem a utilizar um sistema de cuidados autoritário, que focaliza obediência e ajustamento dos filhos, talvez em razão de valores culturais diferentes a respeito de obediência e papel dos pais, com ênfase no trabalho duro e na disciplina, mais do que na intimidade entre pais e filhos, conforme o “treinamento” que Chao (1994) descreve para os asiáticos. Maior controle parental também é evidente entre pais com recurso socioeconômicos menores, assim como entre famílias que moram em bairros mais perigosos, onde os pais desejam proteger seus filhos dessas ameaças, mantendo-os em casa.

2. Deveres e obrigações familiares

Greenfield e colaboradores (2003) constatam que a corrente principal da psicologia tem negligenciado a pesquisa a respeito da ênfase na responsabilidade do adolescente em apoiar, assistir e respeitar a família. As obrigações familiares estão subjacentes às conexões instrumentais com a família, presentes em graus variados nas sociedades, grupos étnicos e mesmo em períodos históricos dentro da mesma sociedade. O papel da criança na manutenção do lar tradicionalmente é enfatizado nas sociedades asiáticas, africanas e latino-americanas. Pesquisas recentes com famílias imigrantes nos EUA sugeriram que muitas famílias asiáticas e latino-americanas continuam a enfatizar os deveres e obrigações familiares de seus adolescentes na nova sociedade. E que esses valores são intensificados dado o conhecimento limitado dos pais a respeito da sociedade americana assim como pelo sentimento dos adolescentes de sentirem-se em débito com os pais por terem emigrado a uma nova sociedade para ter uma vida melhor. Os adolescentes de família imigrantes asiáticas e latino-americanas parecem prontamente aceitar e compartilhar isso. Como um adolescente afirmou para Zhou e Bankston (1998), “Para ser um americano, você deve ser capaz de fazer o que quiser. Mas, para ser um

vietnamita, você deve pensar primeiro em sua família”. Outras pesquisas mostram que esses adolescentes enfatizam as obrigações familiares mais do que seus pares de origem européia. Adolescentes brasileiros de origem asiática afirmaram ser seu dever ajudar habitualmente seus pais e irmãos, inclusive como adultos, assim como afirmaram a importância de fazer sacrifícios pela família (Sang, 2004; Sang & Migliavacca, 2007). Esse padrão parece persistir nesses adolescentes imigrantes através de várias gerações.

Em síntese, na adolescência, o desenvolvimento da autonomia e da relação é universal; no entanto, culturas diferentes colocam ênfases diferentes sobre esses dois componentes da experiência humana: a autonomia comportamental é altamente valorizada ao longo da via independente. Em contraste, o controle dos pais e as obrigações familiares são relativamente mais valorizados ao longo da via interdependente. Autonomia e relação variam não apenas através das culturas, mas através dos grupos étnicos na mesma sociedade. Tanto as raízes culturais quanto a adaptação à ecologia vigente têm um papel nessa variabilidade.

1.1.2 Caminhos Culturais em direção à Independência e à Interdependência

Nos últimos quinze anos, um corpo de evidências converge para distinguir duas trajetórias de desenvolvimento que juntam diferenças na aprendizagem cultural ao longo de todo o desenvolvimento. Algumas vezes essas diferenças têm sido relatadas como separadas, como fatos não-relacionados, de tal modo que o modelo proposto de dois caminhos culturais coloca essas diferenças dentro de uma teoria unificada de desenvolvimento. Nesse modelo, os dois são caminhos idealizados de desenvolvimento, no qual, um enfatiza a individuação e independência e o outro, enfatiza a filiação ao grupo e a interdependência, com implicações na construção do *self*. Cada ideal é parte de um sistema sociocultural maior, o primeiro é chamado de individualista e o outro, coletivista ou sociocêntrico.

De acordo com esse modelo, as concepções adultas do ideal de desenvolvimento e do *self* real também servem como metas de

desenvolvimento que organizam as experiências de socialização de maneiras características. As metas, experiências e comportamentos resultantes definem caminhos ao longo do período de vida.

A concepção de caminhos culturais abrange três grandes tipos de teorias e abordagens: a eco-cultural, a histórico-social e a de valores culturais. A abordagem eco-cultural enfatiza a influência causal das condições materiais do ambiente. A abordagem de valores, em contraste, enfatiza a influência causal dos ideais ou significados psíquicos. A abordagem histórico-social enfatiza a influência causal dos fatores sociais: os processos interativos e os instrumentos simbólicos usados na aprendizagem cultural que se desenvolvem no tempo histórico. É reconhecido entre os pesquisadores que essas diferentes influências não são mutuamente exclusivas. Cada uma tem um peso diferente e interage com as outras em proporções distintas.

A abordagem de valores culturais. Greenfield e colaboradores (2003) reconhecem que esta abordagem é a mais central para o modelo de caminhos culturais através do desenvolvimento universal. Do ponto de vista histórico, esta abordagem tem como pontos de partida a discussão em torno de altruísmo vs egoísmo como resultado de diferentes práticas de socialização em ambientes diferentes realizadas nas pesquisas interculturais e das pesquisas em desenvolvimento cognitivo a partir da distinção entre uma visão de mundo mais individualista vs coletivista.

O caminho independente prioriza a individuação como uma meta de desenvolvimento. As obrigações sociais são negociadas individualmente, os relacionamentos sociais são de escolha pessoal assim como há liberdade de conduta nesses relacionamentos; no caminho interdependente, ao contrário, as obrigações e as responsabilidades sociais têm maior prioridade sobre a escolha individual e, portanto, a submissão às normas sociais estabelecidas é prioridade como uma meta de desenvolvimento.

As metas de desenvolvimento culturalmente relevantes são representadas na forma de etnoteorias implícitas de desenvolvimento, i.é., um sistema de crenças a respeito da natureza da criança ideal e das práticas de socialização necessárias para alcançar esse ideal (Greenfield

et al., 2003). Essas etnoteorias são compartilhadas (e negociadas) entre os membros da comunidade cultural. Esses valores podem ser expressos explicitamente, como na pesquisa das etnoteorias parentais, ou implicitamente, como na pesquisa das práticas culturais, particularmente, as práticas discursivas. A ênfase crescente em conceitualizações nativas das metas dos sistemas de cuidados parentais realizadas por vários pesquisadores deslindou como dimensões nucleares a independência e a interdependência, aplicáveis a todos os domínios do desenvolvimento. A partir disso, é possível distinguir dois grandes grupos humanos de acordo com a orientação cultural:

- Os participantes de culturas não-ocidentais/imigrantes, como chineses, japoneses, indianos, africanos da Nigéria e de Camarões e portorriquenhos subscrevem o ideal cultural de interdependência: suas etnoteorias acentuam a decência (significando responsabilidade, honestidade) e a boa conduta (em termos de educação, respeito pelos mais velhos e lealdade à família) para os domínios do desenvolvimento social e cognitivo.

- Os participantes de comunidades culturais industrializadas do ocidente, como a alemã, a americana-européia e a holandesa, subscrevem o ideal cultural de independência. Suas etnoteorias acentuam a maximização do *self* e a criatividade, curiosidade, assertividade, auto-estima. Alto status socioeconômico e educação formal estão associados com uma orientação mais individualista. As práticas de socialização promovem um quadro de referência etnoteórico, desde o nascimento, ou mesmo antes, dessas comunidades culturais.

A abordagem eco-cultural. Introduzida pelos antropólogos Beatrice e John Whiting, vê o desenvolvimento do comportamento da criança e a aquisição da cultura como resultando de interações entre potencialidades biológicas humanas e condições ambientais. Esta abordagem enfatiza o desenvolvimento como uma adaptação a condições e restrições ambientais. O tamanho da comunidade, as possibilidades econômicas, as características do ambiente físico, a carga de trabalho das mães, a composição da ambiente doméstico e redes de apoio são algumas das variáveis consideradas nas pesquisas deste tipo de abordagem.

Da perspectiva eco-cultural, condições econômicas e ambientais particulares criaram diferentes estruturas que favoreceram diferentes vias de desenvolvimento. Os caminhos de desenvolvimento, dessa forma, surgem como adaptações a essas condições físicas e econômicas. A partir da abordagem ecocultural, a via interdependente parece ser uma resposta adaptativa a pequenas comunidades face a face e a uma economia de subsistência; essas comunidades valorizam a tradição e por isso mudam vagarosamente; as etnoteorias são transmitidas verticalmente de geração em geração, maximizando a continuidade histórica. A via independente parece ser uma resposta adaptativa a comunidades urbanas grandes, anônimas e com uma economia comercial; essas comunidades valorizam a inovação e por isso mudam mais rapidamente. Em sociedades de mudança rápida e complexa, as idéias dos pais diferem substancialmente entre gerações; elas são negociadas horizontalmente dentro das gerações, são balizadas no discurso público através da mídia e pela opinião de especialistas, por ex., pediatras.

A abordagem histórico-social. Enfatiza os processos de construção social, particularmente, a aprendizagem cultural, atividades e práticas culturais, uso de artefatos culturais, incluindo ferramentas e a dimensão histórica desses processos. A perspectiva histórico-social é crucial ao modelo dos caminhos culturais através do desenvolvimento universal. Segundo este modelo, cada trajetória resulta de uma orientação de valor, que gera a construção de práticas de socialização na criança em situações particulares (frequentemente chamada de co-construção para refletir o envolvimento ativo da criança). Esses processos de construção social incluem aprendizagem por 'especialistas' culturais de uma geração adulta, bem como pela interação com pares. As rotinas interativas e os artefatos que são utilizados na aprendizagem cultural têm um papel chave na socialização da criança de maneira que ela prossiga num caminho particular de desenvolvimento. Os processos de construção se tornam particularmente salientes em pessoas biculturais, onde um ou o outro sistema de valores pode se tornar proeminente numa situação particular.

Algumas críticas ao paradigma cultural básico: independência/individualismo e interdependência/coletivismo.

1. Estes paradigmas são considerados por muitos pesquisadores como muito simplistas e reducionistas, principalmente em pesquisas interculturais quando se utilizam questionários para comparar amostras num mesmo país com o propósito de inferir diferenças culturais. As críticas se referem à falta de validade externa dos questionários, de avaliação pouco sensível aos aspectos culturais, de desconsideração do status sócio-econômico e educacional como fatores culturais e de um uso exagerado de rótulos nacionais como representantes da cultura interna.
2. As noções de independência e interdependência coexistem na mesma cultura. A resposta a esta crítica baseia-se na observação de que ambas as noções têm formas diferentes de expressão nos dois contextos culturais, como por exemplo, os relacionamentos livremente escolhidos são valorizados no contexto independente, enquanto as obrigações sociais implícitas são uma premissa mais valorizada no contexto interdependente.
3. Um dado comportamento pode ser valorizado nos dois contextos culturais, mas sua prioridade relativa pode ser diferente. Por exemplo, compartilhar com parentes pode ser valorizado por pais americanos no contexto independente como uma questão de escolha pessoal. No entanto, para imigrantes mexicanos, compartilhar tem uma prioridade maior, simplesmente é esperado que aconteça.
4. Condições de fronteira podem também refletir contatos intergrupais e processos de mudança cultural. Por exemplo, a existência de dois sistemas diferentes em indivíduos biculturais que podem mantê-los como sistemas paralelos, que podem ser ativados independentemente por um estímulo cultural relevante.
5. A existência de diferenças individuais na mesma cultura é destacada como uma crítica; no entanto, essas diferenças individuais precisam ser examinadas dentro de uma visão sistêmica em que aparecem.

Em síntese, a concepção de caminhos de desenvolvimento implica uma organização coerente e significativa de tarefas de desenvolvimento ao longo de todo o curso da vida. Em princípio, as soluções para as tarefas mais iniciais ao longo do caminho formam os fundamentos para os futuros passos sucessivos ao longo do mesmo caminho. Diferenças individuais e interculturais existem na maneira como cada tipo principal de via cultural é negociada. Cada via pode ser vista como um tipo de canalização do desenvolvimento de um significado cultural profundo. Práticas culturais específicas tornam-se, então, operacionalizações desse significado. Diferentes práticas culturais podem ser usadas para operacionalizar a mesma via cultural tanto através como dentro das culturas.

1.1.3 A contribuição da psicologia evolucionista aos processos de desenvolvimento como processos de ajustamento cultural

A junção com outros estudos evolucionários e comparativos mostra que, na evolução humana, houve uma seleção natural dos processos que permitiram aumento da vinculação afetiva, da sobreposição de gerações, do investimento parental e da tendência no jovem a usar o adulto significativo. Foram esses processos que deram a base para a evolução e o desenvolvimento cultural (Bussab & Ribeiro, 1998). Desse modo, concebem-se como essenciais as ligações entre o social, o cultural e o afetivo.

Bussab (2002) mostra extensamente como a análise dos processos de desenvolvimento permite a compreensão de como as predisposições naturais e as informações ambientais interagem. A teoria de apego (Bowlby, 1969/1984), e através da grande quantidade de pesquisa subsequente, deixa claro que existe uma predisposição natural para a formação de vinculações afetivas, constatável nas motivações e nos repertórios básicos das crianças estudadas nas mais diversas culturas, bem como em seus cursos de desenvolvimento. A formação do apego, o medo de estranhos e a ansiedade de separação aparecem de modo típico no desenvolvimento de crianças tanto em famílias nucleares urbanas quanto em famílias estendidas dos bandos caçadores coletores (Eibl-Eibesfeldt, 1989). A aproximação entre aspectos sociais, afetivos e

cognitivos tem sido promovida, com ênfase na compreensão do desenvolvimento cultural. Nestes trabalhos, além da discussão crítica da associação entre responsividade materna e apego, tem havido esforço em incluir o estudo da responsividade materna e da interação mãe-bebê em um referencial teórico que leve em conta variáveis sócio-culturais, dentro de critérios de investigação que permitem comparações interculturais. As interações mãe-bebê, - vistas como produto de uma série de transformações resultantes da evolução da espécie e da ontogênese dos indivíduos, são entendidas como constituindo a via inicial de inserção do bebê na cultura, criando o nicho em que se regulam em termos de limite e de facilitação, as características peculiares de cada criança, assim como as características que ela compartilha com os demais membros do seu grupo e da sua espécie (Ribas & Seidl de Moura, 1998; Seidl de Moura, 1999; Seidl de Moura & Ribas, 2000).

A diferenciação do curso da vida humana em fases, segundo Keller (1998a), pode ser encarada como uma adaptação a demandas contextuais, sendo a infância a fase em que a matriz social primária é construída. As abordagens sociobiológicas têm atribuído às fases o *status* de conquistas filogenéticas em vez de fases transitórias. Os resultados em termos de desenvolvimento das diversas etapas fornecem as bases para modos específicos de exploração e aprendizagem durante a infância.

Uma vez que a natureza humana parece ajustar o indivíduo para se desenvolver em função da rede social e afetiva na qual ele está imerso, há um interesse especial nas comparações interculturais das especificidades da vinculação afetiva. Diferenças nos cuidados parentais, na organização social cotidiana e na exposição típica das pessoas ao modo de vida do grupo poderiam conduzir a diferenciações dos indivíduos das várias culturas (Bussab, 2003).

Keller (1998a; 2007) tem explorado diferenças culturais nesse desenvolvimento, analisando diferentes caminhos de socialização até a adolescência, quanto aos cuidados parentais recebidos em trajetórias classificadas como tipicamente ocidentais e não-ocidentais.

Em primeiro lugar, devem-se examinar as propensões universais relacionadas aos cuidados parentais. Talvez o aspecto mais essencial dos cuidados parentais seja a exibição de calorosidade e de afetos positivos.

Keller (1998b) destaca duas dimensões dos comportamentos parentais como cruciais: a contingência, ou seja, a prontidão para responder aos sinais do bebê; e a calorosidade, ou seja, o tom emocional positivo. Esses fatores têm sido reconhecidos tradicionalmente como determinantes do desenvolvimento do apego. Contudo, recentemente, vêm sendo considerados como componentes independentes.

Keller (2007) dividiu o complexo parental em seis sistemas, considerando que este conjunto evoluiu em resposta a problemas de adaptação de nossos ancestrais, surgido durante os diferentes estágios de nosso passado evolucionário.

Os componentes de contingência (:segurança) e de calorosidade (orientação social) aparecem nos diferentes sistemas. Cada um destes sistemas está relacionado ao desenvolvimento de determinadas características psicológicas e, nos diferentes modos de vida, podendo haver variações no perfil de distribuição de investimentos nos diferentes sistemas. São eles: 1. Sistema de cuidado primário que envolve alimentação, abrigo e higiene. A função psicológica deste sistema restringe-se à redução de diestresse e promove a coesão, segurança e confiança. 2. Sistema de contato corporal. Consiste na experiência de calorosidade emocional. A proximidade permanente fortalece a vinculação, o sentimento de parentesco e de pertença. 3. Sistema de estimulação corporal. Consiste em um tipo especial de estimulação corporal através de uma atividade diádica exclusiva: mães ou pais estimulam seus bebês, proporcionando-lhes experiências motoras desafiadoras, através de toques e movimentos, modulados em função das reações da criança. Sua função psicológica é intensificar a percepção do corpo e a descoberta da eficiência do próprio corpo em relação aos recursos do ambiente. 4. Sistema de estimulação via objeto. Tem como objetivo vincular o bebê ao mundo dos objetos e ao ambiente físico em geral e está intimamente relacionado às atividades exploratórias. Focaliza os processos compartilhados de atenção extra-diádica e dessa maneira dá início e sustenta o desenvolvimento meta-cognitivo, ao mesmo tempo em que libera o bebê de sua dependência das relações sociais. 5. Sistema face a face. Caracterizado por contato de olhar e uso da linguagem. O investimento materno neste sistema implica uma devoção

exclusiva do seu tempo e atenção na troca comportamental diádica. Estas trocas proporcionam ao bebê a experiência de percepção de contingência, compartilhamento de emoções positivas. 6. Envelope narrativo. Salienta o papel da linguagem na construção do *self*, que favorece o desenvolvimento de conceitos do próprio *self* e do outro, assim como promove a apropriação de noções culturais. Keller (1998b, 2007) defende a concepção do sistema parental dividido em subsistemas separados na medida em que cada um deles parece contribuir com diferentes conseqüências psicológicas para a formação de auto-conceitos culturalmente ajustados. Diferentes ênfases nos seis sistemas produziriam diferentes personalidades culturais.

Estas composições culturais permitiriam uma resposta a determinadas condições ambientais e/ou sociais. Em função da quantidade e da qualidade das experiências parentais precoces, *a personalidade cultural* pode ser classificada numa matriz de dimensões psicológicas, constituídas principalmente por proteção e segurança (*self* seguro) alimentadas pelo sistema de cuidados primários, por sentimentos de filiação ou parentesco (*self* social) calcados no sistema de contato corporal, pela consciência do corpo (*self* corporal) oriunda do sistema de estimulação e pela individualidade (*self* mental) baseada no sistema face a face.

Keller (1998a) aponta que embora haja um número infinito de práticas culturais, dois padrões consistentes podem ser detectados: o ocidental (14% da população mundial) e a não-ocidental (86% da população).

Concordamos com as ponderações de Bussab (2003) de que as correlações apontadas por Keller, entre estilos de cuidados parentais e orientações culturais dos adultos, alimentam raciocínios e orientam investigações potencialmente relevantes para a compreensão do desenvolvimento humano. É evidente que a mera correlação não é suficiente para o estabelecimento de uma relação causal direta entre o tipo de cuidado parental e as características socioculturais dos adultos; muitos outros aspectos, além dos cuidados parentais, diferem nos dois tipos de trajetórias identificados. De novo, a identificação de diferenças

mais individuais dentro do próprio grupo cultural, compatíveis com as previstas na teoria, corroboraria com a mesma (Bussab, 2003).

Um núcleo central da teoria do apego é a idéia de universalidade da tendência ao apego em bebês, independentemente do nicho cultural. Desta tese de universalidade não decorre a idéia de que o desenvolvimento do apego seja insensível às influências culturais (IJzendoorn & Sagi, 1999). Ao contrário, a perspectiva admite a suposição de que esta propensão geral se concretize de modos específicos, dependendo do nicho cultural (Hinde & Stevenson-Hinde, 1993).

Em conclusão, é difícil conceber uma teoria de apego sem considerar componentes de contexto, assim como sem levar em conta uma perspectiva universalista. Diferentes estratégias são usadas frente aos vários desafios ao apego, o que permite uma adaptação às mudanças dinâmicas do ambiente (Hinde & Stevenson-Hinde, 1993) e aos limites impostos pelos diferentes nichos. Em muitas culturas, estratégia de apego seguro parece emergir dos cuidados mais sensíveis. Estudos interculturais salientaram a importância da rede social mais ampla no crescimento e desenvolvimento, o que sugere a necessidade de uma mudança de abordagem de uma perspectiva diádica para uma perspectiva de rede de apego (Tavecchio & IJzendoorn, 1987).

A realização de estudos interculturais dá maior visibilidade a dificuldades metodológicas próprias da pesquisa geral de comportamento, ao deixar mais explícita a possível ocorrência de vieses. Numa tentativa de organizar matrizes metodológicas subjacentes a estes estudos, IJzendoorn e Sagi (1999) mencionam a distinção entre duas abordagens: *etic*, em que teorias e avaliações desenvolvidas em uma cultura (como a ocidental, no caso) são aplicadas em outra, para se verificar a validade intercultural ou a especificidade cultural do fenômeno; e *emic*, que focaliza configurações comportamentais e sociais e trajetórias de desenvolvimento que são específicas da cultura e tenta entender esta cultura dentro de seu próprio esquema de referência (Berry, 1969). A maior parte dos estudos realizados é "*etic*".

Estas questões podem ser ampliadas. Nesse sentido, acompanhamos de perto a orientação nesta tese às considerações de

Bussab (2003) que considera que mesmo dentro de uma cultura, os contextos devem ser entendidos. O mero uso de um instrumento, como uma situação de teste, desenvolvido em outro contexto cultural, não é necessariamente inadequado, desde que devidamente ajustado e interpretado. Pior é quando o instrumento produtor de viés é menos óbvio, e está na base das próprias categorias de organização do pensamento do cientista.

1.2 Diferenças culturais entre grupos ocidentais e grupos asiáticos: viés etnocêntrico, aculturação, família asiática, características culturais de personalidade e bem-estar psicológico (depressão e ansiedade social).

Neste capítulo apresentaremos uma amostra de pesquisas que realizam essa comparação. Será dada uma atenção especial às pesquisas que procuram caracterizar os grupos asiáticos, pois o grupo mais estudado, tradicionalmente, na psicologia, tem sido o grupo ocidental, tendo como principal protótipo, americanos de origem caucasiana.

1.2.1 - Viés etnocêntrico: Muitos pesquisadores asiáticos, na tentativa de usar conceitos nativos, descrevem os “métodos de *criação* de filhos” como “métodos de *treinamento*”, para condutas socialmente desejáveis e culturalmente aprovadas, com foco em bom desempenho na escola. (Chao, 1994). É interessante observar, como ela mostra, que o chamado autoritarismo paterno mostra-se relacionado a bom desempenho escolar no grupo asiático, e a mau desempenho escolar no grupo ocidental; isto evidencia a necessidade de entender que o que está sendo designado como autoritarismo difere nos dois grupos e merece ser entendido de modo sistêmico. Muito da literatura asiática sobre “educação infantil” envolve uma crença na bondade inerente da criança interagindo com o ambiente. Os outros significativos no ambiente da criança são responsáveis pelo treinamento precoce da criança, expondo-a a exemplos explícitos de comportamentos apropriados e restringindo os comportamentos indesejáveis. Educar também envolve uma imensa devoção e sacrifício de parte da mãe.

Embora os pesquisadores tenham caracterizado os grupos asiáticos em suas diferenças com os grupos ocidentais, há uma questão importante a ser examinada nessas pesquisas. Noções utilizadas para caracterizar os cuidados parentais dos chineses como: “restritivos”, “controladores” (Baumrid (1991; Bednar & Fisher, 2003; Lin & Fu, 1990), “autoritários” (Steinberg et al., 1992) e “rejeitadores ou hostis” (Lin & Fu, 1990) são etnocêntricos, i.e., coloridos pela ótica cultural do ocidente. É justamente isso que Chao (1994) se propõe a demonstrar: essas noções induzem compreensões equivocadas, principalmente porque não captam as características do estilo chinês de cuidados parentais. É possível associar essas características à noção cultural de *Xiàoshùn* ou “Treinamento”, (porque contém a idéia de ensinar ou educar) advinda dos princípios confucionistas³. Esses princípios conferem um significado muito diferente aos cuidados parentais, não apenas para os chineses, como também para os japoneses, coreanos, vietnamitas, etc., denominados, no geral, como asiáticos na literatura americana. Esses grupos asiáticos, apesar das diferenças significativas entre eles, partilham dos mesmos princípios confucionistas (Ho, 1975; Rhee, Chang & Rhee, 2003).

Para adolescentes americanos-europeus, severidade muitas vezes é equivalente a manifestações de hostilidade parental, agressão, desconfiança e dominação (Rohner & Pettengill, 1985); já para os americanos-asiáticos, obediência aos pais e alguns aspectos de severidade neles podem ser avaliados como preocupação, cuidado, ou envolvimento dos pais. O controle para os pais asiáticos não envolve dominação dos filhos, mas corresponde a um tipo de controle que tem como propósito manter a tranquilidade da família, promovendo dessa maneira sua harmonia (Lau & Cheung, 1987).

As conclusões de Chao (1994) sugerem que os conceitos de autoridade e autoritarismo são etnocêntricos, não captam as características importantes do modo de criação de crianças asiáticas e merecem, portanto, uma análise mais aprofundada, com o qual

³ Três aspectos essenciais do pensamento confucionista: 1. uma pessoa é definida pelas suas relações com os outros, 2. os relacionamentos são estruturados hierarquicamente, e 3. a ordem e a harmonia social são mantidas por cada parte, honrando os requisitos e responsabilidades do papel dos relacionamentos (Bond & Hwang, 1986).

concordamos. A partir disso, vamos, a seguir, relacionar algumas pesquisas para mostrar como foram distinguidos os grupos culturais ocidentais dos grupos culturais asiáticos e examinar, também, que tipo de variáveis e métodos de avaliação foram utilizados para compreender o significado profundo dessas diferenças. Como temas, algumas pesquisas são preocupadas com as dificuldades de aculturação dos jovens imigrantes asiáticos nos EUA e procuram especificar tanto o tipo de família asiática como os correlatos de personalidade culturalmente específicos. Outras focalizam as diferenças entre grupos americanos-europeus com grupos americanos-asiáticos em função de modos de cuidados parentais, estratégias de enfrentamento de dificuldades (*coping*) e variáveis ligadas a bem-estar psicológico (autoestima, humor depressivo e ansiedade social).

1.2.2 – Aculturação

É sabido que a aculturação tende a ser estressante para os imigrantes devido às dificuldades para lidar com as potenciais incompatibilidade cultural, separar-se das redes sociais familiares e conseguir proficiência lingüística. No entanto, as pesquisas sobre aculturação apresentam visões contrastantes, ao considerar seus efeitos sobre o funcionamento emocional. Alguns pesquisadores sugerem que o processo de aculturação tem um impacto negativo, aumentando a tensão psicológica; outros relatam que a aculturação está relacionada com melhora no bem-estar psicológico. Florsheim (1997) pesquisou os fatores relacionados com ajustamento psicossocial entre adolescentes imigrantes chineses nos EUA. Contrariamente às expectativas, os adolescentes chineses que preferiram o Inglês ao Chinês (indicando um nível maior de aculturação) relataram mais dificuldades de ajustamento social. Foi conjecturado que esses jovens chineses identificavam-se menos com a cultura chinesa e estavam mais isolados dos seus amigos chineses. Num sentido convergente a esse, mas com uma compreensão adicional, na pesquisa qualitativa de mestrado que realizei (Sang, 2003) com filhos de imigrantes chineses no Brasil, indicou que falar chinês era uma habilidade importante para sua identidade étnica, com conseqüências positivas no relacionamento com seus respectivos pais, permitindo uma continuidade

cultural, e que não falar chinês pode ser uma forma proposital de limitar a comunicação e entendimento com os pais, negando a identidade étnica.

A pesquisa sobre aculturação⁴ se refere à preocupação crescente com problemas familiares e tensões psicológicas que são experimentados pelos pais imigrantes asiáticos e seus filhos criados nos EUA. Graus diferentes de aculturação e diferenças nos valores entre pais imigrantes e seus filhos freqüentemente resultam numa comunicação equivocada e em conflito intergeracional (Ho & Kang, 1984; Rhee, Chang & Rhee, 2003; Sang, 2003; Sang & Migliavacca, 2007), por causa de expectativas não-realísticas dos pais em relação ao desempenho acadêmico e profissional, super-envolvimento dos pais na vida dos filhos, exclusão dos filhos do processo de tomada de decisões e atitudes negativas em relação aos comportamentos e estilos de vida dos filhos, frutos da aculturação.

Rhee, Chang e Rhee (2003) pesquisaram adolescentes americanos, asiáticos (99) e caucasianos (90), que estudavam num colégio público em Los Angeles, quanto ao nível de aculturação, abertura na comunicação com os pais, interação com amigos e auto-estima e constataram diferenças em padrões de comportamento, rede de amigos, contextos familiares e níveis de auto-estima. Os adolescentes asiáticos tendiam a ser mais dependente da opinião dos pais em relação à escolha de parceiros para namorar, eram menos expressivos emocionalmente, menos assertivos ao tomar decisões, do que seus parceiros caucasianos. Essas condutas parecem refletir a influência dos valores tradicionais e normas culturais dos seus pais imigrantes. Os pais imigrantes asiáticos geralmente esperam que seus filhos mantenham sua herança cultural e, ao mesmo tempo, que dominem certas habilidades necessárias para seu sucesso na sociedade hospedeira.

Os adolescentes asiáticos relataram ter mais cautela e maior dificuldade em se comunicar com seus pais, particularmente com o pai, devido a uma ênfase forte dentro da família sobre a autoridade inquestionável do pai nas culturas asiáticas. Indicaram que seus pais não são bons ouvintes, às vezes os insultam e nem sempre confiam neles e

⁴ Na presente discussão iremos nos referir às pesquisas sobre aculturação publicadas em revistas de divulgação internacional. Temos conhecimento de trabalhos realizados com grupos de japoneses, coreanos e chineses no Brasil que têm com tônica principal, caracterizar especificamente o processo de imigração e aculturação no Brasil desses grupos sem compará-los com os brasileiros.

relataram ter, significativamente, menos amigos próximos do que seus parceiros caucasianos, o que sugere níveis maiores de isolamento social, de rejeição social e possivelmente, habilidades interpessoais mais pobres.

No geral, os resultados de Rhee e colaboradores (2003) sugerem uma falta global de conexão social experimentada por adolescentes com antecedentes de imigração. O isolamento social entre adolescentes americanos-asiáticos pode ser atribuído a características intragrupais que induzem a uma convivência apenas dentro do âmbito familiar, para manter a coesão da família e a interdependência entre seus membros, ao contrário da ênfase nos ocidentais na independência, que visa à formação de uma identidade autônoma. Também é possível que esse isolamento resulte de discriminação e rejeição por parte dos grupos de pares do ambiente local, da escolha limitada de amigos, da segregação e da falta de interação entre grupos de etnias diferentes, como acontece entre coreanos, chineses, vietnamitas e indianos. Apesar de os grupos de imigrantes asiáticos partilharem de muitos costumes, são conhecidos como tendo pouco contato uns com os outros.

Os adolescentes americanos-caucasianos apresentaram níveis mais altos de auto-estima. Para os estudantes asiáticos, o nível de auto-estima estava associado ao nível de aculturação, idade, abertura na comunicação com os pais e o número de irmãos. Houve uma correlação significativamente positiva entre nível de aculturação e auto-estima entre os adolescentes asiáticos. Por exemplo, sair com alguém sem buscar a aprovação dos pais e expressar opiniões durante o processo de tomada de decisões da família é indicador de aculturação às normas ocidentais, americanas. Como resultado disso, jovens mais aculturados tendem a se avaliar mais positivamente do que aqueles que têm dificuldade em se relacionar com os parceiros locais no cotidiano. Porém, níveis mais altos de aculturação entre adolescentes asiáticos podem também causar mais conflitos com seus pais. Não é incomum acontecer um colapso nas relações entre pais e filhos nas famílias de imigrantes asiáticos. O estresse psicossocial resultante, experimentado pelos adolescentes americanos-asiáticos, pode levar a sentimentos de desamparo, raiva, ansiedade e depressão.

A pesquisa de Rhee e colaboradores (2003) permite ter um panorama do tipo de pesquisa que é realizado nos EUA onde as questões de desigualdade entre grupos étnicos são importantes em várias dimensões da vida social nesse país. Embora o artigo é de 2003, suas referências de pesquisas realizadas com os diversos grupos étnicos asiáticos são de 1992.

Em vista do objetivo da presente pesquisa, esse trabalho indica algumas dimensões qualitativa e quantitativamente diferentes que caracterizam os grupos asiáticos e os grupos ocidentais. Essas dimensões destacam a vigência de uma ênfase na cultura específica na qual os indivíduos se desenvolvem, ênfase que autores como Markus e Kitayama (1991) e Keller (2006) descrevem como uma ênfase cultural para a independência nas sociedades ocidentais, urbanas, em contraposição a uma ênfase cultural para a interdependência nas sociedades orientais, de origem rural. Este tópico será examinado posteriormente de maneira mais ampla nesta tese.

Outra pesquisa interessante é a de Yeh e Inose (2002), que ilustra o efeito da orientação cultural no ajustamento e nas estratégias de enfrentamento de conflitos (*coping*), numa amostra de 274 estudantes imigrantes: 114 chineses, 113 coreanos e 47 japoneses; 144 mulheres e 130 homens; idade média: 15,96 (12-18 anos), nos EUA. As conclusões da pesquisa apontaram conflito de valores no processo de aculturação, mesmo sendo considerados como a "minorias modelo" naquele país. Os estudantes asiáticos imigrantes encontram valores e costumes nos EUA que são opostos aos do país de origem, em particular: cooperação vs competição, coletivismo vs individualismo e, relações hierárquicas vs relações igualitárias. As normas e os comportamentos aceitos em seu país de origem podem ser ridicularizados ou mal compreendidos no novo ambiente, o que pode criar confusão e desconforto.

Um aspecto particular dessa pesquisa refere-se aos estudantes japoneses (53,2%), que relataram ter problemas interpessoais. É bem documentado que o conceito de *self Japonês* é relacionalmente determinado, muda conforme as situações com a finalidade de manter a harmonia no relacionamento com os outros. É possível que isso entre em conflito com as noções de *self ocidental* e resulte em problemas

interpessoais com indivíduos orientados para independência. Pode-se supor que os estudantes japoneses sintam-se confusos em relação aos diferentes estilos de interação nos relacionamentos nos EUA. Yeh, Arora, Inose, Okubo, Li e Greene (2003) pesquisaram especificamente essa questão considerando ajustamento cultural e saúde mental de jovens imigrantes japoneses.

Em relação às estratégias de enfrentamento utilizadas, as autoras verificaram que as mais utilizadas foram: procura de suporte social, guardar para si mesmo, atividades criativas e comportamento impulsivo. As menos freqüentes foram: voltar-se para uma orientação escolar, procurar apoio profissional e práticas diversas; quase a metade dos estudantes (47,1%) relatou procurar apoio social o que reforça o que outras pesquisas também relataram, que os asiáticos e os americanos-asiáticos tendem a procurar ajuda da sua rede social mais do que ajuda profissional. Isso concorda com o que outros pesquisadores demonstraram a respeito dos indivíduos de ancestralidade asiática, eles tendem a enfatizar uma identidade coletivista, por isso, é muito provável que os jovens imigrantes se sintam mais confortáveis compartilhando seus problemas com membros próximos da família ou com amigos.

Estudantes imigrantes asiáticos também recorrem mais a atividades criativas quando os problemas emergem. A expressão de sentimentos através de atividades criativas pode ser de ajuda para aqueles que têm dificuldade de partilhar seus pensamentos e sentimentos com outros. Como a expressão emocional pode ser vista como problemática nos relacionamentos interpessoais nas culturas asiáticas, usar atividades criativas pode ser um meio culturalmente apropriado de encontrar bem-estar psicológico. Outras estratégias de enfrentamento de problemas em estudantes imigrantes asiáticos foram: tendem a guardar para si (33,2%) ou agüentar (16,8%) mais do que confrontar (10,9%), atitudes também relacionadas ao estigma cultural ligado à expressão emocional. Em culturas que enfatizam o coletivismo e a interdependência é encorajada a disponibilidade para se sacrificar e agüentar em face à adversidade. Na medida em que manter relacionamentos interpessoais harmoniosos é crucial na cultura

confucionista, esses jovens podem hesitar em se confrontar com os outros para evitar criar conflitos interpessoais.

1.2.3 - Tipos de Famílias Asiáticas: a família chinesa

Neste item vamos relatar duas pesquisas (Chan & Leong, 1994; Hamid, Yue & Leung, 2003) que descrevem a família chinesa imigrante nos EUA focalizando seus valores culturais. A descrição que se segue é importante porque exemplifica alguns dos supostos básicos culturais que poderão nos ajudar a entender as diferenças culturais que estão em jogo. Dentro de uma perspectiva intercultural, Georgas (2008) propõe a necessidade de compreender os diferentes tipos de família nas diferentes culturas que existem no mundo, assim como saber como os diferentes tipos de família se relacionam com as características da sociedade.

A pesquisa de Chan e Leong (1994) é interessante para este trabalho por oferecer uma descrição muito precisa da cultura chinesa ao pesquisar os conflitos em famílias chinesas de ter que viver em duas culturas. O desenvolvimento da cultura chinesa está baseado primariamente em sua civilização agrícola por mais de milhares de anos. Nesse contexto, o indivíduo é definido em termos de uma unidade familiar extensa que é a unidade fundamental em termos sociais e econômicos. Dessa forma, para o indivíduo chinês a harmonia com a natureza e o bem-estar da família antecede o indivíduo. A educação, o autocontrole e a realização de si são valores importantes. Nesse sistema, a família é mais importante que o indivíduo; os papéis são mais importantes do que os sentimentos e pensamentos do indivíduo. A família, influenciada pela doutrina confucionista tem uma estrutura e uma forma de interação que enfatiza a piedade filial; de natureza patriarcal e hierárquica, onde o pai ou o mais velho tem grande autoridade. Autoridade que emana da ênfase cultural na importância de honrar a origem da família através do culto aos ancestrais.

Quando comparados com os valores da cultura ocidental desenha-se um quadro interessante. Por exemplo, a orientação cultural chinesa enfatiza o passado enquanto a cultura americana focaliza o futuro; a orientação primária em termos de relacionamento é em direção aos

vínculos lineares, enquanto o americano tende a ser individualista. Na cultura americana dominante, a competência do homem sobre a natureza é valorizada, a ênfase maior está em fazer, realizar e ser bem sucedido, mais do que na co-existência harmoniosa. As pesquisadoras destacam que essas diferenças não se dão no plano imediato da ação. A diferença está na concepção de self. O self na cultura chinesa é uma “pessoa-grupo” em que os interesses da família-grupo têm precedência sobre o self. Autores como Singelis (1994) denominam esse self como self interdependente em contraposição ao self independente, construtos para os quais criou escalas de avaliação.

Em relação aos papéis de gênero e status na família, a posição da mulher dentro da perspectiva mais tradicional pode parecer menos desejável ou central do que a do homem. As interações interpessoais estão determinadas mais por papéis prescritos, obrigações e deveres, do que pela interação pessoa a pessoa. Os membros da família aprendem a respeitar os mais velhos e a ser interdependentes uns com os outros. Esses são os princípios básicos para compreender as diferenças nas relações marido-esposa, pais-filho, irmãos e no sistema intergeracional. O casamento habitualmente é arranjado, espera-se que a mulher deixe sua família de origem e se torne parte da família do esposo. A relação pais-filhos é vertical, a comunicação é de cima para baixo. Este mesmo tipo de relação vertical rege a relação entre irmãos, onde o mais velho tem autoridade sobre os mais novos, onde a filha mais velha é a cuidadora substituta da mãe. No sistema intergeracional, a geração mais velha merece maior atenção e respeito.

O papel da “vergonha”, a noção de “*cara*” (face), imagem social ou honra e dignidade são valores fundamentais. A perda da imagem social (face) ou honra é vista como afetando toda a família, incluindo os ancestrais (Wong, 1998). A esse respeito, Kam e Bond (2008) pesquisaram especificamente como o impacto da perda da imagem social media a deterioração dos relacionamentos interpessoais comparando chineses e americanos.

Sob o pano de fundo dessa descrição da cultura chinesa é mais fácil entender os conflitos que surgem no seio da família chinesa que emigrou. Por outro lado, é interessante como às famílias chinesas afetam

o desenvolvimento psicossocial dos seus membros mais jovens. Hamid, Yue e Leung (2003) pesquisaram a relação entre o ambiente familiar e os modos de regular conflitos (*coping*) de adolescentes em Hong Kong, examinando diferentes tipos de famílias. Hong Kong foi considerado um contexto socioeconômico único já que combina urbanização, ocidentalização e cultura chinesa.

Esta pesquisa amplia o espectro das famílias asiáticas na atualidade e é útil como referência para a presente pesquisa na medida em que sua amostra tem características semelhantes - idade média dos participantes, grau de instrução colegial, e porque oferece um outro ponto de vista metodológico: descreve as estratégias de enfrentamento de conflito usadas pelos adolescentes em diferentes tipos de famílias para explicar a influência do tipo de da família.

Hamid, Yue e Leung (2003) classificaram em tipos o arranjo de características familiares em função de nível de coesão, grau de conflito e organização. Ao mesmo tempo, relacionaram-nas com tipos de desenvolvimento pessoal que promovem em termos de sentimentos de auto-estima e de senso de competência, associados à habilidade de enfrentamento de conflito. Por último, procuraram identificar, também, as características do ambiente familiar que estão associadas com a adoção de um estilo de enfrentamento mais construtivo. A pesquisa foi realizada com 297 colegiais, 154 meninos e 143 meninas, com idade média de 14 anos. As famílias eram de classe média, residentes em Hong Kong.

Foram identificados vários tipos de família, quanto à presença de conflito, controle, estruturação e coesão. Constatou-se que o estilo de enfrentamento muda em função do tipo de família. Interessa-nos destacar que a *típica família chinesa* foi descrita como suportiva, de baixo conflito. Os adolescentes percebiam harmonia em seus relacionamentos com os membros da sua família e liberdade para expressar suas emoções uns com os outros. Seus pais adotavam um estilo de autoridade. O crescimento pessoal era enfatizado no sentido de conseguir realizações e no sentido moral-religioso. Não há ênfase na recreação, é inútil. Este tipo de família é caracterizado pela organização hierárquica e por um controle democrático. Neste ambiente familiar harmonioso, os membros da

família não exercem um alto grau de independência, é enfatizado o coletivismo, mais do que o individualismo. Famílias com alta coesão, expressividade e organização, baixo conflito e, de baixo a médio nível de controle foram associadas com um estilo de regular conflito mais construtivo; quando os adolescentes tinham uma percepção positiva do seu ambiente familiar tendiam a utilizar como estratégias de *coping*: mobilizar recursos pessoais, procurar ajuda de recursos sociais e a adotar uma filosofia de não fazer nada como um dos seus principais estilos de *coping* (denominado “voluntarismo fatalístico”, enraizado na filosofia taoista da auto-transcendência⁵ de promover um sentido de tranquilidade interior e é explícito na socialização das crianças chinesas).

Resumidamente, os comportamentos de *coping* dos meninos eram de certa forma diferente dos das meninas. As meninas tendiam a se confiar mais no apoio social, enquanto que os meninos tendiam a evitar problemas ou se engajavam em acusações.

1.2.4 – Especificidades dos cuidados parentais de pais asiáticos: entre o tradicional e o moderno.

Na sociedade chinesa, o termo *chiao-yang*, é o mais freqüentemente usado na criação de filhos, onde *chiao* (educação) é mais enfatizado do que *yang* (criação). *Chiao*, o “desenvolvimento adequado do caráter” e *chiao-yu*, educação formal, são as principais preocupações na criação de filhos. Além disso, crença na maleabilidade humana, esforço, auto-aperfeiçoamento e deferência aos grupos instauram nas crianças um sistema de crença que focaliza metas internas. Desse modo, as crianças são socializadas para funcionar em seu ambiente particular e para acreditar que a mudança é possível e está dentro de seu próprio controle.

Lin e Fu (1990) pesquisaram famílias com crianças em Taiwan e nos EUA para comparar práticas de criação de filhos entre pais chineses, pais imigrantes chineses e pais americanos-caucasianos, em termos de controle, expressão aberta de afetos, encorajamento de independência e

⁵ A autotranscendência da filosofia taoista enfatiza alcançar uma harmonia interna equilibrando as próprias expectativas com as demandas externas. Como resultado, esta estratégia de *coping* promove um sentido de consciência iluminada da dinâmica dos conflitos no ambiente mundano e de atingir a harmonia interior. A teoria taoísta de não-ação é diferente do que nas culturas ocidentais é chamado de evitação ou fuga da realidade.

ênfase na realização acadêmica com a finalidade de pontuar diferenças culturais que informam essas práticas. Os resultados indicaram variações nas práticas de criação de filhos. De modo geral, os pais - chineses e os imigrantes chineses - tenderam a ter escores mais altos que os pais americano-caucasianos em controle parental e ênfase em realizações. Em relação ao incentivo para independência, os dois grupos de pais chineses apresentaram escores mais altos do que os pais americanos nesse item, contrariamente ao que está na literatura. As análises mostraram uma correlação moderada entre o incentivo para independência e expectativa de realizações para os dois grupos de pais chineses; isto sugere um ajuste desses pais às novas demandas pelas quais passa a sociedade em Taiwan, no sentido de que é necessário ser independente para conseguir realizações. Esses resultados parecem confirmar a idéia de que os valores e práticas culturais tradicionais ainda têm uma influência importante nas práticas de criação, a despeito das rápidas mudanças sociais e políticas e mesmo, da re-alocação em outro país; apontando mudanças na relação entre a interdependência e o incentivo da individualidade na família chinesa, colocando em evidência as mudanças da modernidade na sociedade, em Taiwan, Hong Kong ou em qualquer outro lugar para o qual os chineses têm emigrado e se estabelecido como um grupo significativo.

A sociedade chinesa tem mudado desde a segunda guerra mundial, do tipo tradicional agrícola para um tipo moderno pluralístico. O aspecto coletivista da sociedade tradicional tem gradualmente perdido sua força estrutural e importância funcional e isso tem resultado numa mudança decrescente na orientação social durante o curso da modernização. A partir dessa mudança espera-se que os chineses estejam se tornando mais autônomos ou, menos orientados socialmente. Yang (1981) e seus colaboradores (Yang et al., 1977, 1974, 1973, 1963) têm procurado relacionar a orientação social vs modernização individualista em estudantes universitários em Taiwan. Tomado o conjunto dessas pesquisas, os autores verificaram que existe uma correlação negativa consistente entre orientação social e modernidade individual, indicando que os indivíduos mais modernizados tendiam a ser menos orientados socialmente. Uma das pesquisas mostrou que a modernidade individual

estava positivamente correlacionada com: necessidade por autonomia, motivação orientada para realização individual e reações extrapunitivas à frustração e, negativamente correlacionadas com: autoritarismo, controle externo, interesse social, orientação para valores coletivistas, reação intrapunitiva à frustração e necessidade de deferência e degradação. Os autores também alertam para a necessidade de entender os resultados dentro de uma perspectiva intercultural ao avaliar as conseqüências psicológicas da aculturação e da modernização entre os membros de um grupo cultural.

Outra pesquisa interessada em comparar a vigência dos modos de criação de filhos em pais chineses foi realizada por Ho e Kang (1984), focalizando duas gerações de pais chineses em Hong Kong. As comparações intergeracionais foram realizadas para delinear mudanças na sociedade em Hong Kong, que permitem supor que as gerações mais jovens tenham níveis mais altos em termos educacionais, de status ocupacional e de proventos do que as gerações mais velhas. Isso só foi possível por ter 17 pares de avós e mães e 20 pares de avôs e pais da mesma família que serviram como informantes. A pesquisa obteve resultados significativos entre gerações e não na comparação das atitudes paternas em relação às atitudes maternas. Os autores esclarecem que as questões ligadas ao controle parental somente são significativas quando se trata de crianças acima dos seis anos de idade, da "idade da compreensibilidade" da criança, quando os pais mudam drasticamente de atitude com a criança de maneira a impor uma disciplina estrita em contraste com certo *laissez-faire* com que trataram à criança quando mais nova.

Os resultados mostraram que a devoção filial não mais comanda no mesmo grau de observância absoluta, é positivamente correlacionada com autoritarismo, com não criatividade e rigidez e, negativamente com capacidade cognitiva complexa. Os pais se afastam mais da orientação tradicional e tendem a ser mais envolvidos no cuidado das crianças do que os avôs. No entanto, a continuidade do passado permanece forte em termos das atitudes e comportamentos da mãe no cuidado do filho, assim como no controle relativo ao sexo e à agressividade, apesar das mudanças importantes que aconteceram. Um alto grau de concordância

intergeracional permanece nas atitudes e concepções que se referem à natureza humana, à importância das influências do ambiente social na formação do caráter e das características desejadas que são esperadas quando as crianças crescem. Na primeira infância, através de uma abundância de nutrição e proteção é construído um reservatório de segurança e confiança nas crianças, de maneira que após a idade de seis anos, quando demandas rígidas para se adequar são esperadas, elas sejam aceitas com mínimo de hostilidade. Desde uma idade muito precoce, a agressão física não é encorajada nem tolerada. A família é integrada, com laços muito fortes. A criança é criada numa atmosfera de respeito mútuo. Alguns deveres filiais são esperados dela, por outro lado, os pais aceitam a responsabilidade de ter um comportamento correto. A criança está constantemente em contato com bons modelos de conduta a partir dos quais modela seu próprio comportamento tanto na família quanto na comunidade (Sollenberger, 1968).

Mais recentemente, Chao (2001) pesquisou os efeitos do relacionamento pais-adolescentes sobre o desempenho escolar para compreender que o estilo de parentalidade com autoridade não tem os mesmos efeitos benéficos para os asiáticos como tem para os americanos. Para os jovens americanos a parentalidade com autoridade promove proximidade, relacionamento íntimo entre pais e filhos, o que pode mediar os efeitos desse estilo de parentalidade sobre o desempenho escolar. Nessa pesquisa, a autora se baseou na classificação proposta por Baunrid (1971) dos estilos de parentalidade; ela já tinha apontado em pesquisa anterior (1994) que, embora proximidade e intimidade no relacionamento com os pais possa ser valorizado por jovens americanos-asiáticos, essas qualidades podem não ser importante para promover seu desempenho escolar ou, para outras metas altamente valorizadas pelos pais. Os pais asiáticos incentivam o desempenho escolar dos seus filhos através de um estilo de parentalidade de "treinamento", o qual enfatiza o trabalho árduo, autodisciplina e obediência, além de respeito aos pais ao invés de proximidade e intimidade. A responsividade dos pais inclui investimento, envolvimento e apoio aos filhos mais do que expressividade emocional (como elogiar, beijar e abraçar, que são avaliadas na maioria dos instrumentos de responsividade parental). Essa

noção de treinamento supõe que os pais imigrantes chineses inculcam outras qualidades no seu relacionamento com os filhos ao invés de proximidade ou intimidade emocional.

A apresentação das pesquisas examinadas neste capítulo teve o intuito de mostrar que, apesar das mudanças socioeconômicas recentes nas sociedades chinesas, a força da tradição é dominante e que as categorias utilizadas para avaliar os estilos de cuidados parentais sofrem do viés etnocêntrico, não consideram a influência do contexto cultural. As conclusões de Chao oferecem uma perspectiva para examinar de forma análoga a categorização dos estilos de apego, tomada como universalmente válida independente do seu contexto cultural.

1.2.5- A Percepção dos Cuidados Parentais pelos Adolescentes. Adolescentes americanos, coreanos, chineses e sino-brasileiros.

As pesquisas que revisamos até aqui examinam os diferentes critérios usados para avaliar a relação entre o estilo de parentalidade (*parenting*) ou - cuidados parentais, com o comportamento dos adolescentes. Como será que os próprios adolescentes percebem seus pais a partir dos cuidados que eles proporcionam? No mestrado, os filhos de imigrantes chineses ao falar da criação que tiveram percebiam que havia “algo” na maneira de ser que os fazia sentirem-se diferentes, diferentes dos colegas “brasileiros” e isto não apenas em função do fenótipo. Isso era algo relacionado à ‘criação’ que tiveram (Sang, 2003). As pesquisas mencionadas a seguir focalizaram a adolescência como um período de transição, de ser orientado pelos pais para se referenciar nos pares, considerando que é no contexto do grupo adolescente que a maior parte da socialização sexual é adquirida e onde se desenvolvem as habilidades para a amizade íntima. A formação da identidade durante a adolescência, como costuma ser teorizada, é alcançada por um desapego emocional da família e pela transferência desse apego aos pares.

A influência dos pares está em seu auge durante a adolescência inicial, ao redor dos 14 anos, e decresce através da adolescência média e tardia.

Inicialmente, é importante observar que as pesquisas revisadas sob este tópico partem da classificação realizada por Baumrid (1991, citada por Bednar & Fisher, 2003) dos estilos de cuidados parentais: pais com autoridade, autoritários, permissivos e negligentes-rejeitadores. Ela distinguiu duas dimensões: exigência e responsividade dos pais e relacionou-os com a habilidade dos adolescentes para alcançar independência e auto-regulação. (Exigência refere-se aos apelos dos pais para que o adolescente se integre à unidade familiar através de pedidos de maturidade, supervisão, disciplina, assim como envolve prontidão dos pais para confrontar o filho quando este desobedece. Responsividade refere-se à extensão em que, intencionalmente, os pais incentivam individualidade, auto-regulação e assertividade sintonizando-se com as necessidades e pedidos dos filhos). Esta pesquisa tem uma forte inspiração numa perspectiva intercultural ao definir dimensões como exigência e responsividade dos pais como sujeitas a influências culturais. Bednar e Fisher (2003) investigaram qual referência os adolescentes tomavam em momentos de tomada de decisão: se os pares, os pais ou outros adultos, dependendo de como percebiam o estilo de cuidados dos pais. Seus resultados levaram a destacar que independente do estilo dos pais, a percepção que o adolescente tem é fator relevante. É interessante observar que, embora o artigo seja de 2003, as pesquisas citadas são das décadas de '60 a '90. Não são citados trabalhos do final dos anos 1990, nem do começo de 2000.

Nessa direção, duas pesquisas (Lau & Cheung, 1987; e Rohner & Pettengill, 1985) examinaram o significado específico das dimensões utilizadas para avaliar esses estilos em adolescentes, chineses e coreanos, respectivamente. Rohner e Pettengill (1985) verificaram como adolescentes coreanos (média de idade:16,5 anos) percebiam os pais. Distinguiram duas dimensões nos cuidados parentais: calorosidade (avaliado em termos de aceitação/rejeição) e controle (avaliado em termos de permissividade/severidade). Lau e Cheung (1987) ao pesquisar a percepção de adolescentes chineses (média de idade: 15 anos) de Hong Kong, refinaram a noção de controle parental distinguindo os aspectos restritivos e dominadores, dos aspectos funcionais e voltados para manter a ordem.

As percepções dos jovens coreanos foram positivamente correlacionadas com calorosidade e aceitação e baixa negligência dos pais. A percepção que esses jovens coreanos têm do controle dos pais assim como da aceitação/rejeição contrasta com os resultados com jovens nos EUA. Algumas pesquisas realizadas sugerem que essas duas dimensões dos cuidados parentais são independentes uma da outra; ou seja, conhecer quão caloroso um pai é visto pelo seu filho não dá base para predizer quão controladores os pais poderão ser percebidos. Os adolescentes americanos associam a severidade do controle dos pais com agressão, hostilidade e rejeição na medida em que isso interfere com o sentimento de ter direito de ser autônomo, de dirigir por si mesmo a própria vida. Controle severo conotava desconfiança e, portanto, rejeição. Ver o controle severo como uma forma de rejeição é revertida na Coréia, onde os adultos e seus filhos honram uma ideologia cultural que enfatiza a importância cardinal da família, obediência às autoridades e deferência em relação aos mais velhos. Apesar do contato com a cultura ocidental, os indivíduos em Coréia ainda vêem a família como uma parte de um todo mais significativo segundo Rohner e Pettengill (1985).

Para os jovens chineses, os aspectos funcionais e voltados para manter a ordem (não os restritivos e dominadores) do controle parental se correlacionaram positivamente com calorosidade dos pais e auto-estima deles. Maior controle parental foi associado com menos coesão e mais conflito; maior organização foi associada com mais coesão e menos conflito. Maior independência permitida pelos pais se associou com mais coesão e menos conflito. Os resultados também mostraram uma correlação positiva de auto-estima com organização e independência, enquanto que houve uma correlação negativa de auto-estima com controle parental.

Tanto na China quanto na Coréia existe o ditado popular: "pai rigoroso, mãe gentil". Shek (2000) também pesquisou as percepções de adolescentes chineses de Hong Kong, considerando-as em função das diferenças entre pais e mães no tratamento e relacionamento com eles através de entrevistas e questionários. Os resultados indicaram que os

adolescentes percebiam as características dos cuidados paternos como menos positivos do que das mães.

Os pais são mais severos e rudes. As mães são mais exigentes, porém são vistas como mais responsivas, demonstrando mais preocupação. A comunicação com o pai é mais baixa do que em relação à mãe, tanto para os meninos quanto para as meninas; enquanto no ocidente, as meninas se comunicam mais com suas mães e os meninos se comunicam igualmente com ambos os pais (Shek, 2000).

Até aqui relatamos pesquisas que utilizaram várias escalas que avaliam Estilos de Cuidados Parentais, Escala de Cenários e Tomada de Decisão, Questionários de Aceitação/Rejeição Parental, Inventário de Comportamentos Parentais relatados pelos filhos e Inventário de Autoestima. Escalas que parecem ser muito conhecidas. Por outro lado, incluímos a seguir a pesquisa de Shek (2000) por utilizar entrevistas semi-estruturadas para colher seus dados, metodologia semelhante usada na pesquisa de mestrado que realizei (Sang, 2003). Os participantes (Média de idade: 21,5 anos) fizeram declarações que acompanham consistentemente algumas questões que foram respondidas nas pesquisas relatadas. A família aparece nas respostas dos participantes como uma referência importante, ela é hierarquizada: o pai manda e os filhos obedecem, cumprindo sua obrigação principal – primeiro estudar e depois ajudar os pais trabalhando no negócio da família. O pai procura manter a coesão da família através de sua autoridade. Uma das participantes dizia: “Tem famílias onde o pai simplesmente manda. Ele manda, acabou. Você não pode retrucar, responder. A gente acata muito fácil. A gente aceita. é muito passiva”. Embora possa parecer ser uma relação autoritária, ser obediente ao pai corresponde a viver em segurança e ter um lugar apropriado na família. Os rapazes manifestaram-se mais ajustados às expectativas dos pais do que as moças, ao mesmo tempo em que dão como certo receber o apoio dos pais. Um dos participantes dizia: “Chinês, geralmente, é muito apegado à família”, parecem mais apegados e dependentes da família. Os participantes disseram passar o tempo livre em casa, ainda que não em atividades compartilhadas com outras pessoas da família. Com relação ao contato afetivo, a maioria dos participantes relatou ter tido

pouco contato com os pais quando crianças. Os pais trabalhavam o dia inteiro no negócio da família, era comum ficarem sozinhos e terem que cuidar de si mesmos durante o dia, vendo os pais apenas à noite, após fecharem o negócio. No entanto, isso não é manifestado com mágoa ou como queixa de abandono. Sugeriam que se sentiam orgulhosos de terem sido capazes de cuidar de si mesmos. Todos os participantes expressaram que a comunicação explícita dos pais com eles é pequena, embora sintam que conhecem as expectativas e valores dos pais, pelos quais se pautam. Alguns chegam a adotar uma atitude “acomodada”, de pouco envolvimento nos assuntos familiares, para evitar possíveis atritos com os pais, como vêm acontecer entre o irmão ou irmã mais velho e os pais. Sintetizando, os participantes descreveram uma mentalidade chinesa que já foi descrita anteriormente como seguindo os princípios confucionistas a partir da educação que receberam em casa.

1.2.6- Bem-estar subjetivo através das culturas e correlatos afetivo-emocionais de personalidade culturalmente específicos. Diferenças culturais em Depressão e Ansiedade Social.

O tema que orienta as pesquisas sobre cultura e bem-estar refere-se ao ambiente construído sócio-culturalmente, composto por padrões de significados, práticas e produtos, que proporciona o plano do que é esperado que as pessoas façam em suas vidas, como o fazem e, eventualmente, em que grau de qualidade, de fato, realizam isso (Kitayama & Park, 2007). Pode-se entender, então, que, como as pessoas alcançam o sentido de bem-estar varia dependendo do contexto sócio-cultural.

O núcleo desta hipótese é a noção de que diferentes culturas oferecem visões diferentes a respeito da natureza do *self* e da maneira como o *self* está relacionado aos outros e que em qualquer contexto cultural os indivíduos estão limitados a formar propensões motivacionais que acompanham a visão de *self* que é sancionada nesse contexto. Isso supõe que aqueles que pensam, sentem e agem de maneira que são congruentes com as expectativas normativas da cultura são mais propensas a alcançar bem-estar e saúde.

A idéia central é que a cultura é implícita e ao mesmo tempo profundamente poderosa no sentido de modelar inúmeros aspectos da experiência, dos processos e mecanismos psicológicos que são subjacentes a ela. As duas concepções de self (independente e interdependente) propostas por Markus e Kitayama (1991) ajudam a compreender as várias práticas e significados que constituem as culturas ocidentais e orientais. Suh e Oishi (2002) revisaram algumas pesquisas sobre bem-estar subjetivo e encontraram que os correlatos utilizados para avaliar bem-estar subjetivo foram: autoestima, consistência do sentimento de identidade, fontes de motivação e avaliação de satisfação de vida.

A pesquisa de Xie, Leong e Feng (2008) ilustra este tipo de pesquisa.

Correlatos de personalidade culturalmente específicos e ansiedade social.

Xie, Leong e Feng (2008) com o objetivo de compreender como a ansiedade é influenciada pela cultura definiram inicialmente os correlatos culturais específicos de personalidade.

Definiram três conjuntos de construtos de personalidade que hipoteticamente refletiriam as variações culturais ao nível individual. O primeiro conjunto desses fatores foi a *autoestima coletiva*. Segundo Luhtanen e Crocker (1992), a autoestima coletiva reflete o valor que o indivíduo coloca em seus grupos sociais ou, a como o indivíduo avalia seus grupos sociais positivamente. Não tem um sentido estritamente pessoal de autoestima. Esse construto se mostrou mais sensível em indivíduos de culturas coletivistas como os asiáticos, do que em indivíduos de culturas mais individualistas como os caucasianos; mesmo assim, o conceito teve uma influência importante na avaliação de bem-estar em indivíduos de culturas individualista. Um segundo conjunto de fatores específicos foi: construto de *self* independente/ interdependente. (O *self independente* é definido como um sentimento de *self* unitário, limitado e estável que é separado do contexto social; enquanto *self interdependente* se refere a um sentimento de *self* mais flexível e variável que enfatiza as características do contexto social: status, papel

social e relacionamentos interpessoais). Estes construtos de *self* têm sido variáveis importantes para relacionar cultura e comportamento. Singelis (1994) operacionalizou essas dimensões de *self* em uma escala de avaliação. Finalmente, um terceiro conjunto se refere ao *perfeccionismo* como um fator que pode ser relacionado com ansiedade. (Hewitt e Flett, 1989, 1991, definiram perfeccionismo em três dimensões: perfeccionismo orientado ao *self*, perfeccionismo orientado ao outro e perfeccionismo socialmente prescrito).

Tendo definido os conjuntos de correlatos de personalidade, Xie e colaboradores (2008) investigaram a relação destes com ansiedade em estudantes universitários (324 chineses e 333 caucasianos). Primeiramente, distinguiram dois tipos de ansiedade: *ansiedade de traço*, definida como prontidão individual para perceber e a responder a situações estressantes ameaçadoras ou perigosas e; *ansiedade social*, resultante da presença ou inferência de uma avaliação interpessoal em situações sociais reais ou imaginadas. Como a ansiedade social envolve situações de interação social, supõe-se que reflita mais as variações culturais causadas por diferentes contextos sociais e culturais. Os autores utilizaram a Escala de Esquiva e Desconforto Social (EEDS) de Watson e Friend (1969) com esta finalidade.

Os resultados indicaram que em relação à ansiedade social, o perfeccionismo socialmente prescrito foi um melhor preditor para os chineses enquanto a ansiedade de traço foi para os caucasianos. O construto de *self independente* predisse melhor ansiedade social para os caucasianos do que para os chineses. No geral, aspectos da autoestima coletiva se correlacionaram mais com ansiedade entre os chineses do que entre os caucasianos.

Depressão.

A cultura pode ter um papel nas diferenças em que distúrbios psiquiátricos em diferentes grupos aparecem. Em relação a como a ansiedade pode ser expressa, a cultura também pode ter um papel. Observações interculturais sugerem que sintomas somáticos são mais

comumente expressos por não-ocidentais e especificamente por grupos chineses, nos quais, sentimentos de culpa, autodepreciação, ideação suicida e humor depressivo são freqüentemente menos comuns quando comparados com grupos ocidentais. No entanto, fatores sócio-econômicos como estigma de doença mental e inadequação de recursos de saúde mental podem ter um papel na ênfase sobre sintomas somáticos. Esses achados também se ligam a teorias interculturais mais amplas que consideram a construção cultural do *self*. Markus e Kitayama (1991) afirmam que atenção à experiência interna psicológica é relativamente sub-enfatizada em culturas coletivistas. Uma ênfase sobre o controle externo de eventos ao invés do controle interno pode influenciar a ativação e focalização em variáveis cognitivas como culpa ou desesperança. Eles propõem que a raiva é menos comum, menos natural e menos integrada na vida social das pessoas nessas culturas. Consistentemente com essa teorização, os padrões de socialização chinesa enfatizam autocontrole, autoconfiança emocional e tolerância à frustração, o que predispõe contra agitação e irritabilidade, componentes comuns da experiência depressiva no ocidente. A tendência a focalizar os sintomas somáticos está relacionada com a dinâmica social dessas culturas, expressar aflição afetiva pode ameaçar as relações íntimas na medida em que o indivíduo pode parecer autocentrado e distante (Nikelly, 1988), assim como a angústia de sintomas somáticos pode ser adaptativa na medida em que desperta um aumento da necessidade de apoio para o indivíduo (Kleinman e Kleinman, 1985). Esses dois grupos de sintomas parecem funcionar conforme um modelo balanceado, níveis mais altos de expressão de sintomas somáticos parecem ser acompanhados por níveis mais baixos de sintomas afetivo-cognitivos. No entanto, ainda não foi pesquisado qual é a tendência de adolescentes chineses comparados com adolescentes ocidentais nesse sentido.

Stewart, Lewinsohn, Lee, Kennard, Hughes e Emslie (2002), avaliaram possíveis diferenças culturais na manifestação de sintomas depressivos, i. é., como o ambiente influencia a expressão da ansiedade e da doença. Seus resultados sugerem que a taxa de adolescentes com depressão em Hong Kong é comparável com as taxas dos adolescentes

ocidentais e que as diferenças por gênero, principalmente em relação às meninas diagnosticadas com depressão no ocidente também estão presentes em Hong Kong. As diferenças culturais nos sintomas foram aparentes, elas não foram consistentes com a teoria de que em Hong Kong haveria mais sintomas somáticos e menos sintomas cognitivos do que nos EUA.

Pesquisas têm revelado relações entre humor depressivo e, - estilo e controle parental e, - qualidade afetiva dos relacionamentos familiares (Greszta, 2006). A associação entre calorosidade e apoio dos pais, e humor depressivo é a mais bem estabelecida: maior calorosidade está associada com menor humor depressivo e com menor oscilação de humor em adolescentes diante de eventos estressantes. Existem poucas pesquisas que relacionam os efeitos dos processos familiares em grupos étnicos diferentes e humor depressivo. Em relação aos grupos asiáticos existem algumas crenças, como a de que as famílias americanas-asiáticas são muito coesas, em grande parte devido à ênfase cultural. Greenberger e Chen (1996) examinaram relações entre processos familiares e humor depressivo, no começo e no final da adolescência, nos dois grupos étnicos (americanos-europeus e americanos-asiáticos), usando a Escala de Ambiente Familiar (FES, Moos & Moos, 1986), a Escala de Calorosidade e Aceitação dos Pais e a Escala de Conflito com os Pais, desenvolvidas pelos autores, e a Escala de Rastreamento de Depressão (CES-D, Radloff, 1975).

Os resultados da pesquisa de Greenberger e Chen (1996) não comprovaram a descrição da família americana-asiática como sendo mais coesa do que as famílias americana-européias, principalmente nas famílias com colegiais. Nessas famílias, a diferença principal correspondeu a uma percepção da calorosidade materna como menor nas famílias americanas-asiáticas. O grupo dos universitários americanos-asiáticos percebeu suas famílias como menos coesas e mais conflitadas, tendo mais conflitos com os pais, menor calorosidade e aceitação dos pais do que o grupo de americanos-europeus. Os indicadores para humor depressivo são muito semelhantes para os dois grupos étnicos no mesmo período da vida. O relacionamento familiar contribuiu mais na explicação

do humor depressivo nos colegiais do que nos universitários, dada a convivência cotidiana desta faixa etária com a família. Parece que as diferenças no nível de sintomas depressivos entre americanos-asiáticos e americanos-europeus somente aparecem mais na fase após o colegial quando questões ligadas à privacidade do adolescente em relação às expectativas dos pais entram em conflito. Não apareceram diferenças significativas em função de sexo dos participantes para depressão.

Posteriormente, Greenberger, Chen, Tally e Qi (2000) examinaram os correlatos de sintomas de humor deprimido entre adolescentes chineses e americanos, considerando a família, amigos e correlatos individuais de sintomatologia depressiva. Entre os chineses, a qualidade das relações familiares e notas escolares apresentaram uma forte associação com sintomas depressivos; enquanto que, para os americanos a associação com as diferenças de gênero foram mais fortes. Para os dois grupos, a calorosidade dos amigos teve um efeito moderador nos fatores de risco para sintomas depressivos.

Pesquisas a respeito de diferenças por gênero na prevalência, incidência e risco de morbidade nos transtornos depressivos e verificaram que de fato há uma diferença significativa para depressão nas mulheres que começa no início da puberdade e persiste ao longo da vida adulta; mesmo que não se saiba os determinantes para essa diferença por gênero (Piccinelli e Wilkinson, 2000). Resultados semelhantes foram confirmados por Parker e Hadzi-Pavlovic (2004) relacionando gênero feminino com transtornos de ansiedade. No Brasil, Avanci, Assis e Oliveira (2008) pesquisando fatores psicossociais numa amostra de adolescentes no estado do Rio de Janeiro, também verificaram uma incidência maior de sintomas depressivos em meninas adolescentes. Takakura e Sakihara (2000), utilizando a Escala para Depressão (CES-D) entre outros questionários para avaliar também estresse de vida, apoio social, práticas saudáveis, auto-estima e fonte de controle de conduta como variáveis psicossociais, verificaram que as meninas também registraram mais sintomas depressivos e que o estresse de vida é um fator de risco para depressão. Sugerem que as diferenças por gênero para depressão podem ser explicadas pela contribuição mais alta das meninas nas variáveis psicossociais.

Ansiedade social

As pesquisas sobre ansiedade social indicam que os sintomas de fobia social podem aumentar na adolescência média, com prevalência de sintomas nos adolescentes do sexo feminino. Na faixa etária, entre os 14-15 anos, os meninos aparecem como mais susceptíveis à fobia social do que as meninas (Ranta, Kaltiala-Heino, Koivisto, Tuomisto, Pelkonen e Marttunen, 2007). Em colegiais, as meninas apresentaram mais ansiedade social que os meninos, especialmente no fator funcionamento social quando se consideram as relações com pares, amigos e o funcionamento social (La Greca e López, 1998). Para verificar se as relações com pares, amigos e parceiros amorosos poderiam prever ansiedade social e depressão em adolescentes, entre 14 a 19 anos, La Greca e Harrison (2005) constataram que múltiplos aspectos das relações sociais do adolescente contribuem de maneira especial para sentimentos internos de desconforto. Verificaram que a filiação a grupos de amigos, ter melhores amigos com qualidades positivas e encontros amorosos eram fatores de proteção contra a ansiedade social. A vitimização nos relacionamentos e interações negativas com os melhores amigos se associava com ansiedade social alta. Em relação à depressão, ter um grupo de amigos de alto status era um fator protetor contra depressão. A presença de sintomas depressivos se associava a vitimização nos relacionamentos e qualidades negativas nos relacionamentos com melhores amigos e nos relacionamentos românticos.

No conjunto, há um reconhecimento da importância da ansiedade social e do humor depressivo como indicativos das características do bem-estar e do ajustamento do adolescente e como relacionado às características familiares inseridas no modo de vida cultural. Entretanto, as evidências nem sempre têm apontado na mesma direção, o que cria um interesse especial no aprofundamento de pesquisas sobre esta questão.

Tendo desenvolvido algumas idéias a respeito dos caminhos culturais de desenvolvimento ideais para compreender a formação da relação entre o *self* e o outro (um enfatizando a individuação e a independência e, o outro, enfatizando a comunidade e a interdependência), vamos a seguir fazer uma descrição sintética, acompanhando as revisões de Thompson (1999) a respeito do apego inicial e desenvolvimento ulterior e de Allen e Land (1999) sobre a teoria do apego e do apego na adolescência, publicadas no *Handbook of Attachment*, de Cassidy e Shaver (1999). O *Handbook of Attachment* reúne trabalhos importantes na área do apego, são revisões rigorosas das reflexões e pesquisas desenvolvidas nos diversos tópicos em que a teoria do apego pôde contribuir. Também do *Handbook of Attachment* será a consulta à revisão de Van IJzendoorn e Sagi (1999) sobre pesquisas em apego, desta vez, sob uma ótica intercultural. Acrescentaremos também as considerações a respeito de apego e cultura de Harwood, Miller e Irizarry (1995). Com esta revisão esperamos poder oferecer um panorama sobre o apego na adolescência acrescido de uma perspectiva intercultural, tema central desta pesquisa.

1.3 Apego inicial e desenvolvimento ulterior.

Ao longo da história humana, têm-se especulado a respeito de como a criança prefigura o adulto. Thompson (1999), por exemplo, destacou que desde as proposições da Psicanálise, vem sendo reconhecida a importância das influências relacionais iniciais para a constituição e crescimento psicológico, proposição cristalizada na famosa passagem de Freud (1940/1963) que se refere ao relacionamento bebê-mãe como "único, sem paralelo, estabelecido inalterado por todo o tempo de vida como o primeiro e mais forte objeto de amor e como o protótipo de todas as relações amorosas posteriores". Instigado por essa herança psicanalítica, Bowlby (1969/1982, 1973) listou formulações da biologia evolucionista, da psicologia do desenvolvimento e da teoria do controle de sistema para argumentar que um relacionamento caloroso e contínuo com o cuidador promove saúde mental e bem-estar ao longo da vida de uma maneira que se ajusta aos requisitos adaptativos da espécie humana.

Em colaboração com Ainsworth (1967, 1973), ele propôs que diferenças na segurança do apego bebê-mãe podem ter implicações significativas a longo prazo para os relacionamentos íntimos posteriores, para a auto-compreensão e mesmo para a psicopatologia.

A teoria do apego oferece algumas razões para se esperar que a segurança possa prefigurar o crescimento psicossocial posterior; a teoria tem sido desenvolvida e corroborada por uma série evidências empíricas acumuladas desde o seu estabelecimento original em meados do século passado. Quanto à estabilidade do estilo de apego ao longo do desenvolvimento, o conceito de "modelo interno de funcionamento" de *self* e do relacionamento, baseado na teoria das relações objetais, ocupa posição central às formulações preditivas de Bowlby (1980, 1988). Bowlby descreveu os modelos de funcionamento como filtros, em grande parte inconsciente, através dos quais os relacionamentos e outras experiências sociais são traduzidos e uma autocompreensão é construída. Ele propôs que experiências iniciais de cuidado sensível ou insensível contribuem para o crescimento de representações mais amplas que se referem à acessibilidade e responsividade do cuidador, bem como às crenças a respeito do próprio mérito de receber esses cuidados. Essas expectativas não apenas possibilitam previsões imediatas da sensibilidade na responsividade do cuidador, como também guiam escolhas e expectativas relacionais futuras, auto-estima e comportamento em relação aos outros. Os modelos de funcionamento provêm regras implícitas de tomada de decisão para relacionar-se com os outros que podem, para o bem ou para o mal, ajudar a confirmar e manter expectativas intuitivas a respeito dos outros e sobre si mesmo.

Neste particular, Bowlby acreditou que os indivíduos com modelos internos de funcionamento seguro procuram e começam a esperar encontros suportivos e satisfatórios com velhos e novos parceiros, e que as regras decisivas de relacionamento com os outros que estão implícitas em seus modelos de relacionamento fazem com que eles se comportem de uma maneira aberta e positiva que elicia esse suporte. Isto é, esses indivíduos têm um modelo positivo de si assim como tem um modelo positivo do outro. Em contraste, os indivíduos com modelos de funcionamento inseguro podem, por causa da desconfiança ou incerteza

engendrada pelas expectativas de relacionamento, antecipar menos apoio dos outros e podem com isso, impedir o tipo de cuidado de apoio do qual eles se beneficiariam. De fato, quando seus parceiros respondem negativamente à sua desconfiança ou hostilidade, isso confirma suas expectativas a respeito da não confiabilidade da aceitação do outro e de seus pontos de vista a respeito de não serem dignos desse cuidado. Em outras palavras, eles têm um modelo de si que tanto pode ser positivo e/ou negativo, ao que corresponde um modelo do outro também positivo e/ou negativo. Uma série de autores expandiu esta teorização, desde 1979 com Sroufe até 1998 com Thompson (Thompson, 1999).

Modelos internos de funcionamento são representações resultantes de desenvolvimento. Essas representações internas tendem a ser auto-perpetuantes, tanto por conta da confirmação de vieses inerentes em seu funcionamento quanto pelo fato de crianças pequenas se comportarem de maneira a eliciar respostas complementares dos seus parceiros, que são consistentes com suas expectativas relacionais. Mais precisamente, modelos de funcionamento são baseados numa rede de representações em desenvolvimento que emergem sucessivamente e de maneira interativa com a idade (Thompson, 1998). Assim, é fácil ver como o desenvolvimento de modelos internos de si e dos relacionamentos, pode ser uma fonte de continuidade entre apegos iniciais e o funcionamento psicossocial subsequente.

Thompson (1999) explica que quatro sistemas representacionais inter-relacionados estão abrangidos dentro das características consciente e inconsciente do modelo de funcionamento, são elas:

1. Expectativas sociais fundamentais dos atributos dos cuidadores e de outros parceiros que foram criadas durante o primeiro ano de vida e são subsequentelemente elaboradas;
2. Representações de eventos por meio dos quais memórias, gerais e específicas, de experiências relacionadas ao apego são concebidas e retidas na memória de longo prazo. Pesquisas apontam que este processo começa durante o terceiro ano de vida.
3. Memórias autobiográficas a partir das quais eventos específicos são conceitualmente conectados por causa de suas relações com uma

narrativa pessoal contínua e uma autocompreensão em desenvolvimento, começando aos quatro anos de idade; e

4. Compreensões a respeito de outras pessoas e de suas características psicológicas (como seus pensamentos, motivos e intenções), a partir dos quais o comportamento dos parceiros de apego e a natureza desses relacionamentos são compreendidos. Isto começa no terceiro e quarto ano de vida. (Esses processos são estudados sob a rubrica de “teoria da mente”).

Para poder compreender o papel do modelo de funcionamento na continuidade entre o apego inicial e o comportamento psicossocial posterior é importante entender os processos de desenvolvimento envolvidos no crescimento, elaboração e consolidação dos modelos de funcionamento em seu caráter multifacetado. Nesse sentido é necessário levar em consideração vários fatores. Em primeiro lugar, que as características do cuidador são as determinantes principais nas representações mais iniciais da relação de cuidado, tanto para o apego seguro ou inseguro; embora não sejam as únicas influências, são cruciais na construção dos modelos de funcionamento, compondo-se com a participação de fatores do indivíduo, como predisposições naturais. Esta simplicidade inicial dos processos representacionais pode contribuir, de fato, para a plasticidade dos modelos de funcionamento até a consolidação desses sistemas de crenças com as capacidades integrativas e meta-representacionais da adolescência (Bowlby, 1973).

Em segundo lugar, na medida em que os modelos de funcionamento estão sendo continuamente revistos e atualizados ao longo do desenvolvimento, seu impacto no funcionamento psicossocial da criança, em qualquer idade particular, pode depender da segurança das representações que se estão desenvolvendo num particular momento. Por exemplo, o apego seguro aos seis anos de idade pode ser de maior significância para a auto-imagem que está emergindo do que um apego seguro na infância inicial, ainda mais quando as diversas facetas da representação do *self* estão se expandindo e refinando nesse momento particular. Uma história de segurança é melhor do que uma história de insegurança na medida em que a auto-imagem está progressivamente sendo construída através da infância, mas, é mais provável que os

modelos de funcionamento do momento sejam mais influentes durante os avanços significativos na autocompreensão e em outros aspectos da representação social durante a infância. Resumidamente, diferentes facetas dos modelos de funcionamento (por ex., expectativas sociais, memórias autobiográficas) não somente têm momentos diferentes de desenvolvimento como talvez, também, diferentes períodos de influência crítica (Thompson, 1999).

Finalmente, porque as representações de crianças pequenas a respeito de suas experiências pessoais, de *self* e dos relacionamentos são moldadas no contexto de um discurso compartilhado com outros (como vimos Greenfield e colaboradores, 2003, definir cultura no capítulo anterior), os cuidadores assumem um papel importante ao guiar a natureza dos modelos iniciais de funcionamento dessas crianças. A partir das suas próprias interpretações dos eventos significativos na vida das crianças, os cuidadores podem influenciar a maneira como as crianças traduzem as experiências que elas encontram e seu significado pessoal, bem como, moldar as representações iniciais de emoção, moralidade e *self* que emergem dessas conversas. Ainda mais, como as crianças gradualmente desenvolvem habilidades conceituais necessárias para representar experiências pessoais de maneiras mais sofisticadas, elas passam a ser mais apta a se apropriar dos pontos de vista e interpretações que foram dados inicialmente no discurso dos seus cuidadores. Nesse aspecto, portanto, figuras de apego influenciam duplamente os modelos de funcionamento; tanto através da qualidade do cuidado que eles dão, como através das interpretações dos eventos que eles oferecem no contexto das conversas compartilhadas com as crianças. Experiências de relacionamentos seguro ou inseguro são geradas e mantidas em crianças jovens.

Outra explicação para a continuidade do apego no desenvolvimento é que o apego na infância modela processos de personalidade emergentes que, à medida que amadurecem e se tornam consolidados nos anos seguintes, exercem uma influência contínua sobre o funcionamento psicossocial. Um apego seguro ou inseguro na infância pode modelar muitos aspectos da personalidade em desenvolvimento, incluindo a sociabilidade, predisposições emocionais, curiosidade, auto-

estima, independência, cooperação e confiança. A importância do apego está também em seus efeitos na organização da personalidade já que diversas características da personalidade são propensas a ser influenciada como um todo pela segurança de apego. Quer dizer, é importante considerar os modelos de funcionamento num contexto de desenvolvimento para compreendê-los como uma fonte de continuidade no desenvolvimento.

Tomadas em conjunto, existem múltiplas razões, que se sobrepõem, para esperar que o apego na infância prefigure o funcionamento psicossocial posterior, que esteja baseado no funcionamento intrapsíquico, na individualidade comportamental, e mesmo, na herança da espécie. Considerados em conjunto, eles provêm um conjunto de hipóteses que se referem às seqüelas do apego que podem ser testadas empiricamente. (Thompson, 1999).

1.3.1. Apego na adolescência

Na adolescência há uma transição dos apegos das figuras adultas para amigos e pares. Allen e Land (1999) afirmam que uma tarefa chave da adolescência é desenvolver autonomia. Nesses termos, os vínculos de apego com os pais são tratados por muitos adolescentes como laços que mais restringem do que laços que ancoram e seguram.

Autores contemporâneos definem o adolescente focalizando a vivência subjetiva de si e do mundo que o cerca, como um sujeito errante, em processo constante de subjetivação que o constitua, no panorama de uma pós-modernidade em que categorias e conceitos são líquidos, sem limites claros. Contrapomo-nos a essa abordagem que ao definir o adolescente dessa maneira simplesmente parece sugerir que ele/ela está constantemente se reconstruindo, se desenvolvendo sem base alguma, sem necessidade de um contexto familiar. Esta concepção parece situar-se no contexto de uma sociedade 'canibal', de alta competitividade para sobreviver; na qual o novo é um valor absoluto acima de tudo, valorizado como triunfo pela sobrevivência. Se assim é, o que serve de base para o desenvolvimento do sujeito? No entanto, ainda que se afirme esta concepção da adolescência, uma reflexão sobre a influência dos contextos culturais de vida se impõe; ou dito de outra

forma, parece importante pensar de que maneira a cultura atribui significados diferentes ao sujeito e como formula e constrói modos de criação dos seus membros jovens dentro de seus contextos específicos de desenvolvimento. Até agora temos as respostas da cultura ocidental como modo de pensar vigente. Considerar a cultura oriental com sua ênfase na interdependência propicia que, talvez, a adolescência possa ser pensada como um período em que o adolescente é chamado a realizar sua primeira tentativa de entrar no mundo adulto em seus diversos aspectos específicos, procurando encontrar seu lugar em relação aos outros, numa direção oposta à orientação para a independência e individualismo da cultura ocidental. Nesse sentido, as categorias de apego seguro e inseguro devem ser examinadas em seu contexto. Por exemplo, pensar no apego seguro numa cultura anglo-saxônica, voltada para a independência, provavelmente é muito diferente da concepção de independência numa cultura latino-americana, como demonstraram Harwood, Miller e Irizarry (1995) em sua pesquisa ao comparar grupos de mães americanas com grupos de mães porto-riquenhas. Analogamente pode ser contrastada a categoria de apego inseguro para uma cultura anglo-saxônica e para uma cultura latino-americana. Os achados da pesquisa desses autores demonstraram pela primeira vez como cultura e classe social, separadamente e juntas, predizem as preferências das mães em relação ao comportamento de seus bebês tanto num contexto comum como na Situação Estranha simulada de Ainsworth. Evidenciaram que o repertório universal de comportamentos potenciais que bebês podem manifestar na Situação Estranha é sujeito a modelagens culturais específicas, de modo que padrões de comportamento de apego que classificavam como 'seguros' podem ser preferidos. Alertam que as categorias de apego seguro e inseguro devem ser consideradas como diferenças individuais que são diferencialmente interpretados e valorados em grupos diferentes, dentro da nossa sociedade bem como em outra qualquer.

A nossa objeção às descrições da adolescência de Allen e Land (1999), refere-se à necessidade de incluir os aspectos advindos da cultura quando se examinam formas de vinculação de apego na adolescência, seguindo as recomendações de Harwood, Miller e Irizarry

(1995). Concordamos com Allen e Land (1999), quando propõem que a idéia principal é que o adolescente se torna, em certo sentido, - ao ampliar de modo significativo suas vinculações - menos dependente dos pais em uma série de aspectos, mas ao mesmo tempo, continua dependente nessa ampliação das características de vínculo com os pais; desse modo, o relacionamento com os pais não passa a ser menos importante. Os próprios autores fornecem argumentos nesse sentido por nós favorecido, ao referir que Bowlby (1973) não considera a rebeldia adolescente como um requisito para uma individuação sadia; relações próximas com os pais promovem o crescimento da autoconfiança do adolescente e de sua individuação. O sistema de apego parece ter um papel integrador, ajudando o adolescente a enfrentar este desafio.

Aceitamos as considerações expostas de Allen e Land (1999) de que por esses motivos o exame do comportamento do adolescente pode ser mais complexo: aparentes situações de conflito com os pais precisam ser vistas no contexto das mudanças de desenvolvimento da adolescência, assim como no seu contexto cultural. A adolescência é também caracterizada pelo processo de diferenciação entre o *self* e o outro, o que pode acontecer com um acréscimo dramático (Bowlby, 1973), e se tornar mais internamente baseado e, menos centrado em torno de um relacionamento particular, também em virtude do desenvolvimento das capacidades cognitivas do adolescente, que em termos piagetianos corresponde à passagem do estágio das operações concretas para o estágio das operações abstratas (Chen & Farruggia, 2002). Este desenvolvimento cognitivo na adolescência permite que o adolescente passe a ter capacidade de tomar a perspectiva lógica do outro e de considerar os relacionamentos de apego tanto do seu ponto de vista, quanto do ponto de vista dos pais. Isso permite corrigir os objetivos do relacionamento de parceria com cada um dos pais (Allen & Land, 1999). O surgimento da capacidade para o pensamento formal e operacional na adolescência permite que o indivíduo comece a construir uma postura mais global em relação às experiências de apego, a partir das experiências com seus múltiplos cuidadores. Permite que o adolescente considere mais possibilidades contrafactuais e abstratas, o que o leva a comparar os relacionamentos com diferentes figuras de

apego, assim como com figuras ideais. Esta habilidade traz consigo a possibilidade de reconhecer que os pais podem ser deficientes em formas diversas e de buscar compensação em outros relacionamentos. Ainda que esse processo possa deixar o adolescente propenso a se tornar raivosamente preocupado ou depreciativamente evitativo por conta dos pais “deficientes”, isso, idealmente, levaria a uma maior abertura, objetividade e flexibilidade na re-avaliação de relacionamentos de apego passados e a uma capacidade metacognitiva - como Main (2000) denominou - característica, que marca a presença de uma organização de apego segura em adolescentes e adultos jovens.

As pesquisas a respeito da autonomia e da capacidade de se relacionar do adolescente começam a vincular esses processos de desenvolvimento à organização de apego do indivíduo antes da adolescência. Por exemplo, uma pesquisa recente mostrou que a segurança da criança era mais claramente preditiva das qualidades observadas de autonomia e da capacidade de se relacionar nas interações pais-adolescente do que as avaliações de segurança do adolescente baseadas em entrevistas (Becker-Stoll & Fremmer-Bombik, 1997). Isso sugere que um balanceamento bem sucedido dos esforços para alcançar autonomia e manter um sentido de relacionamento nas interações pais-adolescente, quando há desacordos, pode potencialmente ser considerada uma manifestação de apego seguro na adolescência (Allen, Kuperminc & Moore, 1997). Em pesquisa mais recente, Allen, Isabella, Porter, Smith, Land e Phillips (2006) tendo como referência a luta do adolescente em conseguir autonomia mantendo sua capacidade de se relacionar, examinaram dados longitudinais de padrões de interação comportamental de jovens adolescentes (13-14 anos) com pais e pares e identificaram padrões disfuncionais que se relacionavam com níveis crescentes de sintomas depressivos ao longo da adolescência.

A visão de Bowlby (1973) de sistemas de comportamento em competição, e sua ênfase no equilíbrio entre os sistemas de apego e os sistemas exploratórios, ajudam a conciliar essas observações na medida em que se passa a ver a adolescência como um ponto no curso da vida onde é muito importante que o sistema exploratório esteja altamente ativado e completamente desenvolvido. Pesquisas apóiam a idéia de que

a presença de comportamentos de busca de autonomia em adolescentes tende a estar altamente correlacionada com evidências de um relacionamento positivo subjacente com os pais (Allen, Hauser, Bell & O'Connor, 1994).

Resumidamente, parece fundamental que o adolescente desenvolva capacidade para uma resposta apurada e pensada às experiências de apego, fruto de uma distância crítica e de objetividade emocional, em relação aos pais. Por sua vez, esse desenvolvimento parece ser crucial para resolver dificuldades de apego no relacionamento com os pais de forma que permita a alguns adolescentes formarem relacionamentos mais seguros com outros e com pares, no futuro. O desenvolvimento de relacionamentos com os pares na adolescência caracteriza-se pela emergência gradual da capacidade de intimidade e de dar apoio nos moldes adulto. Por volta da adolescência média, as interações com os pares começam a ter muitas das funções que terão no restante do curso da vida, provendo fontes importantes de intimidade, reconhecimento no comportamento social, influência e informação social e em última instância, relacionamentos de apego e de parceria duradouros. Esse desenvolvimento parece derivar mais dos relacionamentos de apego anteriores com os pais do que dos relacionamentos de apego anteriores com pares (Allen & Land, 1999).

Pesquisas recentes sugerem que sob determinadas circunstâncias é mais adequado falar em díades seguras ou inseguras, na medida em que elas mostram taxas de alta concordância entre a organização de apego de indivíduos adultos e dos seus pais (Benoit & Parker, 1994). Em famílias com adolescentes seguros, as dificuldades são manifestadas num processo mais suave de equilíbrio entre autonomia e necessidades de apego, talvez, porque esses adolescentes tenham mais confiança de que seus relacionamentos permanecerão intactos e funcionais a despeito de desacordos com os pais, o que permite que eles tendam a se engajar em discussões produtivas voltadas para resolver problemas, equilibrar busca de autonomia com esforços para preservar a relação atual com os pais. Nas díades inseguras, os desacordos levam tanto ao retraimento, quanto à hostilidade e tensão. Nessas díades, a esquiva, a raiva disfuncional e o comportamento de pressionar, podem ser explicados como respostas da

díade aos esforços do adolescente para estabelecer autonomia em situações de desacordo que são vividos como uma ameaça ao relacionamento da díade. O adolescente inseguro não espera ser nem ouvido nem entendido pelos pais, o que dificulta a sintonia com os sentimentos e perspectivas do adolescente. Fatores como mau-humor, relacionamentos mutantes, tensão e crescente independência (emocional e comportamental) em relação aos pais que caracterizam o desenvolvimento, em conjunto, ajudam a criar um estado crônico de ativação do sistema de apego, aumentando deste modo o impacto de um relacionamento parental inseguro sobre o adolescente. Ironicamente, isso ocorre ao mesmo tempo em que o adolescente está tentando começar a reduzir a centralidade do relacionamento com os pais em sua vida. Os adolescentes rejeitadores foram os que mostraram menor autonomia e capacidade de se relacionar em suas interações com os pais (Becker-Stroll & Fremmer-Bombik, 1997); isso sugere que o retraimento de indivíduos rejeitadores em relação ao compromisso com figuras de apego pode dificultar particularmente a tarefa de renegociar a natureza do relacionamento pais-adolescente. Em contraste, no estilo preocupado, parece haver um super-engajamento improdutivo e intenso com os pais em discussões que em última instância minam a autonomia do adolescente.

A respeito das relações entre os estilos de apego de adolescentes e características relacionadas ao bem-estar psicológico e ao funcionamento psicossocial foram realizadas diversas pesquisas entre essas variáveis. Por exemplo, Armsden, McCauley, Greenberg, Burke e Mitchell (1990) partindo da idéia de que apego inseguro tem um papel significativo no desenvolvimento de modos de adaptação com potencial para depressão e, portanto, constituindo um fator de vulnerabilidade para sua emergência em jovens adolescentes compararam grupos de adolescentes (com e sem diagnóstico de depressão) e verificaram que os adolescentes deprimidos de fato tinham um apego inseguro com pais e amigos. Outras pesquisas confirmam esta forte conexão entre a depressão no adolescente e apego inseguro, em particular com o apego preocupado; esse tipo de apego preocupado têm sido mais relacionados à internalização de problemas, particularmente, a auto-relatos de

depressão (Allen, Moore, Kuperminc & Bell, 1998). Kobak e Cole (1994) sugerem que estratégias diferentes de apego podem predizer grupos diferentes de sintomas psicológicos na medida em que refletem abordagens diferentes para lidar com indicações de tensão. Adolescentes rejeitadores podem ter sintomas que desviam a atenção desses indicadores, enquanto indivíduos preocupados têm sintomas que focalizam esses indicadores e ativam intensamente o sistema de apego.

Resumidamente, a relação de segurança no apego nos relacionamentos de adolescentes com pais e amigos em diversos domínios do funcionamento psicossocial aponta que: segurança no apego se relacionou com estabelecer com sucesso autonomia mantendo ao mesmo um sentimento de ser capaz de se relacionar tanto com pais quanto com amigos e, insegurança se relacionou com padrões de externalização de problemas e sintomas depressivos ao longo da adolescência (Allen, Porter, McFarland, McElhaney & Marsh, 2007). No entanto, deve-se entender que externalizar comportamentos problemáticos, ter sintomas, podem ser expressão de tensão ou de psicopatologia, são também tentativas de mudar a natureza da interação da díade pais-adolescentes, pois podem ser formas de pedir ajuda e intervenção dos pais em relação ao seu bem-estar.

Uma capacidade importante que se desenvolve na adolescência é a capacidade para regular afeto e comportamento, independente de se confiar em um cuidador primário (Kobak & Cole, 1994). Focalizar os aspectos da regulação emocional da organização do apego do adolescente oferece também uma previsão clara a respeito do momento e condições sob as quais a organização do apego se tornará uma propriedade interna estável do indivíduo em desenvolvimento, mais do que um mero reflexo das relações habituais com o cuidador primário. Se a organização do apego reflete primariamente uma estratégia para lidar com afeto intenso, então é mais provável que se trate de uma qualidade interna. Se ao contrário, a regulação emocional depender de se confiar ao cuidador primário, então ela é meramente adaptativa (Allen & Land, 1999). As estratégias de apego preocupado e rejeitador podem levar a desenvolver comportamentos problemáticos ao influenciar a maneira como os adolescentes processam afetos negativos. Rosenstein e Horowitz

(1996) notaram que característica do tipo preocupado de se focalizar intensamente nos pais pode levar a não aprender a autoregulação de afetos negativos, assim como a não desenvolver a competência exploratória necessária para aprender habilidades regulatórias com outras fontes de relacionamento.

Voltando à questão da continuidade do apego da infância à adolescência Allen e Land, (1999) afirmam que as continuidades estruturais subjacentes ao apego são mais claramente manifestas em interações discretas com os pais e em níveis de funcionamento psicossocial, do que na organização global do apego como é correntemente teorizado.

Parece que a continuidade observada nas estratégias de apego da infância à adolescência reflete primariamente continuidade nos *cuidados parentais* recebida, mais do que continuidades que resultam de um sistema *interno*, um modelo de funcionamento de *self* em relações de apego (Thompson, 1999; van Ijzendoorn, 1996). Van Ijzendoorn (1996) questiona se de fato existe qualquer estabilidade no apego desde a infância até a adolescência, e aponta evidência de que continuidades observadas nesse período de tempo podem primariamente refletir a estabilidade nas estratégias de apego dos pais. Sugere que a estabilidade das estratégias de apego do adolescente depende mais da estabilidade das estratégias de apego dos pais (do que dos modelos internos de funcionamento); na medida em que prevalece a qualidade do relacionamento, os modelos internos de funcionamento parecem ser mais susceptíveis e dependentes do estado vigente dos relacionamentos. Para ele é razoável pensar que o apego avaliado em bebês e em crianças pequenas é principalmente um epifenômeno, que registra uma resposta adaptativa a padrões relativamente estáveis de manejo do afeto por parte dos pais. A organização do apego de bebês pode predizer muitos resultados futuros (incluindo a natureza das estratégias de apego e os comportamentos de apego usados na adolescência) simplesmente porque ele é marcado por um aspecto importante e estável dos cuidados parentais que tende a persistir através do tempo, mas neste caso, os elementos essenciais do apego podem residir mais nos pais do que nos

bebês. Aqui se acentua o efeito do ambiente na característica das relações de apego que se constituem.

Posto desta forma surge uma questão crítica quanto ao momento em que a organização de apego se torna uma propriedade do indivíduo e não apenas um reflexo das qualidades dos relacionamentos de apego em andamento. O ponto chave da questão é identificar em que ponto do curso da vida a organização do apego do indivíduo começa a se tornar estável, ainda que seguindo mudanças no cuidado recebido do cuidador primário. Esse processo pode bem ocorrer gradualmente por um período de alguns anos, de maneira que a organização de apego do adolescente reflita em parte um estado interno duradouro e em parte reflita um conjunto de respostas desenvolvidas para adaptar-se aos comportamentos habituais das principais figuras de apego do adolescente (Allen & Land, 1999).

É também possível que a organização do apego nunca exista completamente sem ser, em alguma extensão, dependente da natureza específica das relações de apego existentes. Main e Hesse (1990), ao tratar da elaboração da perda de uma figura de apego, mesmo no período adulto, sugerem que, ao menos em alguns aspectos, o sistema de apego permanece sujeito a influências sociais e ambientais ao longo de todo o curso da vida.

Como propõem Allen e Land (1999), uma hipótese para a questão da continuidade das estratégias de apego da infância na adolescência sugere que a transmissão da organização de apego dos pais para o adolescente resulta da função do sistema de apego em sustentar as capacidades de regulação emocional em desenvolvimento do adolescente. Isto por sua vez parece oferecer uma vantagem evolutiva, em termos da tendência futura para a reprodução, ao aumentar as habilidades sociais do adolescente ou por sintonizar as estratégias do adolescente com seu ambiente social como sugere Belsky (1999).

Como em outros estágios de desenvolvimento, as estratégias de apego dos adolescentes estão relacionadas a numerosos aspectos do funcionamento psicossocial. Essas estratégias são também legitimamente relacionadas às estratégias de apego dos pais. Todavia, as tentativas de avaliar apego na adolescência inevitavelmente deverão confrontar-se

com as questões relativas ao que se tornou o apego e a que funções servem neste estágio da vida, conforme examinaram Allen e Land, 1999.

Numa análise do apego na pesquisa intercultural, Grossmann e Grossmann, (1990) procuram ampliar o conceito de apego apontando como o modelo interno de funcionamento do indivíduo, que resulta da história de apego da díade, pode determinar como conflitos emocionais internos são resolvidos. Afirmam que baseados nos dados longitudinais disponíveis, dois estilos de respostas emocionais aparecem majoritariamente: 1.indivíduos com histórias de apego seguro prestam atenção ao espectro completo das causas externas dos conflitos emocionais, podendo tolerar emoções contraditórias. 2.indivíduos com histórias de apego inseguro, diferentemente, somente prestam atenção a frações selecionadas de suas reações emocionais num dado momento e com isso, tendem a perder de vista o espectro completo das causas externas que podem provocar potenciais conflitos emocionais. Estas conseqüências de desenvolvimento parecem ser universais. As diferenças culturais podem existir em termos de freqüência e dificuldade dos desafios potencialmente conflitantes com os quais o indivíduo se depara ao longo de seu desenvolvimento.

A revisão de Allen e Land (1999) das pesquisas sobre apego na adolescência aponta a consistência dos cuidados parentais da infância à adolescência como fator principal na continuidade do apego. Fica, portanto, a ser pesquisado o quanto o modelo interno de si, como modelo representacional do vínculo de apego com os pais está marcado pelos significados dados pelos pais em função de valores sócio-culturais e ao mesmo tempo, é sensível a mudanças e atualizações. Certamente, ao pesquisar estilos de apego em adolescentes temos que ter consciência de que os resultados - na melhor das hipóteses, somente nos oferecem um retrato do momento presente, que permite apenas uma descrição do funcionamento sócio-afetivo atual, refletindo seguramente, diferenças individuais ou grupais. Acreditamos que pensando dessa maneira estamos incluindo a proposição de Harwood, Miller e Irizarry (1995) de focalizar o papel da cultura como um aspecto do apego, i. e., procurando conhecer o significado dado a padrões ótimos de apego em grupos sócio-culturais diferentes, como procuramos mostrar no capítulo anterior (1.2)

a respeito das diferenças culturais entre grupos ocidentais e grupos asiáticos.

1.4- Objetivos

O objetivo deste trabalho, em primeiro lugar, foi verificar se haveriam características diferenciais entre adolescentes criados num ambiente familiar cujos pais têm uma origem étnica diferente; em particular, de origem oriental (especificamente: chineses, japoneses e coreanos).

A idéia era verificar se essa diferença no modo de criação associado à etnia, de fato, representa uma diferença significativa na maneira de se relacionar nesses adolescentes para além das homogeneidades propiciadas por um ambiente social relativamente o mesmo para todos: a mesma cidade, o mesmo colégio, e talvez, uma experiência socioeconômica, ao menos, semelhante.

Metodologicamente, este trabalho representou a possibilidade de objetivar algumas impressões a respeito da influência dos modos de criação dos pais sobre a formação de seus filhos, especialmente, num momento particular do desenvolvimento: a adolescência, quando essas influências parecem emergir com exuberância: o amigo não é mais apenas um companheiro de brinquedos ou de escola, ele passa a ser um parceiro de experiências, em quem o adolescente se espelha e/ou encontra afinidades não somente na maneira de ser, mas também na forma de ver o mundo ao redor e principalmente, com quem se descobrem as simpatias/antipatias que podem se tornar as paixões de amor, rivalidade, ódio, solidariedade e cumplicidade entre outras tantas emoções. Um amigo com quem se partilha também intimidades, e as primeiras aventuras amorosas.

O destaque que Bowlby deu à idéia das predisposições naturais humanas para a vinculação afetiva serviu como ponto de partida alternativo à psicanálise, para a pesquisa sobre a formação afetiva do indivíduo. Concordamos com Bussab (2003) quando afirma que a natureza humana parece ter ajustado o indivíduo para se desenvolver em função da rede social e afetiva na qual ele está imerso. Em contrapartida,

estas características esboçam os elementos essenciais do nosso ambiente natural: um grupo social e afetivamente organizado à nossa volta.

Em síntese, objetiva-se:

1. Caracterizar os participantes de acordo com seus estilos de apego de acordo com o Questionário de Estilos de Apego (Bartholomew & Horowitz, 1991) e em relação aos fatores do Inventário de Apego a Pais e Amigos (Armsden & Greenberg, 1987).
2. Comparar os dois grupos (orientais e ocidentais) em função dos Estilos de Apego e gênero.
3. Verificar diferenças nas dimensões subjacentes ao Estilo de Apego em termos de Modelo de Si e Modelo do Outro de acordo com a teorização de Bartholomew e Horowitz (1991) em função de etnia e gênero.
4. Comparar os dois grupos em termos de estilos de apego e gênero em função de ansiedade social ou fobia social através de Escala de Esquiva e Desconforto Social (EEDS) de Watson e Friend (1969) traduzida por Barros Neto (1996).
5. Comparar os dois grupos em termos de estilos de apego e gênero em relação aos fatores do Inventário de Apego a Pais e Amigos (Armsden & Greenberg, 1987) em função de indicadores de depressão através de Escala de Rastreamento Populacional para Depressão em Populações Clínicas e Não-clínicas em Adolescentes e Adultos Jovens (CESD) de Radlof (1977), traduzida por Silveira e Jorge (1998-99).
6. Usar os indicadores de bem-estar (depressão e fobia social) para contextualizar possíveis diferenças étnicas em apego e corrigir possíveis vieses etnocêntricos na avaliação do apego.

2. MÉTODO

2.1 Participantes

A amostra foi composta por 328 participantes. Como mostra a Tabela 1, havia 203 participantes do sexo masculino, dos quais 58 (28,6%) eram de origem oriental e 145 (71,4%) de origem ocidental e, 125 participantes do sexo feminino, dos quais 43 (34,4%) eram de origem oriental e 82 (65,6%) de origem ocidental. Na amostra total havia 30,8% (n=101) de orientais e 69,2% de ocidentais (n=227). Na tabela 1 são representados os dados demográficos da amostra estudada. O valor de resíduo ajustado adicionado visa verificar a não existência de associação significativa entre Sexo e Etnia. Em nosso caso, o resíduo ajustado (que representa a diferença entre esperado e observado) menor que 2, mostra que não existe associação entre Sexo e Etnia em nossa amostra; demonstrando a homogeneidade dos grupos e validando as análises subsequentes.

Tabela 1: Distribuição dos participantes em função de sexo e etnia (ocidental e oriental)

			Etnia		Total
			Ocidental	Oriental	
Sexo	Masculino	N	145	58	203
		Resíduo Ajustado	1,1	-1,1	
	Feminino	N	82	43	125
		Resíduo Ajustado	-1,1	1,1	
Total		N	227	101	328

Os participantes freqüentavam o segundo ano do colegial em duas escolas particulares (Colégio A e Colégio B) de São Paulo que são conhecidas como colégios que são freqüentados em número significativo por alunos de origem asiática (chineses, japoneses e coreanos). Escolhemos alunos do 2º colegial com média de idade de 15 anos por nos parecer que estariam numa série em que a passagem para a adolescência inicial estaria mais consolidada em relação aos indivíduos que estavam no 1º colegial, série seguinte ao Ensino Fundamental. Também foi levado em consideração que, embora pudessem estar envolvidos com questões de escolha profissional ainda não estariam submetidos ao estresse do cursinho para o vestibular.

2.2- Condições de aplicação

Tendo o consentimento da direção do colégio para fazer a pesquisa, o colégio cedeu uma aula da grade para que os alunos completassem os questionários. Aos participantes foi explicado que estariam participando de uma pesquisa que objetivava conhecer como os adolescentes da sua idade falavam do seu relacionamento com os pais e amigos e que não seriam fornecidos nem resultados ou avaliações individuais. Disse-lhes que os dados seriam tratados populacionalmente em uma tese de doutorado; no entanto, se algum deles quisesse conversar com o pesquisador poderia assim fazê-lo através do endereço que constava no termo de consentimento (ver Anexo 1). Enfatizou-se a importância de participar em uma pesquisa que poderia ajudar a compreender melhor o adolescente e seus relacionamentos. Durante a aplicação o pesquisador esteve presente para dirimir dúvidas e controlar o tempo de aplicação. O processo de distribuição, aplicação e recolhimento tomou 45 minutos. Este procedimento de aplicação foi realizado em três dias diferentes, cada dia para cada turma de estudantes. Duas no mesmo colégio.

Entre os protocolos aplicados encontramos alguns indivíduos filhos de casamento de pai/mãe oriental com pai/mãe ocidental, mas resolvemos desconsiderá-los por ser pouco expressivo como uma parcela significativa para análise estatística.

No questionário demográfico foi apenas solicitada a profissão do pai e da mãe, assim como o país de origem dos pais. A grande maioria era constituída por profissionais com curso superior de ensino (cerca de 80%). Não pedimos uma informação direta a respeito do nível sócio-econômico dos pais, mas solicitamos as informações sobre as profissões do pai e da mãe; inferimos que exista certa homogeneidade nesse aspecto, pois a mensalidade nesses colégios é alta.

2.3 Instrumentos

2.3.1- Questionários de Estilos de Apego, Bartholomew e Horowitz (1991).

Baseado nos trabalhos de Hazan e Shaver (1987) para avaliar estilos de apego em adultos, Bartholomew & Horowitz (1991) propuseram um questionário com quatro parágrafos (veja anexo 5), retratando além dos três tipos básicos de apego (seguro, evitativo e resistente), um quarto tipo, resultado da distinção dos evitativos em “medrosos” e “rejeitadores” classificados por Bartholomew (1990).

Trata-se de um instrumento (ver Anexo 2) que possibilita tanto medida categórica, como possibilita avaliar o quão bem cada um dos parágrafos se adapta ao relacionamento do respondente ao atribuir valores de 1 a 7 para o grau de adequação de cada descrição ao sujeito. Isto pressupõe que os indivíduos podem comportar características dos quatro estilos, embora possam se identificar melhor com um deles ou não.

As diferenças individuais refletem diferenças nas crenças que os indivíduos têm acerca de si e dos outros (seus modelos internos), analisados pelos autores sob duas dimensões, conforto com a proximidade (evitação) e ansiedade com a separação (dependência). A classificação nos quatro estilos propostos mostra uma composição específica para cada um deles entre os modelos internos de si e dos outros, positiva e negativamente avaliados, respectivamente, conforme a variação em termos de dependência no eixo horizontal e evitação no eixo vertical. Assim, esta medida permite classificar um indivíduo como tendo modelos internos de si e dos outros mais positivos ou mais negativos, sendo que estes modelos estão subjacentes aos modelos internos que os norteiam comportamentalmente e cognitivo-afetivamente.

Veja abaixo a diferença dos parágrafos que retratam os indivíduos evitativos medrosos e os evitativos rejeitadores.

Para os **evitativos medrosos**: "Sinto-me desconfortável ao me aproximar dos outros. Quero ter relacionamentos emocionalmente próximos, mas acho difícil confiar completamente nos outros ou depender deles. Às vezes receio me machucar se me permito estar muito próximo dos outros".

Para os **evitativos rejeitadores**: "Sinto-me confortável sem relacionamentos emocionalmente próximos. É muito importante para eu sentir-me independente e auto-suficiente, e prefiro não depender dos outros e nem tê-los dependentes de mim".

Veja abaixo quadro demonstrativo dos quatro estilos avaliados e das duas dimensões propostas pelos autores e suas relações com os estilos propostos por outros autores.

Quadro 1. Os quatro estilos de apego: Quadro de distribuição dos estilos de apego conforme Bartholomew (1991) e as respectivas dimensões de evitação e dependência, presentes nos modelos positivos e negativos de si e dos outros. Apresenta também os estilos análogos propostos por outros autores.

		Positivo (baixo) [+]	Negativo (alto) [-]
Modelo do outro (evitação)	Positivo (baixo)	Seguro Confortável com Intimidade e autonomia	Preocupado Preocupado (Main) Ambivalente (Hazan) Excessivamente dependente Preocupado com os relacionamentos
	Negativo (alto)	Rejeitador Rejeitador (Main) Contra-dependente e Rejeitador de intimidade	Medroso Medo de intimidade Evitativo (Hazan) Socialmente esquivo

Em relação ao estudo original de Bartholomew e Horowitz (1991), a escala de estilos de relacionamento foi validada em uma amostra de 40 mulheres e 37 homens onde os fatores foram estabelecidos a partir de uma análise fatorial com Alpha de Cronbach global 0,87. Foram gerados 4 fatores a partir das questões que deram origem aos quatro fatores Seguro ($\alpha = 0.81$), Preocupado ($\alpha = 0.62$), Rejeitador ($\alpha = 0.88$) e Medroso ($\alpha = 0.93$).

No Brasil, este questionário foi traduzido e aplicado por alguns pesquisadores, mas sem uma validação consolidada. Em nosso estudo procuramos realizar uma validação mais sistemática do questionário original. A partir das respostas dos participantes em cada uma das quatro frases do questionário que define um estilo específico foi feita uma análise multidimensional para verificar a validade dos estilos formados, ou seja, se as questões medem o que de fato devem medir, mesmo após a tradução para o português. Os resultados de nosso estudo foram próximos aos resultados encontrados por Bartholomew e Horowitz (1991): Alfa de Crombach Global = 0.80, estilo Seguro ($\alpha = 0.88$), Preocupado ($\alpha = 0.82$), Rejeitador ($\alpha = 0.77$) e Medroso ($\alpha = 0.76$).

2.3.2- O Inventário de Apego a Pais e Amigos (IPPA), Armsden & Greenberg (1987).

Esta escala está sendo usada com o objetivo de verificar a distribuição dos fatores do teste em função da etnia e sexo do participante. Além disso, como forma de se verificar os dados referentes ao bem estar psicológico em função da qualidade de apego a pais e amigos, bem como estes dados se diferenciam nas diferentes culturas. O Inventário de Apego a Pais e Amigos (IPPA) (ver Anexo 3) foi projetado por Armsden e Greenberg (1987) como instrumento de avaliação auto-aplicável incluindo questões sobre as relações do indivíduo com seus pais e/ou amigos, para aplicação em adolescentes (veja anexo 4). O IPPA leva em consideração o balanço entre três fatores presentes nas relações dos sujeitos: a comunicação, a confiança e a alienação. Os autores propõem um arranjo entre os escores obtidos pelos indivíduos de modo a classificar a "segurança percebida" pelos sujeitos nas suas relações

presentes em baixa, média e alta. Conforme Croweel, Fraley e Shaver (1999) o IPPA avalia três construtos: o grau de confiança mútua, a qualidade da relação e o grau de raiva/hostilidade e alienação nas relações em foco. Os escores obtidos nestes fatores dimensionais são agrupados para produzir um índice de segurança/insegurança presente no relacionamento. O comportamento de apego em adolescentes e adultos, guiado por modelos internos de funcionamento, pode então ser avaliado por instrumentos que captem a dimensão cognitivo-afetiva positivas e negativas presentes nos relacionamentos de apego. O IPPA não visa classificar os indivíduos conforme as categorias de inseguros e seguros e sim em níveis de segurança percebida nas relações em foco.

Segundo Armsden e Greenberg (1987), existem uma avaliação de alta e baixa segurança em relação a pais e amigos resultante da qualidade de apego separadamente para pais e amigos. Isto é medido com base na proporção entre os escores dos domínios Confiança e Comunicação em relação ao domínio Alienação. Foi feito o mesmo procedimento neste estudo e este foi submetido a uma análise de qui-quadrado visando verificar a presença de alta e baixa segurança para pais e amigos em função da etnia do participante. Para nenhum destes grupos foi encontrada diferença significativa. Por isso, os resultados deste método de análise não foram considerados em nossa pesquisa.

O inventário aplicado consistiu de 28 frases para o Apego a Pais e 25 frases para o Apego aos Amigos. As frases que compõem o inventário avaliam três construtos básicos subjacentes ao modelo interno de funcionamento que orienta as relações com as figuras de apego: pais e amigos, respectivamente. Exemplos:

1.Confiança: avalia o grau de confiança em que os desejos e necessidades são respeitados pelas figuras de apego;

Por exemplo:

1. Meus pais respeitam meus sentimentos.
21. Meus amigos respeitam meus sentimentos.
23. Quando estou bravo(a) com alguma coisa, meus pais tentam ser compreensivos.

15. Quando estou bravo(a) com alguma coisa, meus amigos tentam ser compreensivos.

2.Comunicação: avalia o quanto as figuras de apego são percebidas como sensíveis e responsivas aos estados emocionais e acessíveis se necessárias.

Por exemplo:

6. Gosto de saber a opinião dos meus pais sobre as coisas que me dizem respeito.
1. Gosto de saber a opinião dos meus amigos sobre as coisas que me tocam.

3.Alienação: avalia o grau de raiva e desapego emocional em relação às figuras de apego.

Por exemplo:

5. Tenho que contar comigo mesmo quando tenho que resolver um problema.
22. Fico muito mais chateado do que meus amigos percebem.

Cada uma das frases é avaliada de um (1) a cinco (5) conforme a frequência com que são verdadeiras ou falsas na vida do avaliado.

1= quase nunca ou nunca

2= raramente

3= de vez em quando

4= freqüentemente

5=sempre ou quase sempre

O IPPA foi constituído com base em uma amostra de 86 participantes (32 Homens e 54 mulheres). A partir das escalas de apego a pais e a amigos, foram identificados 6 fatores (Confiança, comunicação e alienação a pais e a amigos) com as seguintes questões:

Alfa de Crombach Global = 0.80

Confiança pais	($\alpha = 0.92$)	Cargas Fatoriais	0.20 – 0.71	(10 questões)
Comunicação pais	($\alpha = 0.86$)	Cargas Fatoriais	0.21 – 0.76	(10 questões)
Alienação pais	($\alpha = 0.72$)	Cargas Fatoriais	0.43 – 0.64	(8 questões)
Confiança amigos	($\alpha = 0.91$)	Cargas Fatoriais	0.44 – 0.79	(10 questões)
Comunicação amigos	($\alpha = 0.77$)	Cargas Fatoriais	0.27 – 0.76	(8 questões)
Alienação amigos	($\alpha = 0.62$)	Cargas Fatoriais	0.42 – 0.59	(7 questões)

Fizemos o mesmo estudo de validação em nossos dados, obtendo os seguintes resultados:

Alfa de Crombach Global = 0.93

Confiança pais	($\alpha = 0.29$)	Cargas Fatoriais	0.58 – 0.72	(8 questões)
Comunicação pais	($\alpha = 0.27$)	Cargas Fatoriais	0.21 – 0.65	(9 questões)
Alienação pais	($\alpha = 0.27$)	Cargas Fatoriais	0.59 – 0.71	(8 questões)
Confiança amigos	($\alpha = 0.75$)	Cargas Fatoriais	0.40 – 0.61	(7 questões)
Comunicação amigos	($\alpha = 0.74$)	Cargas Fatoriais	0.40 – 0.61	(7 questões)
Alienação amigos	($\alpha = 0.73$)	Cargas Fatoriais	0.21 – 0.56	(6 questões)

Os valores encontrados em nossos estudos de validação tiveram valores do Alpha de Crombach mais baixos do que o estudo original, sobretudo no apego a pais. Analisaremos na discussão, alguns aspectos que podem ter levado a esses resultados.

2.3.3- Escala de esquivia e desconforto sociais (EEDS) Watson e Friend, 1969; validada por Barros Neto, 1996.

Este instrumento (ver Anexo 4) de auto-aplicação foi desenvolvido para medir a experiência de desconforto em situações sociais. Esta escala (SAD – Social Avoidance and Distress Scale) de Watson e Friend (1969) foi utilizada na versão traduzida por Paes de Barros Neto (1996). Compõe-se de 28 frases para as quais o indivíduo deve apontar verdadeiro ou falso. Dependendo da frase, a escolha por verdadeiro ou falso somará um ponto. Veja os exemplos abaixo.

Não me importo em falar com as pessoas em festas e reuniões. (V=0) (F=1).

Evito falar com as pessoas a não ser que as conheça bem. (V=1) (F=0)

A escolha por falso no primeiro exemplo indica que o sujeito sente-se desconfortável na situação e, portanto soma um ponto ao seu escore total de esquivas e/ou desconforto social. No segundo exemplo é a escolha por Verdadeiro que indica desconforto na situação e, portanto soma um ponto ao escore total. Nos Estados Unidos os resultados encontrados foram: média de 15,4 +/- 8,6 e mediana de 16. Em nossa pesquisa utilizamos a nota de corte como 16 pontos seguindo a média do estudo americano.

Não encontramos o estudo de validação original relativo ao EEDS. Nosso estudo encontrou um alfa de Cronbach global de 0.86. Este valor denota uma boa consistência interna dos dados e valida o uso deste teste como uma medida de fobia em nossa amostra.

2.3.4- Escala de Rastreamento Populacional para Depressão em Populações Clínicas e Não-clínicas em Adolescentes e Adultos Jovens (CESD), Radloff, 1977; validada por Silveira e Jorge, 1998-99.

Este instrumento de rastreamento (vide anexo 5) não visa diagnosticar transtornos depressivos. Foi desenvolvido com a finalidade de aferir a prevalência de sintomas depressivos. É composto por vinte itens aos quais a pessoa atribui valores de 0 a 3, conforme a frequência (0= raramente ou nenhuma parte do tempo, menos que um dia; 3= durante a maior parte do tempo ou o tempo todo, 5 a 7 dias) de pensamentos, comportamentos e sentimentos presentes na última semana sugestivos de um quadro depressivo. A pontuação máxima é de 60, sendo que numa população não clínica, composta por estudantes universitários brasileiros, os escores variaram de 0 a 53, com média de 15,9 e DP de 9,2. Para dependentes químicos encontraram-se média de 26,4 e DP de 13,4. O estudo brasileiro (Silveira e Jorge, 1998-99) encontrou 16 como ponto de corte com melhor sensibilidade em relação aos diagnósticos de transtornos depressivos para populações não-clínicas, com especificidade de 0,75 e índice de classificação incorreta de 0,24. Veja abaixo alguns exemplos.

Quadro 2: Exemplos da Escala para Rastreamento Populacional para Depressão em Populações Clínicas e Não-clínicas em Adolescentes e Adultos Jovens (CES-D).

<i>Considere que minha vida tinha sido um fracasso</i>	Raramente ou nenhuma parte do tempo [menos de um dia (zero =0)]	Raramente ou durante pouco tempo (1 a 2 dias)	Ocasionalmente ou durante um tempo moderado (3 a 4 dias)	Durante a maior parte do tempo ou o tempo todo (5 a 7 dias)
<i>Não tive vontade de comer, tive pouco apetite</i>	Raramente ou nenhuma parte do tempo [menos de um dia (zero =0 ponto)]	Raramente ou durante pouco tempo (1 a 2 dias) (1=um ponto)	Ocasionalmente ou durante um tempo moderado (3 a 4 dias) (2= dois pontos)	Ocasionalmente ou durante um tempo moderado (3 a 4 dias) (3=três pontos)
<i>Aproveitei minha vida</i>	Raramente ou nenhuma parte do tempo [menos de um dia (zero =3 três pontos)]	Raramente ou durante pouco tempo (1 a 2 dias) (3=dois pontos)	Ocasionalmente ou durante um tempo moderado (3 a 4 dias) (1=um ponto)	Ocasionalmente ou durante um tempo moderado (3 a 4 dias) (0 = zero ponto)

Esta escala foi traduzida e validada em português por Silveira e Jorge (1998) em estudo validado com 523 indivíduos sendo 284 do sexo masculino e 223 do sexo feminino. Foi obtido um alfa de Crombach global de 0,84. Nosso estudo replicou esta análise e encontrou um valor de Alfa semelhante, 0,85.

2.4 Análise de dados

A análise estatística foi feita usando o programa SPSS 13.0. Para verificar as associações entre etnia e sexo dos participantes, estilos de apego e etnia dos participantes, modelo de si e etnia dos participantes foi utilizado o teste de qui-quadrado de contingência. A verificação da significância na associação entre as categorias das variáveis citadas acima foi feita com base na análise dos resíduos ajustados. A associação é considerada significativa quando o valor residual é maior do que 2,0 e menor do que -2,0.

As análises da relação entre etnia, estilos de apego e sexo vs medidas de ajustamento social (CESD e EEDS) foram feitas por meio de um Modelo Linear Geral (GLM) Univariado, analisando as diferenças de médias entre dois ou mais grupos com o teste Bonferroni como teste Post-hoc. O modelo linear geral máximo para esta hipótese é

representado pela equação **etnia*apego*sexo = CESD + EEDS** (caso haja interação significativa)

Em relação ao IPPA foi realizado um estudo de validação desta escala com a amostra de adolescentes brasileiros. Foi realizada uma análise fatorial das questões relativas a pais e amigos com base nos escores fatoriais do artigo original (Armsden e Greenberg, 1987). Foram extraídos três fatores e comparamos as questões que formavam cada fator com as questões do artigo original, gerando os domínios: Confiança, Comunicação e Alienação a pais e amigos. A adequação dos fatores aos dados foi verificada por meio dos testes KMO (Kaiser-Meyer-Olmin) e o teste de esfericidade de Bartlett, juntamente com o valor do alfa de Crombach (indicativo da consistência interna do teste validado). Além disso, utilizamos a rotação Varimax como forma de melhor discriminação dos fatores.

O índice de significância adotado é de 5%.

3. RESULTADOS

3.1 Estilos de Apego (de acordo com Bartholomew e Horowitz, 1991) em função de Etnia, Modelo de Si e do Outro.

A tabela seguinte (Tabela 2) indica a distribuição dos participantes em função de estilos de apego (de acordo com Bartholomew e Horowitz, 1991) e de origem étnica. Os orientais possuem predominantemente estilo preocupado (32%) enquanto que os ocidentais apresentam taxa maior de estilo seguro (28,9%) e de estilo rejeitador (28,4%). Como forma de verificar a associação entre estilos de apego e etnia do participante foi realizado uma análise de quiquadrado ($X^2=8,966$ $p=0,17$) que não aponta significância na amostra na associação entre etnia e estilo de apego.

Tabela 2: Etnia X Estilo de Apego

			Etnia		Total
			Ocidental	Oriental	
Estilos de Apego	Seguro	N	65	24	89
		% por Etnia	28.9%	24.0%	27.4%
		Resíduo Ajustado	.9	-.9	
	Medroso	N	36	25	61
		% por Etnia	16.0%	25.0%	18.8%
		Resíduo Ajustado	-1.9	1.9	
	Preocupado	N	60	32	92
		% por Etnia	26.7%	32.0%	28.3%
		Resíduo Ajustado	-1.0	1.0	
	Rejeitador	N	64	19	83
		% por Etnia	28.4%	19.0%	25.5%
		Resíduo Ajustado	1.8	-1.8	
Total	N	225	100	325	
	% por Etnia	100.0%	100.0%	100.0%	

Apesar da ausência de associações significativas (resíduo 2,0), deve-se notar uma tendência a associação entre etnia oriental e estilo medroso (1,9) e etnia ocidental e estilo rejeitador (1,8), sugestiva, se considerada em conjunto, de possíveis diferenças no modelo: interno de si, analisadas adiante.

A seguir foi verificada a associação entre estilos de apego e etnia para cada sexo: não houve diferença significativa na distribuição das variáveis tanto para meninos ($X^2 = 3,707$ $p=0,29$) (Tabela 4) quanto para meninas ($X^2 = 4,889$ $p=0,18$) (Tabela 3). Ou seja, não há uma associação significativa entre etnia e estilos de apego em cada gênero. A única exceção foi para as meninas, com predominância de estilo rejeitador para as ocidentais, ao contrário das orientais. ($res > 2$).

Tabela 3: Etnia X Estilo de Apego apenas para meninas

			Etnia		Total
			Ocidental	Oriental	
Estilos	Seguro	N	16	9	25
		Resíduo Ajustado	-,2	,2	
	Medroso	N	16	11	27
		Resíduo Ajustado	-,8	,8	
	Preocupado	N	24	17	41
		Resíduo Ajustado	-1,2	1,2	
	Rejeitador	N	26	6	32
		Resíduo Ajustado	2,2	-2,2	
Total	N	82	43	125	

Tabela 4: Etnia X Estilo de Apego apenas para meninos

			Etnia		Total
			Ocidental	Oriental	
Estilos	Seguro	N	49	15	64
		Resíduo Ajustado	1,1	-1,1	
	Medroso	N	22	15	37
		Resíduo Ajustado	-1,8	1,8	
	Preocupado	N	36	15	51
		Resíduo Ajustado	-,2	,2	
	Rejeitador	N	38	13	51
		Resíduo Ajustado	,6	-,6	
Total	N	145	58	203	

Tabela 5: Etnia X Modelo de Si

			Etnia		Total
			Ocidental	Oriental	
Modelo de si	modelo positivo	N	129	43	172
		% por Etnia	56,8%	42,6%	52,4%
		Residuo Ajustado	2,4	-2,4	
	modelo negativo	N	98	58	156
		% por Etnia	43,2%	57,4%	47,6%
		Residuo Ajustado	-2,4	2,4	
Total		N	227	101	328
		% por Etnia	100,0%	100,0%	100,0%

As análises anteriores reforçam-se entre si no sentido de apontar para os ocidentais um modelo de si positivo, subjacente aos estilos de apego seguro e rejeitador, numa taxa maior do que a frequência dos outros estilos de apego. Os orientais apresentam-se como tendo um modelo de si negativo, subjacente aos estilos de apego medroso e preocupado. Em relação ao Modelo do Outro, não houve diferença significativa em função de Etnia ($X^2=0,019$ $p=0,89$) (Tabela 6) e de Sexo ($X^2=1,002$ $p=0,31$).

Tabela 6: Etnia X Modelo do Outro

			Etnia		Total
			Ocidental	Oriental	
Modelo do Outro	positivo	N	124	56	180
		% por Etnia	54.6%	55.4%	54.9%
		Resíduo Ajustado	-.1	.1	
	negativo	N	103	45	148
		% por Etnia	45.4%	44.6%	45.1%
		Resíduo Ajustado	.1	-.1	
Total		N	227	101	328
		% por Etnia	100.0%	100.0%	100.0%

Para avaliar a relação entre etnia, estilo de apego e medidas de ajustamento social (segundo a Escala para Sinais de Depressão, CESD e, Escala para Sinais de Esquiva e Desconforto Social, EEDS), foi realizado um GLM Univariado, considerando etnia, estilo de apego e escores no CESD. O uso da GLM se deu pelo fato das escalas gerarem um escore métrico, sendo os escores nas escalas a variável dependente em função dos estilos de apego e etnia, que são variáveis não métricas (qualitativas), como variáveis independentes.

3.2- CESD, indicadores de depressão em função de Etnia e Estilos de Apego.

O GLM univariado ($F_{6,604} = 14.455$, $p = 0,004$, Poder Observado = 0.98, Tamanho do Efeito = 0,92), que revelou efeito significativo da interação entre as variáveis Etnia e Estilos de Apego em relação aos escores no CESD (nota de corte para população não-clínica = 16 pontos). Os dados estão representados na Figura 1 a seguir.

O teste Post-hoc de Bonferroni mostrou que as pessoas que apresentavam sinais de depressão possuíam estilos de apego medroso ($p=0,006$) e preocupado ($p=0,021$), estilos associados com modelo negativo de si, sendo que esse efeito é maior para os participantes de origem ocidental do que para os participantes de origem oriental. Em relação ao Sexo do participante encontramos diferença significativa das médias nos escores do CESD entre meninos e meninas. O GLM Univariado ($F_{2,301} = 4,627$ $p=0,01$, Poder Observado 0,87, Efeito 0,30) revelou uma diferença significativa entre meninas ($X=18,27$) e meninos ($X=15,36$), indicando uma tendência para maior depressão associada às meninas.

Por outro lado, considerando o escore de 16 pontos para indicação de traços depressivos, observamos que apenas os seguros, estilo associado a modelo de si e do outro positivo, tanto orientais quanto ocidentais, e os rejeitadores orientais, apresentaram valores mais baixos que a nota de corte indicativa de depressão (Figura 1, acima).

Agora vamos verificar o efeito presente nos indivíduos com estilos de apego onde predomina um modelo de si negativo (estilos medroso e preocupado) em relação à propensão maior para apresentar sinais de depressão. Essa afirmação é corroborada pelo índice Rho de Spearman (-

0,23 $p=0,001$), que indica uma correlação negativa entre o escore final no CESD e a presença de modelo de si positivo. Ou seja, quanto maior o modelo negativo de si, maior tende a ser o resultado no CESD. O GLM Multivariado mostrou efeito em função de sexo ($F_{2,301}=4,627$ $p=0,01$, Poder Observado 0,87, Efeito 0,30) e ausência de efeito de etnia ($F_{2,301}=1,176$ $p=0,31$ Poder Observado=0,25, Efeito=0,08) do participante. Este último resultado contradiz o que seria de se esperar, uma predominância de depressão nos orientais, que possuem uma frequência significativa dos modelos de si negativo (estilos medroso e preocupado), como mostra a tabela 3.

Por outro lado, cabe observar que no geral, os participantes ocidentais apresentaram sinais significativos de depressão nos estilos de apego medroso, preocupado e rejeitador; menos no estilo seguro. Este resultado sugere uma reflexão sobre a avaliação dos sinais de depressão de parte dos adolescentes ocidentais quando não têm uma vinculação segura.

Tendo em vista um outro resultado interessante que se refere à proporção maior para depressão no estilo rejeitador de participantes ocidentais sobre os participantes orientais e considerando que há uma tendência maior para depressão nas meninas sobre os meninos, realizamos um GLM Univariado comparando as médias ($F_{2,310}=20,081$ $p=0,002$, Poder observado 0,86, Efeito 0,82) das meninas no estilo rejeitador, que apontou uma diferença significativa para as meninas rejeitadoras ocidentais ($X=4,05$ $Dp=12,14$) em relação às meninas rejeitadoras orientais ($X=2,81$ $Dp=1,58$).

3.3- EEDS, indicadores de Fobia Social em função de Estilos de Apego e Etnia.

Foi realizado um GLM Multivariado relacionando etnia, estilo de apego e escores de fobia social no EEDS (nota de corte para população não-clínica = 16 pontos). Verificou-se que nenhum dos grupos, em geral, apresenta nível médio no EEDS superior à nota de corte para a população não clínica. Não houve efeito multivariado da interação entre etnia, apego e sexo ($F_{6,604}=0,639$ $p=0,70$, Poder observado 0,25, Efeito 0,006). Univariadamente, em função do estilo de apego não houve diferença

significativa das médias dos escores para sinais fóbicos ($F_{6,604}=1,52$ $p=0,16$, Poder observado 0,59, Efeito 0,01). Já em função de sexo constatou-se diferença significativa em função dos escores de fobia social ($F_{2,301}=14,627$ $p=0,001$, Poder observado 0,87, Efeito 0,83). Os participantes do sexo masculino possuem um valor médio maior (13,69) do que os participantes do sexo feminino (13,18), ao contrário do que ocorreu nos casos de depressão. Apesar da aparentemente baixa magnitude das diferenças das médias, as análises estatísticas apontam consistência do efeito. Em relação à etnia, não foram encontradas diferenças significantes nos escores de fobia social ($F_{2,301}=1,16$ $p=0,31$, Poder observado 0,27, Efeito 0,08). Deve-se notar também que nenhum dos grupos, tanto em relação a sexo quanto à etnia, tiveram escores médios maiores do que a nota de corte para indicação de sinais fóbicos (16 pontos).

Além disso, verificou-se a diferença no escore de fobia social em função da presença de um modelo de si positivo ou negativo nos participantes. Para isso foi realizado um GLM Univariado, que mostrou diferença significativa ($F_{2,328}=19,876$ $p=0,003$, Poder observado 1,00, Efeito 0,83): os participantes com modelo de si positivo tiveram um valor médio maior de fobia social (13,85) do que os participantes com modelo de si negativo (13,10). A comparação de modelo de si em meninos e meninas não mostrou diferença significativa ($t=1,495$, $gl=346$, $p=0,136$).

Esses resultados serão examinados com mais atenção no próximo tópico, acrescentando os resultados dos fatores do IPPA, para tentar verificar possíveis relações que expliquem a associação entre fobia e o modelo de si positivo correspondentes aos estilos seguro e rejeitador.

Fig.2: Relação entre Etnia, Estilos de Apego e escores no EEDS

3.4 IPPA, fatores de validação do instrumento.

Uma outra medida de análise utilizada foi o IPPA, (Armsden & Greenberg, 1987), que por ser uma escala desenvolvida nos Estados Unidos, foi submetida a uma análise fatorial, como forma de validação dos domínios da escala para a população brasileira. No estudo original foram definidos três domínios: Confiança, Comunicação e Alienação respectivamente em relação a Pais e a Amigos. Realizamos uma análise de componentes principais, com rotação Varimax, de forma a verificar se os domínios identificados em nossos dados são compostos pelas mesmas questões que os do estudo original.

Com a análise fatorial obtivemos os mesmos três fatores do estudo original. A seguir realizamos uma análise de conglomerados (cluster) onde, com base nos fatores gerados, agrupamos os indivíduos da amostra em função de uma maior ou menor confiança, comunicação e

alienação. A aderência do modelo de conglomerados aos dados foi medida por meio do “*stress*”, que foi da ordem de 1%. O valor de “*Stress*” reflete o índice de distorção dos dados reais quando se agrupam as observações nos *clusters*. O valor de 1% mostra que houve uma pequena distorção dos dados, indicando que as observações se agruparam de forma homogênea. Tivemos três *clusters*: um relativo aos indivíduos com maior confiança nos pais, outro com maior comunicação com os pais e outro com maior alienação. O mesmo foi feito em relação aos amigos. A partir disso, salvamos o “*cluster membership*” de cada indivíduo no banco de dados e conseguimos uma caracterização dos indivíduos em função dessas três variáveis.

A análise fatorial obteve uma ótima adequação segundo o índice KMO (0,91); além disso, a matriz de correlação das questões possui bons índices positivos de associação (Bartlett=8809,832 $p<0,01$). O valor de Alfa de Crombach foi 0,93, indicando homogeneidade dos dados na formação dos domínios validando a análise fatorial. Os escores formados explicaram 43% da variância dos dados e seguem o padrão do estudo original do IPPA que gerou três fatores, Confiança, Comunicação e Alienação, ligados à relação de apego com os pais, e os mesmos ligados à relação de apego com os amigos. Os escores fatoriais para cada um dos domínios estão presentes no Anexo 6.

Os fatores foram formados a partir do agrupamento das seguintes questões:

Relação com os pais:

Fator 1	Confiança	Questões – 1, 2,4,13,14,21,23,24 (confiança) e 6, 8, 16,17,20,26 (comunicação)
Fator 2	Comunicação	Questões – 6,8,16,17,20,26,28, (comunicação) e 21,23,24 (confiança)
Fator 3	Alienação	Questões - 5,7,9,11,12,22,25,27 (alienação)

Relação com os amigos:

Fator 1	Confiança	Questões – 8, 12, 13,14, 20,21 (confiança) e 2, 3, 6,17,25 (comunicação)
Fator 2	Comunicação	Questões – 1, 2, 7, 16, 17, 24, 25 (comunicação) e 8, 15 (confiança)
Fator 3	Alienação	Questões – 4, 10, 11,22,23 (alienação)

O nome de cada fator foi dado com base na maior frequência das questões associadas à padronização original de Armsden e Greenberg (1987). Nota-se que a maioria das questões é devidamente associada aos fatores da escala original. Assim, temos um dado da validade de constructo, o que confere validade aos dados da nossa pesquisa.

3.5 Fatores do IPPA em função de etnia e sexo.

Foi realizado um GLM Multivariado tendo como variável dependente os valores dos escores fatoriais para cada um dos fatores gerados pela análise fatorial acima (Confiança, Comunicação e Alienação com Pais e Amigos) e como variáveis independentes o sexo do participante e sua etnia (ocidental e oriental). A análise multivariada mostrou efeito do sexo do participante ($F_{2,328}=5,263$ $p=0,001$, Poder observado 0,99, Efeito 0,93) e da etnia ($F_{2,328}=2,053$ $p=0,01$, Poder observado 0,93, Efeito 0,83). Mas não houve efeito da interação entre sexo e etnia ($F_{2,656}=1,69$ $p=0,07$, Poder observado 0,58, Efeito 0,003).

Análises univariadas subsequentes mostraram efeito na comunicação com pais ($F_{2,328}=3,589$ $p=0,005$, Poder observado 0,87, Efeito 0,59) e na comunicação com amigos ($F_{2,328}=5,347$ $p=0,002$, Poder observado 0,83, Efeito 0,57), em relação ao sexo do participante. Em relação à etnia, também foram encontrados efeitos significantes na comunicação com pais ($F_{2,328}=3,487$ $p=0,03$, Poder observado 0,75, Efeito 0,54) e comunicação com amigos ($F_{2,328}=3,261$ $p=0,002$, Poder observado 0,86, Efeito 0,49). Os dados significantes estão representados nos gráficos a seguir e a tabela com todos os dados descritivos está no anexo 7.

Em relação à Comunicação com Pais nota-se no gráfico abaixo que independentemente de etnia, as meninas se comunicam mais com os pais do que os meninos e os ocidentais, de modo geral, se comunicam mais com os pais. As meninas ocidentais são mais comunicativas com os pais do que as meninas orientais; do mesmo modo, os meninos ocidentais se comunicam mais com os pais do que os meninos orientais, sendo que a diferença é mais pronunciada nos meninos orientais.

Fig. 3: Escores do Fator Comunicação com Pais em função de etnia e sexo.

Em relação à Comunicação com os Amigos, representados na figura 4, as meninas também se comunicam mais com os amigos do que os meninos. Quanto à etnia, de modo geral, há mais comunicação com amigos entre os orientas: as meninas orientais são mais comunicativas com os amigos do que as meninas ocidentais. Nos meninos, encontramos uma maior comunicação com os amigos nos orientais do que nos ocidentais. Independentemente de etnia, meninas se comunicam mais com os amigos do que os meninos.

Fig. 4: Escores do Fator: Comunicação com Amigos em função de etnia e sexo.

3.6 Correlações entre escores nos fatores do IPPA, EEDS com os sub-grupos com Modelo positivo de si (Estilos Seguro e Rejeitador)

Verificou-se que há uma relação significativa entre modelo de si (segundo a escala de Bartolomew) e escores de fobia: modelo de si positivo é associado a índices mais altos de fobia. Para aprofundar o entendimento desse resultado, fizemos uma correlação entre os escores nos fatores do IPPA e os escores no teste de fobia – EEDS, para o sub-grupo de participantes com modelo de si positivo (seguros e rejeitadores pelo critério de Bartolomew), por meio de uma correlação de *Spearman* (dada a não homogeneidade presente nas amostras estudadas). Verificou-se uma correlação negativa significativa entre os escores de fobia com o fator “Comunicação com os pais”, tanto para os seguros ($\rho = -0,20$ $p=0,05$), quanto para os rejeitadores ($\rho = -0,22$ $p=0,003$). Os seguros apresentam também, quanto aos escores de fobia, uma correlação significativa com o fator “alienação com pais” ($\rho = 0,20$ $p=0,05$).

3.7 Correlações entre escores nos fatores do IPPA, EEDS com os sub-grupos com Modelo positivo de si (Estilos Seguro e Rejeitador) para ocidentais e orientais

Posteriormente fizemos a partição da amostra verificando se estas diferenças para seguros e rejeitadores, também se dão tanto para ocidentais quanto para orientais.

Observa-se que os Seguros ocidentais possuem correlação negativa com o Fator “Comunicação com amigos” ($\rho = -0,26$, $p=0,03$) e positiva com “Alienação com pais” ($\rho = 0,29$, $p=0,01$).

Os rejeitadores ocidentais têm uma correlação negativa com “Comunicação com pais” ($\rho = -0,40$, $p=0,001$).

Para os orientais, tanto seguros quanto rejeitadores, não foram observadas diferenças significativas em relação à correlação entre o escore da EEDS e os fatores do IPPA.

3.8 Correlações entre os resultados do questionário de Estilos de Apego (Bartholomew e Horowitz) e os fatores do IPPA

Os resultados dessas correlações estão resumidos na Tabela seguinte:

Tabela 7. Correlação dos escores do Estilo de Apego (modelo de si e do outro) com os fatores (confiança, comunicação e alienação a pais e amigos) do IPPA

IPPA Bartholomew & Horowitz	Confiança Pais	Comunicação Pais	Alienação Pais	Confiança Amigos	Comunicação Amigos	Alienação Amigos
Modelo de Si	0,134 p=0,014		-0,230 p=0,000	0,194 p=0,000	-0,144 p=0,007	-0,338 p=0,000
Modelo do Outro					0,207 p=0,000	

Considerando-se os escores obtidos para a dimensão Modelo de Si em relação com os fatores do IPPA para **pais**, verificou-se uma correlação positiva com o fator Confiança para pais ($\rho=0,134$ $p=0,014$) e uma correlação negativa com o fator Alienação com pais ($\rho= -0,230$ $p=0,000$). Não se encontraram correlações significativas para o Modelo do Outro. É interessante notar que também encontramos resultados de correlações significativas em função de Modelo de Si para os resultados anteriores, relacionados aos indicadores de bem estar psicológico – fobia e depressão.

Considerando-se os escores obtidos para a dimensão Modelo de Si em relação aos fatores do IPPA para **amigos**, verificou-se uma correlação positiva com Confiança com amigos ($\rho=0,194$ $p=0,000$) e correlações negativas com Comunicação com amigos ($\rho= -0,144$ $p=0,007$) e com Alienação com amigos ($\rho= -0,338$ $p=0,000$).

E, considerando a dimensão Modelo do Outro, verificou-se uma correlação positiva com Comunicação com amigos ($\rho=0,207$ $p=0,000$).

Pode-se dizer que a dimensão Modelo de Si se correlaciona positivamente com: Confiança com pais e amigos e negativamente com alienação tanto para pais quanto para amigos. Um caso especial diz respeito a correlação negativa entre Modelo de Si com Comunicação com amigos e do Modelo do Outro correlacionar-se positivamente com Comunicação com amigos. Esse caso especial do fator Comunicação com

amigos em que a correlação é negativa para Modelo de Si e negativa para Modelo do Outro sugere que o fator Comunicação com amigos esteja avaliando não só uma facilidade de comunicação, mas também uma necessidade na comunicação com os amigos em função de ansiedade.

3.9 Algumas relações entre os resultados do questionário de Estilo de Apego e do IPPA com fobia social e depressão.

Um resumo dos resultados significativos para todos os participantes pode ser encontrado na Tabela 8 e especificando em função de etnia (Tabelas 9 e 10) abaixo:

Tabela 8. Correlação dos escores de depressão e fobia social com os escores do Estilo de Apego (modelo de si e do outro) e do IPPA (confiança, comunicação e alienação a pais e amigos) para todos os participantes

Estilos de Apego & IPPA	Modelo SI	Modelo Outro	Confiança Pais	Comuni- cação Pais	Alienação Pais	Confiança Amigos	Comuni- cação Amigos	Alienação Amigos
Depressão	-0,229 p=0,00		-0,272 P=0,00		0,484 p=0,00	-0,286 p=0,00	0,120 p=0,026	0,299 p=0,00
Fobia Social	0,112 p=0,038				0,184 p=0,001			

Tabela 9. Correlação dos escores de depressão e fobia social com os escores do Estilo de Apego (modelo de si e do outro) e do IPPA (confiança, comunicação e alienação a pais e amigos) para os participantes ocidentais

Estilos de Apego & IPPA	Modelo SI	Modelo Outro	Confiança Pais	Comuni- cação Pais	Alienação Pais	Confiança Amigos	Comuni- cação Amigos	Alienação Amigos
Depressão	-0,257 p=0,00		-0,266 P=0,00		0,545 p=0,00	-0,325 p=0,00	0,145 p=0,09	0,331 p=0,00
Fobia Social					0,129 p=0,02			

Tabela 10. Correlação dos escores de depressão e fobia social com os escores do Estilo de Apego (modelo de si e do outro) e do IPPA (confiança, comunicação e alienação a pais e amigos) para os participantes orientais

Estilos de Apego & IPPA	Modelo SI	Modelo Outro	Confiança Pais	Comuni- cação Pais	Alienação Pais	Confiança Amigos	Comuni- cação Amigos	Alienação Amigos
Depressão	-0,312 p=0,00		-0,319 P=0,00		0,365 p=0,00	-0,338 p=0,00	0,224 p=0,02	0,228 p=0,04
Fobia Social	0,168 p=0,05							

Considerando-se os escores obtidos para a dimensão Modelo de Si e Modelo do Outro e dos fatores do IPPA para pais e amigos em relação à depressão (CESD) e fobia social (EEDS), encontramos as seguintes correlações:

Para todos os participantes (Tabela 8)

-Em relação à Depressão, verificaram-se:

Correlações negativas com: Modelo de Si ($\rho = -0,229$ $p=0,000$), Confiança com pais ($\rho = -0,272$ $p=0,000$) e Confiança com amigos ($\rho = -0,286$ $p=0,000$).

Correlações positivas com: Alienação com pais ($\rho = 0,484$ $p=0,000$), Comunicação com amigos ($\rho = 0,120$ $p=0,026$) e Alienação com amigos ($\rho = 0,299$ $p=0,000$).

-Em relação à Fobia Social: verificaram-se correlação positiva com Modelo de Si ($\rho = 0,13$ $p=0,05$) unicamente para os participantes orientais.

Para todos os participantes ocidentais (Tabela 9)

-Em relação à Depressão, verificaram-se:

Correlações negativas com: Modelo de Si ($\rho = -0,272$ $p=0,00$), Confiança com pais ($\rho = -0,266$ $p=0,00$), Confiança com amigos ($\rho = -0,325$ $p=0,00$)

Correlações positivas com: Alienação com pais ($\rho = 0,545$ $p=0,00$), Comunicação com amigos ($\rho = 0,145$ $p=0,09$) e Alienação com amigos ($\rho = 0,331$ $p=0,00$).

-Em relação à Fobia Social, verificou-se:

Correlação positiva com: Alienação com pais ($\rho = 0,129$ $p=0,02$).

Para todos os participantes orientais (Tabela 10)

-Em relação à Depressão, verificaram-se:

Correlações negativas com: Modelo de Si ($\rho = -0,312$ $p=0,00$), Confiança com pais ($\rho = -0,319$ $p=0,00$), Confiança com amigos ($\rho = -0,338$ $p=0,00$).

Correlações positivas com: Alienação com pais ($\rho = 0,365$ $p=0,00$), Comunicação com amigos ($\rho = 0,224$ $p=0,026$) e Alienação com amigos ($\rho = 0,228$ $p=0,04$).

-Em relação à Fobia Social: verificou-se:

Correlação positiva com: Modelo de Si ($\rho = 0,168$ $p=0,05$).

Essas correlações sugerem que os modelos de si importam para depressão e fobia de maneiras opostas – positivamente com fobia e negativamente com depressão. Fatores do IPPA que funcionam no mesmo sentido do modelo de si são confiança a pais e amigos; e os que funcionam no sentido oposto de modelo de si são alienação com pais e amigos e comunicação com amigos.

Os dois instrumentos que usamos para medir estilos do apego foram complementares e reiteraram as proposições básicas da teoria de apego como uma disposição comportamental de procurar proximidade, contato, com os outros que são significativos sob condições de vulnerabilidade, especialmente quanto às relações entre a dimensão

modelo de si (conforme instrumento de Bartholomew e Horowitz, 1991) e os fatores do IPPA de Armsden e Greenberg (1987): Confiança, Comunicação e Alienação de Pais e, Confiança, Comunicação e Alienação de Amigos. Os estilos de apego evidenciam o grau de segurança que o indivíduo tem quanto ao acesso e ajuda do outro, conforme a avaliação que faz de si mesmo de ser digno de amor e cuidado. Houve correlação positiva entre modelo de si, confiança a pais e amigos e negativa entre modelo de si, comunicação com amigos, alienação de pais e dos amigos (Ver Tabela 7).

Além disso, os dois instrumentos usados para ajustamento e bem-estar psicológico (Escala para Depressão e Fobia Social) também foram informativos e reiteraram a afirmação de Bowlby (1969/1982) de que os seres humanos em qualquer idade são mais bem adaptados quando têm confiança na acessibilidade e responsividade de um outro de confiança. Em relação à depressão, correlacionaram de modo esperado pela teoria, os fatores do IPPA e o modelo de si: positivamente com alienação de pais e amigos e, comunicação com amigos; negativamente com modelo de si, confiança com pais e amigos (Ver Tabela 8). A correlação com os fatores do IPPA permite uma compreensão da complexidade do efeito do modelo de si.

O fator Alienação com pais correlacionou positivamente tanto com depressão quanto com fobia social (Ver Tabela 8), sugerindo como um indicador importante para depressão e fobia social o distanciamento dos pais que adolescentes possam apresentar.

As correlações do modelo de si com os fatores do IPPA se mantêm para os dois grupos étnicos (Tabelas 9 e 10).

3.10 Sumário dos resultados

Os resultados encontrados até aqui podem ser sumarizados através da tabela a seguir:

1. Não houve associação significativa entre Estilo de Apego e Etnia.
2. Não houve associação significativa entre Estilo de Apego, Etnia e Gênero.

3. Associações com Etnia:
 - 3.1 Com os modelos de si:

Positivo para os ocidentais, associado com estilo de apego Seguro (Modelo de *Si* e Modelo do Outro positivo).

Negativo para os orientais, associado com estilo de apego Preocupado (Modelo de *Si* negativo e Modelo do Outro positivo).
 - 3.2 Com diferenças significativas na comunicação com pais (nas meninas ocidentais) e com os amigos (nas meninas orientais).
4. As diferenças aparecem nas associações mais particulares:
 - 4.1 Estilo de Apego, Depressão (CESD) e Gênero:
 - 4.1.1 Todos os participantes com Estilos de Apego Preocupado e Medroso apresentaram sinais de depressão, principalmente as meninas
 - 4.1.2. O Estilo Rejeitador apresentou mais depressão nos ocidentais, principalmente nas meninas.
 - 4.2. Depressão e Gênero: As meninas, independente de etnia, apresentaram tendência à depressão.
 - 4.3. Fobia social e Gênero
 - 4.3.1 Todos os meninos, independente de etnia, apresentaram escores mais altos em fobia social do que as meninas.
 - 4.4 Estilo de Apego (Modelo de *Si*), Fobia social, Gênero e IPPA:
 - 4.4.1 Os participantes ocidentais com Modelo de *Si* positivo apresentaram escores mais altos em fobia social.
 - 4.4.2. Os participantes de estilo de apego seguro que apresentaram escores mais altos para fobia também têm baixa comunicação com os pais, assim como alta alienação dos pais.
 - 4.4.3 Os participantes de estilo de apego Rejeitador que apresentaram escores mais altos para fobia também têm baixa comunicação com os pais.
5. Etnia, gênero e IPPA
 - 5.1 As meninas orientais se comunicam mais com os amigos.
 - 5.2 As meninas ocidentais se comunicam mais com os pais

Tabela 11: Resumo das análises gerais, organizadas em função de sexo, etnia e classificações do Estilo de Relacionamento de Apego.						
	<i>Gênero</i>	Seguro	Preocupado	Rejeitador	Medroso	Todos
Orientais	<i>Meninos</i>					
	Meninas					Meninas Orientais se comunicam mais com os amigos
	Todos		Orientais possuem estilo preocupado			Modelo de Si Negativo
Ocidentais	Meninos					
	Meninas			Meninas rejeitadoras Ocidentais tem mais depressão CESD↑ que meninos		Meninas ocidentais se comunicam mais com os pais do que os meninos
	Todos	Ocidentais possuem estilo Seguro Seguros Ocidentais com alta EEDS ↑, tem baixa comunicação com amigos e alta alienação com os pais		Apresentam sinais de depressão		- Modelo de Si Positivo e com valores maiores médios de EEDS
Todos	Meninos					Maior escore na EEDS ↑
	Meninas					Tendência para depressão CESD ↑
	Todos	Os seguros com maior EEDS ↑, tem baixa comunicação com pais Os seguros com maior EEDS ↑ tem alta alienação com os pais	Apresentam sinais de depressão	Os rejeitadores com maior EEDS ↑, tem baixa comunicação com pais	Apresentam sinais de depressão CESD+	Não há associação significativa: Estilos de Apego X Etnia Não há associação: Estilos de Apego X Etnia X Sexo

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Investigamos a configuração dos vínculos de apego em função de etnia e de gênero, instigados pela constatação no mestrado do postulado básico do Amor e Devoção Filiais (ADF) presente na cultura chinesa, como subjacente à maneira dos jovens participantes se perceberem em sua identidade étnica, pela especificidade étnica do postulado, não encontrado em nenhum estudo brasileiro com adolescentes, e também pelo acréscimo da teoria do apego, em sua proposição básica sobre a influência do contexto sócio-afetivo no desenvolvimento dos diversos estilos de apego. Baseados na teoria do apego, supusemos que a formação do modelo interno de si (como o indivíduo se vê como digno de amor e cuidado) poderia estar relacionada à etnia, através dos modos de criação.

Ao mesmo tempo, examinamos o grau de bem-estar psicológico associado aos diversos estilos de apego, já que a qualidade do apego a pais e amigos foi significativamente relacionada ao bem-estar psicológico (Allen, Porter, McFarland, McElhney & Marsh, 2007; Allen, Insabella, Porter, Smith, Land & Phillips, 2006; Armsden, McCauley, Greenberg, Burke & Mitchell, 1990; Armsden & Greenberg, 1987; Greszta, 2006). Verificamos associações diferenciadas de estilos de apego e bem-estar psicológico indicado pela presença e/ou ausência de sinais de depressão e fobia social especialmente. Será que os estilos de apego têm o mesmo significado nos dois grupos culturais pesquisados? A conjugação com os indicadores de bem estar psicológico foi usada para a resposta a esta questão e para permitir uma análise ao mesmo tempo ética (*etic*) eêmica (*emic*), como em Wang e Ollendick (2001).

O conjunto contemporâneo de conhecimentos sobre desenvolvimento da vinculação afetiva aponta complexidades: mostra que os efeitos da experiência inicial são dependentes de circunstâncias sócio-afetivas mais amplas, como a do âmbito da família estendida e dos amigos, o que inclui os efeitos da escolarização e do próprio temperamento da pessoa. De um outro ponto de vista, os valores culturais e o tipo de estrutura social podem impactar o desenvolvimento do adolescente mediando os efeitos de contextos sociais próximos e

distantes como a família e os amigos. (Chen e Farruggia, 2002). Essas influências vêm sendo estudadas como práticas parentais de criação de filhos informadas culturalmente (Keller, 2007). Esses conhecimentos recomendam cautela na análise e compreensão de resultados significativos; também é preciso levar em conta a magnitude de cada efeito encontrado. Os fenômenos são multideterminados.

4.1 Discussão dos Resultados gerais

De modo geral, as análises apontaram adequação das escalas em termos de confiabilidade e para uma descrição diferenciada dos participantes em função de etnia e gênero, permitindo o exame de algumas teorias sobre a influência dos modos de criação dos pais, mediada pelo contexto cultural de origem, na formação dos modelos internos de funcionamento.

1.-Não encontramos diferenças significativas nos estilos de apego em função de etnia. Entretanto, foi constatado efeito da etnia quanto ao modelo interno de si, dimensão essencial na definição dos estilos de apego, com predominância de modelo de si positivo nos ocidentais (subjacentes aos estilos seguro e rejeitador) e negativo nos orientais (estilos preocupado e medroso).

Uma análise da distribuição dos estilos de apego nos adolescentes participantes em função de etnia (apesar de, nesse caso, apenas com tendência à significância) aponta uma predominância dos estilos de apego seguro (28,9%) e rejeitador (28,4%) nos ocidentais (res.=1,8); e nos participantes orientais do estilo de apego preocupado (32%) e medroso (25%; res.=1,9). À primeira vista, isto poderia sugerir uma influência que resultaria numa aparente desvantagem no desenvolvimento dos orientais, no sentido de promover estilos inseguros de apego. Entretanto, parece conveniente um exame mais detalhado do significado desses modelos nos dois padrões culturais. Keller (1998a) aponta que embora haja um número infinito de práticas culturais, dois padrões consistentes podem ser detectados: o ocidental (14% da população mundial) e o não-ocidental (86% da população). A mesma autora (Keller, 1998b) propõe que se pense em termos de sistemas de

cuidados parentais em subsistemas separados, cada um contribuindo com diferentes conseqüências psicológicas para a formação de *autoconceitos culturalmente ajustados*. Estas composições culturais permitiriam uma resposta a determinadas condições ambientais e/ou sociais.

No lastro anterior a essas idéias, Markus e Kitayama (1990) mostraram que a criação oriental é voltada para a interdependência, na qual a representação de si é de alguma forma mais similar à do outro, sendo o conhecimento a respeito do outro relativamente mais elaborado e distinto do que o conhecimento de si. Em contraste, no típico sujeito americano a representação de si é mais elaborada e distinta na memória do que a representação de outra pessoa (do modelo do outro), de modo compatível com a orientação voltada para a independência, como ideal de desenvolvimento típico do padrão ocidental. O resultado encontrado em relação ao modelo de si como negativo nos orientais e positivo nos ocidentais parece-nos compatível com as idéias dos autores mencionados. Um modelo de si negativo nos estilos preocupado e medroso indica uma valorização da importância de conhecer, o melhor possível, ao outro com o qual se está relacionando na medida em que isso estabelece o lugar de si na relação.

Os jovens ocidentais se comunicam mais com os pais do que os orientais (ver fig.3), o que sugere um padrão oriental da relação pai-filhos. A devoção filial como valor cultural para os grupos asiáticos preconiza respeito e obediência ao pai e aos mais velhos; dessa forma, procura-se manter a harmonia dentro da família. Esta devoção impõe certa distância no relacionamento pai-filhos (especialmente nos filhos homens) que, no entanto, não afeta a confiança deles nos pais, mas se reflete na comunicação. Este resultado parece ir ao encontro à forma patrilinear de organização das relações dentro da família oriental, onde o filho homem tem precedência sobre a filha mulher. As pesquisas relatadas no capítulo a respeito das diferenças culturais entre grupos ocidentais e orientais (ítem 1.2) destacam esse fato relativo à comunicação e confiança nos pais entre asiáticos. Por exemplo, na pesquisa de Rhee e colaboradores (2003), os adolescentes asiáticos relataram maior dificuldade em se comunicar com seus pais,

particularmente com o pai, quando comparados com os caucasianos, que por sua vez apresentaram níveis mais altos de auto-estima. Nossos resultados também sugerem que a diferença cultural entre os pais de origem asiática (voltados para a interdependência) e os pais de origem caucasiana (voltados para a independência) afetam o relacionamento pais-adolescente.

Em relação à comunicação com amigos, há uma inversão: os orientais se comunicam mais do que os ocidentais e, nos dois grupos, especialmente as meninas se comunicam mais (ver fig.4). Pode-se pensar que comunicação maior com amigos para os orientais corresponda a uma orientação social maior, para o grupo, conforme uma tendência cultural de desenvolvimento para a interdependência, que possivelmente reforça a necessidade da convivência grupal na adolescência, mais provavelmente com seus pares étnicos. Ao mesmo tempo é possível aferir que, independentemente da etnia, as meninas são mais comunicativas.

As diferenças nos modos de criação parecem ter afetado, nas duas pesquisas, o modelo de si, a comunicação com pais e a interação com amigos.

Nossos resultados destacam a predominância do contexto familiar de criação para a formação do modelo de si, sobre o contexto social mais geral, na medida em que os adolescentes asiáticos revelam essa influência familiar apesar de estarem imersos no ambiente ocidental, por exemplo, na escola comum aos dois grupos.

Diante dessas duas orientações, asiática e ocidental, no padrão de desenvolvimento, que incidem especialmente no modelo de si em nossos resultados, cabe investigar as implicações desse modelo para o bem-estar psicológico nos ocidentais e orientais, para verificar possíveis especificidades e para aprimorar a concepção de estilo de apego e modelo de funcionamento, à luz de uma compreensão mais ampla que leve em conta os modos de ajustamento nos diferentes contextos culturais, minimizando os vieses da normatividade a respeito de saúde mental.

2. Em relação a **bem-estar psicológico** em termos de indicadores de depressão e fobia social: foi significativa a relação de depressão com

os estilos de apego medroso e preocupado (modelo de si negativo), sendo mais freqüente a indicação de depressão nos participantes ocidentais do que nos orientais; encontramos relações significativas de fobia social com o modelo de si positivo (estilos de apego seguro e rejeitador). Deve-se notar que, em geral, os escores para depressão apresentaram uma variação entre 10 e 20 pontos, sendo 16 o ponto de corte do instrumento, enquanto para fobia social variaram de 12 a 14 pontos, e não atingiram o ponto de diagnóstico, que também é 16.

A partir desses resultados parece pertinente pensar que a qualidade representacional dos modelos internos de funcionamento de si construídos nesses adolescentes tem um papel importante no ajustamento social alcançado. Um modelo de si positivo, que envolve uma autoestima adequada e uma capacidade de relacionamento eficiente, parece favorecer um sentimento de bem-estar psicológico, pois parece um fator de proteção para a depressão – resultado semelhante ao encontrado, por exemplo, por Allen et al (2007). Embora em nossos resultados o modelo de si positivo esteja significativamente ligado à fobia social (item 3.3), deve-se notar que não produz efeito suficiente em termos de gerar fobia social num nível considerado de importância clínica. Poder-se-ia conjecturar que o referido efeito do modelo de si positivo na fobia social representasse uma cautela social, talvez relacionada às condições de desenvolvimento da adolescência, no que se refere a um ajustamento do modelo de si no relacionamento social. Em relação à fobia é interessante notar que está mais associada a modelo de si positivo para ambas as etnias.

O cruzamento dos dados dos dois instrumentos de apego usados, Estilos de Apego e Inventário de Apego a Pais e Amigos – IPPA, aponta que a cautela social pode estar associada à transferência de apego da figura dos pais para os amigos. O modelo de si positivo (do instrumento Estilo de Apego) está associado diretamente aos fatores do IPPA de confiança com pais e com amigos e negativamente à alienação a pais e a amigos, o que atesta a importância da história afetiva prévia no contexto da formação de amizades do adolescente. Entretanto, uma peculiaridade surge quanto aos amigos: a comunicação com os amigos é influenciada negativamente pelo modelo positivo de si, efeito que não se constata na

comunicação com os pais e positivamente com o modelo do outro (Tabela 7). Portanto, as análises quanto ao modelo de si e do outro devem ser feitas em conjunto: a combinação de modelo de si positivo com modelo do outro também positivo predispõem o indivíduo para a comunicação com amigos.

Como vimos acima, fobia e depressão apresentam-se de maneira oposta em relação aos modelos internos de si: a depressão está associada à modelo de si negativo e a fobia social a modelo de si positivo. A consideração do fator etnia nesse contexto gera um resultado aparentemente paradoxal: os orientais estão mais associados a modelo de si negativo e a depressão também está mais associada a modelo de si negativo, o que sugeriria uma associação entre orientais e depressão, que de fato não ocorre. Ao contrário, a depressão aparece mais nos ocidentais (ver ítem 3.2 e Fig.1), o que leva a pensar que o modelo de si negativo pesa relativamente mais na suscetibilidade para depressão nos ocidentais. É preciso notar que no geral o modelo de si negativo está associado com depressão para ambas as etnias, mas é possível que um ideal de desenvolvimento para a independência aumente a pressão sobre o modelo de si nos ocidentais.

A associação entre depressão e características do estilo de apego tem sido encontrada em outros estudos feitos em nosso meio. Por exemplo, na pesquisa sobre fatores de risco associados à Depressão Pós-Parto (Silva, 2008), duas dimensões do estilo de apego (Escala de Relacionamento de Collins e Read, 1990) mostraram-se significativamente associadas à DPP: quanto maior a ansiedade nos relacionamentos, maior a probabilidade de depressão, e quanto maior a confiança, menor a chance de depressão. Esses resultados parecem compatíveis com os obtidos na presente pesquisa, o que vem a reiterar as ligações entre apego e depressão, também encontradas na pesquisa de Scheroki (2005).

Alguns resultados específicos obtidos na presente pesquisa, na consideração dos efeitos de determinados estilos de apego na depressão acrescentam um elemento complicador. Verificou-se que os ocidentais rejeitadores, e que, portanto, têm modelo de si positivo, apresentam mais tendência para a depressão do que os orientais rejeitadores, o que

aparentemente contraria a suposição de que o modelo negativo de si pese mais para os ocidentais no que diz respeito à depressão. Ao mesmo tempo, outro resultado chama a atenção e pode completar o entendimento deste ponto: o único efeito encontrado quanto ao estilo de apego em função de gênero e etnia foi uma média significativamente mais alta de apego rejeitador para as meninas (ver Tabela 3). Comparando as médias para apego rejeitador de meninas ocidentais com meninas orientais encontramos uma diferença muito significativa mostrando o prevalecimento no estilo rejeitador das meninas ocidentais sobre as meninas orientais, sugestivo de uma interação importante entre gênero e etnia: para as meninas ocidentais a configuração de modelos de si positivo e do outro negativo, está especialmente ligada à depressão. É possível que nessa fase do desenvolvimento da adolescente, na qual a formação de parcerias românticas ocupa um papel de destaque, essa configuração de estilo represente dificuldade peculiar para as ocidentais. Evidentemente, essas conjecturas ficam em aberto, mas esse resultado sugere novas investigações.

É preciso destacar ainda que as meninas apresentam médias significativamente mais altas (Média= 18,27) do que os meninos (Média=15,36), para depressão (Efeito:0,30), o contrário do que acontece para fobia (Média meninos=13,69; Média meninas=13,18; Efeito:0,83). Não encontramos pesquisas indicativas da associação entre fobia social e gênero masculino, nos diversos estudos que mostraram relações entre ansiedade social e relacionamento com amigos (Earth, Flanagan & Bierman, 2007; La Greca & Harrison, 2005; La Greca & Lopez, 1998). A associação entre depressão e gênero feminino é conhecida na literatura (Avanci, Assis & Oliveira, 2008; Parker & Hadzi-Pavlovic, 2004; Piccinelli & Wilkinson, 2000; Steinberg & Davila, 2008; Takakura & Sakihara, 2000) e é confirmada em nossos resultados, que mostram que a diferença já está presente na adolescência.

Na pesquisa de Greenberger e Chen (1996), o relacionamento percebido entre pais-adolescentes influenciou o humor depressivo na adolescência inicial (por volta dos 15 anos). Esse resultado se mostrou consistente com os da nossa pesquisa que apontou indicações significativas para depressão em termos de confiança com pais

(negativa) e alienação com pais (positiva) (Ver Tabela 8); no conjunto, esses resultados apontam para a influência do ambiente familiar no relacionamento entre pais e adolescentes e no humor depressivo. Entretanto, não foi encontrada esses autores não constataram diferença em função da etnia. Ao contrário desses autores, encontramos algumas diferenças da depressão em relação à etnia, com predominância nos participantes ocidentais e nos estilos inseguros (estilo medroso e preocupado principalmente).

Os resultados apontados até aqui reforçam a importância de considerar mais o efeito do contexto cultural para evitar vieses etnocêntricos na compreensão dos resultados da pesquisa.

3.- Estilos de apego e sexo. Não encontramos associação dos estilos de apego e gênero do participante; mesmo assim, a distribuição dos estilos de apego parece bastante sugestiva. Nas meninas, houve uma tendência significativa para o estilo rejeitador. As meninas ocidentais são significativamente mais rejeitadoras ($Md=4,05$ $Dp=2,14$ $t=3,66$ $p=0,000$) do que as meninas orientais ($Md=2,81$ $Dp=1,58$).

Como vimos anteriormente, o estilo rejeitador nos ocidentais está fortemente associado à depressão. No conjunto, esses resultados sugerem que o modo de criação ocidental pode representar um fator que induz uma pressão especial sobre autonomia e que pesa mais para as meninas. A conduta diferenciada em função de gênero nos adolescentes, com peculiaridades em função da etnia, sugere que as dinâmicas afetivas devem ser analisadas no contexto cultural específico, que pode alterar o peso relativo dos fatores.

Esses resultados sugerem um tratamento diferenciado por parte dos pais em função do gênero do adolescente, ou pelo menos, uma interação entre o tratamento dos pais e o gênero do adolescente.

A dimensão modelo de si está ligada a bem estar psicológico (depressão e fobia social) a características de comunicação, confiança e alienação, em ambas as etnias. Mas também é reveladora de diferença entre as etnias – modelo de si mais negativo nos orientais. No entanto, como o modelo de si negativo nos orientais não está ligado à depressão isso impede uma interpretação simplista e etnocêntrica e leva a pensar nos fatores no contexto da interdependência. A consideração do contexto

da interdependência oriental modifica a interpretação de algumas dessas dimensões do apego nos orientais.

Acreditamos que os dados sejam sugestivos de uma interação complexa entre modos de criação/etnia, gênero, estilo de apego e bem-estar psicológico. Os resultados permitem também uma compreensão menos ingênua das categorias de estilo de apego, apontando que a dimensão modelo de si evidencia as influências da maneira de se relacionar dos adolescentes, que afeta o seu ajustamento psicossocial. A conjugação dos dados obtidos pelos instrumentos de avaliação de estilos de apego e bem-estar psicológico revelou-se importante para uma relativização e aprofundamento dos resultados.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. D. (1967). *Infancy in Uganda: Infant care and the growth of love*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Ainsworth, M. D. (1973). The development of infant-mother attachment. In: Caldwell, B., & Ricciuti, H. (Eds.), *Review of child development research*, Chicago: University of Chicago Press, 3, 1-94.
- Ainsworth, M. D. (1989). Attachment beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Allen, J. P., Hauser, S. T., Bell, K. L., & O'Connor, T. G. (1994). Longitudinal assessment of autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of adolescent ego development and self-esteem. *Child Development*, 65, 179-194.
- Allen J. P., & Kuperminc, G. P. (1995). Adolescent attachment, social competence, and problematic behavior. Paper presented at the biennial meeting of the Society for Research in Child Development, Indianapolis.
- Allen J. P., & Land, D. (1999). Attachment in Adolescence. In: Cassidy J., & Shaver, P. R. (Eds.), *Handbook of Attachment. Theory, Research, and Clinical Applications*, (319-335). New York, London: Guilford Press.
- Allen, J. P., Insabella, G., Porter, M.R, Smith, F.D., Land, D., & Phillips, N. (2006) A social-interactional model of the development of depressive symptoms in adolescence. *J. Consult. Clin. Psychol.*, 74(1), 55-65.
- Allen, J. P., Porter, M.R, McFarland, Cg., McElhaney, K.B., & Marsh, P. (2007). The relation of attachment security to adolescents' paternal and peer relationships, depression, and externalizing behavior. *Child Development*, 78(4), 1222-1239.
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16 (5), 427-454.
- Armsden, G. C., McCauley, E., Greenberg, M. T., Burke, P. M., & Mitchell, J. R. (1990). Parent and peer attachment in early adolescent depression. *J. Abnorm. Child Psychol.*, 18(6), 683-697.
- Avanci, J.Q., & Assis, S.G., & Oliveira, R.V. (2008). Depressive symptoms during adolescence: a study in a city in Rio de Janeiro State, Brazil. *Cad. Saúde Pública*, 24(10), 2334-2346.

- Bartholomew, K. & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61 (2), 226-244.
- Baumrid, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4, 1-103.
- Baumrid, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11, 56-95.
- Becker-Stoll, F., & Fremmeier-Bombik, E. (1997). Adolescent-mother interaction and attachment. A longitudinal study. Paper presented at the biennial meeting of the Society for Research in Child Development, Washington.
- Bednar, D. E. & Fisher, T. D. (2003). Peer referencing in adolescent decision making as a function of perceived parenting style. *Adolescence*, 38 (152), 607-621.
- Benedict, R. O. (1997). *O crisântemo e a espada*. São Paulo: Perspectiva.
- Benoit, D., & Parker, K. C. H. (1994). Stability and transmission of attachment across three generations. *Child Development*, 65, 1444-1456.
- Berry, J. W. (1969). On cross-cultural comparability. *International Journal of Psychology*, 4 (2), 119-128.
- Berry, J. W. (1999). Emics and etics: A symbiotic conception. *Culture & Psychology*, 5 (2), 165-171.
- Berry, J. W., Poortinga, Y. H., Segall, M. H., & Dasen, P. R. (1992) *Cross-cultural psychology: Research and applications*. Cambridge: University Press.
- Bowlby, J. (1988-1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1951 (1ed.) – 1976 (2ed.) – 1981). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1969-1984). *Apego e Perda. Vol. 1: Apego* (1ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1973-1984). *Apego e Perda. Vol. 2: Separação* (1ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1979-1982). *Formação e rompimento de laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.

- Bretherton, I. (2008). Em busca de um modelo interno de funcionamento e sua relevância para os relacionamentos de apego. In: Grossmann, K., Grossmann, K., & Waters, E. (Orgs.). *Apego. Da infância à idade adulta. Os principais estudos longitudinais*. São Paulo: Roca, 13-46.
- Bretherton, I., & Munholland, K. (1999). Internal working models in attachment relationships. A construct revisited. In: Cassidy J., & Shaver, P. R. (Eds.), *Handbook of Attachment. Theory, Research, and Clinical Applications*, (89-114). New York, London: Guilford Press.
- Bretherton, I., & Waters, E. (Eds.). (1985). Growing points of attachment theory and research. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 (1-2, Serial nº209).
- Bussab, V. S. R. e Ribeiro, F. L. (1998). Biologicamente cultural. In: Souza, L., Freitas, M. F. Q., & Rodrigues, M. M. P. (Eds.) *Psicologia Reflexões (Im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 175-194.
- Bussab, V. S. R. (2002). Nas malhas do apego: Natureza, cultura e desenvolvimento humano. In: Leite, S. A. S. (Org.) *Cultura, Cognição e Afetividade: A sociedade em movimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 11-25.
- Bussab, V. S. R. (2003). Afetividade e interação social em crianças: perspectiva psico-etológica. Tese de Livre Docência. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.
- Cassidy, J. (1994). Emotion regulation: influences of attachment relationships. In: Fox, N. A. (Ed.) The development of emotion regulation: Biological and biobehavioral considerations. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 59(2-3, Serial nº240), 228-249.
- Cassidy, J. & Shaver, P.(Eds.). (1999). *Handbook of Attachment*, New York, London: Guilford Press.
- Chan, S., & Leong, C. W. (1994). Chinese families in transition: Cultural conflicts and adjustment problems. *Journal of Social Distress and the Homeless*, 3 (3), 263-281.
- Chao, R. K. (1994). Beyond parental control and authoritarian parenting style: Understanding chinese parenting through the cultural notion of training. *Child Development*, 65, 1111-1119.
- Chao, R. K. (2001). Extending research on the consequences of parenting style for chinese americans and european americans. *Child Development*, 72 (6), 1832-1843.

- Chen, C., & Farriggia, S. (2202). Culture and adolescent development. In: In: Lonner, W. J., Dinnel, D. L., Hayes, S. A., & Sattler, D. N. (Eds.), *Online readings in psychology and culture* (Unit 15, chapter 1), (<http://www.ac.wvu.edu/~culture/index-cc.htm>), Center for Cross-Cultural Research, Western Washington University, Bellingham, Washington USA.
- Choi, S. C., Kim, U., & Choi, S. H. (1993) Indigenous analysis of collective representations. A korean perspective. In: Kim, U., & Berry, J.W. (Eds.) *Indigenous Psychologies - Research & Experience in Cultural Context*. California: Sage Publications.
- Collins, N. L. & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.
- Crocker, J., Luhtanen, R., Blaine, B., & Broadnax, S. (1994). Collective self-esteem and psychological well-being among white, black, and asian college students. *Personality & Social Psychology Bulletin*, 20 (5), 503-513.
- Dalbem, J., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do Apego: Bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57 (1).
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006). Estatística sem matemática para psicologia. Usando SPSS para Windows. Tradução Lorí Viali. Porto Alegre: Artmed.
- De Biaggi, S. D., & Paiva, G. J. (2004). *Psicologia, e/imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Eibl-Eibesfeldt, I. (1989). *Human Ethology*. London: Aldine de Gruyter.
- Florsheim, P. (1997). Chinese adolescent immigrants: Factors related to psychosocial adjusment. *Journal of Youth and Adolescence*, 26 (2), 143-163.
- Freud, S. (1940/1980). Esboço da psicanálise. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol.23, 168-246.
- Fuligni, A. J. (1997). The academic achievement of adolescents from immigrant families: the roles of family background, attitudes, and behavior. *Child Development*, 73 (1), 351-363.
- Fuligni, A. J. (1998). Authority, authonomy, and parent-adolescent conflict and cohesion: A study of adolescents from Mexican, Chinese, Filipino, and European backgrounds. *Developmental Psychology*, 34 (4), 782-792.

- Greszta, E. (2006). Family environment risk factors of depression in adolescence. *Psychiatr. Pol.*, 40(4), 719-730.
- Greenberger, E., & Chen, C. (1996). Perceived family relationships and depressed mood in early and late adolescence: A comparison of european and asian americans. *Developmental Psychology*, (32), (4), 707-716.
- Greenberger, E.; Chen, C.; Tally, S. R., & Qi, D. (2000). Family, peer, and individual correlates of depressive symptomatology among U.S. and Chinese adolescents. *Journal of Clin. Psychol.*, 68(2), 209-219.
- Greenfield, P. M., Keller, H., Fuligni A, & Maynard, A. (2003). Cultural pathways through universal development. *Annual Review of Psychology*, 54, 461-490.
- Griffin, D., & Bartholomew, K. (1994). Models of the self and other: fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. In: *Journal of Personality and Social Psychology*, 67 (3), 430-445.
- Grossmann, K., & Grossmann, K. (1990). The wider concept of attachment in cross- cultural research. *Human Development*, 33, 31-47.
- Hamid, P. N., Yue, X. D., & Leung, C. M. (2003). Adolescent coping in different chinese family enviroments. *Adolescence*, 38 (149), 111-130.
- Harwood, R. L., Miller, J. G., & Irizarry, N. L. (1995). *Culture and attachment. Perceptions of the child in context*. New York, London: The Guilford Press.
- Hinde, R. A., & Stevenson-Hinde, J. (1993). Perspectives on attachment. In: Parkes, C. M.; Stevenson-Hinde, J., & Marris, P. (Orgs.), *Attachment across the life cycle*. London: Routledge.
- Ho, D.Y. F. (1975). Traditional Chinese Approaches to Socialization. In: Berry, J. W., & Lowner, W. J. (Eds.) *Applied Cross-Cultural Psychology*, Amsterdam:Swetas & Zeitlinger, B. V., 309-315.
- Ho, D. Y. F., (1993). Relational Orientation in Asian Social Psychology. In: Kim, U., & Berry, J.W. (Eds.) *Indigenous Psychologies – Research and Experience in Cultural Context*. California:Sage Publications., 240-259.
- Ho, D. Y. F., & Kang, T. K. (1984). Intergenerational comparisons of child-rearing attitudes and practices in Hong Kong. *Developmental Psychology*, 20 (6), 1004-1016.

- Ho, Y. F. & Lee, L. Y. (1974). Authoritarianism and attitude toward filial piety in Chinese teachers. *The Journal of Social Psychology*, 92, 305-306.
- Hsu, F. L. K. (1949). *Under the ancestors' shadow. Chinese culture and personality*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Hsu, F. L. K. (1961). Kinship and ways of life: an exploration. In: Hsu, F. L. K. (Ed.), *Psychological Anthropology. Approaches to culture and personality*. Illinois: The Dorsey.
- Hsu, F. L. K. (1974). *O estudo das civilizações letradas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Ijzendoorn, M. H. van. (1990). Developments in cross-cultural research on attachment: some methodological notes. *Human Development*, 33, 3-9.
- Ijzendoorn, M. H. van. (1996). Commentary. *Human Development*, 39, 224-231.
- Ijzendoorn, M. H. van. (1996). Attachment patterns and their outcomes: Commentary. *Human Development*, 39, 224-231.
- Ijzendoorn, M. H. van, & Sagi, A. C. (1999). Cross-cultural patterns of attachment: Universal and contextual dimensions. In: Cassidy, J. & Shaver, P. (Eds.). *Handbook of Attachment. Theory, Research, and Clinical Applications*. (713-734) New York, London: Guilford Press.
- Kam, C. C., & Bond, M. H. (2008). Role of emotions and behavioural responses in mediating the impact of face loss on relationship deterioration: Are Chinese more face-sensitive than Americans? *Asian Journal of Social Psychology*, 11, 175-184.
- Kao, H. F., & Travis, S. S. (2005a). Development of the expectations of Filial Piety Scale – Spanish Version. *J. Adv. Nurs.*, 52(6), 682-688.
- Kao, H. F., & Travis, S. S. (2005b). Effects of acculturation and social exchange on the expectations of filial piety among Hispanic/Latino parents of adult children. *Nurs. Health Science*, 7(4), 226-234.
- Kao, J. B. S. (1952). A filosofia social e política do confucionismo. Rio de Janeiro: [s.n.].
- Keller, H. (1998, a). Diferentes caminhos de socialização até a adolescência. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 8, (1/2), 01-14.
- Keller, H. (1998, b). The role of development for understanding the biological basis of cultural learning. Paper read at the Symposium "Theories of individual development: demarcating and integrating metaperspectives", Wittenberg, Germany, November 5th – 8th.

- Keller, H., & Greenfield, P. M. (2000). The history and future of development in cross-cultural psychology. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 31(1), 52-62.
- Keller, H. (2007). *Cultures of Infancy*. London: Routledge.
- Keller, H., Harwood, R., & Carlson, V. (2007). Culture and Developmental Pathways of Relationship Formation. In: Bekman, S. et al., *Perspectives on Human Development, Family and Culture*.
- Kim, K. C., Kim, S., & Hurh, W. M. (1991). Filial piety and intergenerational relationship in Korean immigrant families. *International Journal of Aging and Human Development*, 33 (3), 233-245.
- Kitayama, S., & Park, H. (2007). Cultural shaping of self, emotion, and well-being: How does it work?. *Social and Personality Psychology Compass*, 1(1), 202-222.
- Kleinman, A., & Kleinman, J. (1985). Somatization: The interconnections in Chinese society among culture, depressive experiences, and the meaning of pain. In: A. Kleinman & B. Good (Eds.), *Culture and depression*, Berkeley: University of California Press, 429-490.
- Kobak, R., & Cole, C. (1994). Attachment and metamonitoring: Implications for adolescent autonomy and psychopathology. In: Cicchetti, D. (Ed.). *Rochester Symposium on Development and Psychopathology*, 5. Disorders of the self (p. 267-297). Rochester, NY: University of Rochester Press.
- La Greca, A. M., & Lopez, N. (1998). Social anxiety among adolescents: linkages with peer relations and friendships. *J. Abnorm. Child Psychol.*, 26(2), 83-94.
- La Greca, A. M., & Harrison, H. M. (2005). Adolescent peer relations, friendships, and romantic relationships: do they predict social anxiety and depression? *J. Clin. Child Adolesc. Psychol.*, 34(1), 49-61.
- Lau, S., & Cheung, P. C. (1987). Relations between Chinese adolescents' perception of parental control and organization and their perception of parental warmth. *Developmental Psychology*, 23 (5), 726-729.
- Lin, C., & Fu, V. (1990). A comparison of child-rearing practices among Chinese, immigrant Chinese, and Caucasian-American parents. *Child Development*, 61, 429-433.
- Main, M. (1990). Cross-cultural studies of attachment organization: Recent studies, changing methodologies, and the concept of conditional strategies. *Human Development*, 33, 48-61.

- Main, M. (2000). The organized categories of infant, child, and adult attachment: flexible vs. inflexible attention under attachment-related stress. *Journal of the American Psychoanalytical Association*, 48 (4), 1055-1127.
- Markus, H. R., & Kitayama, S. (1991) Culture and the Self: Implications for cognition, emotion, and motivation. *Psychological Review*, 98 (2), 224-253.
- Neto, F.L.B. (2000). Escalas para Avaliação de Fobias. In: Gorestein, C., Andrade, L. H. S. G. & Zuardi, A W. *Escalas de Avaliação Clínica em Psiquiatria e Psicofarmacologia*, São Paulo: Lemos, p.157-164.
- Nikelly, A. (1988). Does DSM-III-R diagnose depression in non-Western patients? *Int. Journal of Social Psychiatry*, 34, 316-320.
- Paiva, G. J. de (1978). Introdução à Psicologia Intercultural. São Paulo: Pioneira.
- Parker, G., & Hadzi-Pavlovic, D. (2004). Is the female preponderance in major depression secondary to a gender difference in specific anxiety disorders? *Psychol Med.*, 34(3), 461-470.
- Phinney, J. S. (1990). Ethnic identity in adolescents and adults: Review of research. *Psychological bulletin*, 108 (3), 499-514.
- Piccinelli, M., & Wilkinson, G. (2000). Gender differences in depression. Critical review. *Br. J. Psychiatry*, 177, 486-492.
- Ranta, K.; Kaltiala-Heino, R.; Koivisto, A.; Tuomisto, M.; Pelkonen, M., & Marttunen, M. (2007). Age and gender differences in social anxiety symptoms during adolescence: The Social Phobia Inventory (SPIN) as a measure. *Psychiatry Research*, 153, 261-270.
- Rhee, S., Chang, J., & Rhee, J. (2003). Acculturation, communication patterns, and self-esteem among asian and caucasian american adolescents. *Adolescence*, 38 (152), 749-768.
- Ribas, A. F. P., & Seidl de Moura, M. L. (1998). Interações precoces mãe-bebê: a gênese de zonas de construção. *Cadernos de Psicologia*, 9, 59-75.
- Rohner, R. P., & Pettengill, S. M. (1985). Perceived parental acceptance-rejection and parental control among korean adolescents. *Child Development*, 56, 524-528.
- Rosenstein, D. S., & Horowitz, H. A. (1996). Adolescent attachment and psychopathology. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 244-253.

- Sang, E. R. (2003). Amor e Devoção Filiais. Um Estudo Exploratório com Filhos de Imigrantes Chineses. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Sang, E. R. , & Migliavacca, E. M. (2007) Amor e devoção filiais – (XIÁSHÚN) na família chinesa. Filiação na migração. *Travessia. Revista do Migrante*, ano XX, (59), 43-46.
- Scheroki, F. (2004). Um estudo das relações entre apego e índices de depressão e fobia numa população evangélica. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Seidl de Moura, M. L. (1999). Interações iniciais e seu papel no desenvolvimento: uma contribuição ao estudo da gênese da atividade mediada. Tese apresentada como requisito para candidatura a provimento de vaga para professor titular em desenvolvimento cognitivo. Universidade do Estado de Rio de Janeiro.
- Seidl de Moura, M. L., & Ribas, A. F. P. (2000) Desenvolvimento e contexto sócio-cultural: a gênese da atividade mediada nas interações mãe-bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 13 (2), 245-256.
- Shek, D. T. L. (2000). Differences between fathers and mothers in the treatment of, and relationship with, their teenage children: Perceptions of chinese adolescents. *Adolescence*, 35 (137), 135-146.
- Silva, G. A. da. (2008). Estudo longitudinal sobre prevalência e fatores de risco para depressão pós-parto em mães de baixa de renda. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.
- Silveira, D. X. da e Jorge, M.R. (2000). Escalas de Rastreamento Populacional para Depressão (CES-D) em Populações Clínicas e Não-Clínicas de Adolescentes e Adultos Jovens. In: Gorestein, C., Andrade, L. H. S. G. & Zuardi, A W. *Escalas de Avaliação Clínica em Psiquiatria e Psicofarmacologia*, São Paulo: Lemos, 125-135.
- Singelis, T. M. (1994). The measurment of independent and interdependent self-construals. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 20(5), 580-591.
- Sollenberger, R. T. (1968) Chinese-american child-rearing practices and juvenile delinquency. *The Journal of Social Psychology*, 74, 13-23.
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Dornbusch, S. M., & Darling, N. (1992). Impact of parenting practices on adolescent achievement: authoritative parenting, school involvement, and encouragement to succeed. *Child Development*, 48, 1266-1281.

- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Darling, N., Mounts, N. S., & Dornbusch, S. M. (1994). Over-Time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 65, 754-770.
- Stewart, S. M., Lewinsohn, P. M., Lee, P. W. H.M., Kennard, B., Hughes, C. W., & Emslie, G. J. (2002). Symptom pattern in depression and "subthreshold" depression among adolescents in Hong Kong and the United States. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 33(6), 559-576.
- Suh, E. M., & Oishi, S. (2002). Subjective well-being across cultures. In: Lonner, W. J., Dinnel, D. L., Hayes, S. A., & Sattler, D. N. (Eds.). *Online Readings in Psychology and Culture* (Unit 7, chapter 1), University, Bellingham, Washington, USA. <http://www.ac.wvu.edu/~culture/>.
- Takamura, M., & Sakihara, S. (2000). Gender differences in the association between psychosocial factors and depressive symptoms in Japanese Junior high school students. *J. Epidemiol.*, 10(6), 383-391.
- Tavecchio, L. W. C., & van Ijzendoorn, M. H. (1987). *Attachment in Social Networks: Contributions to a Bowlby-Ainsworth Attachment Theory*. Amsterdam: North-Holland.
- Thompson, R. A., Fkildm, M. F., & Lundquist, L. (1995). Emotional regulation: Its relations to attachment and developmental psychopathology. In: Cichetti, D. & Toth, S. L. (eds.). *Rochester Symposium on Development and Psychopathology*, 6. Emotion, cognition, and representation (p. 261-229). Rochester, NY: University of Rochester Press.
- Thompson, R. A. (1999). Early Attachment and Later Development. In: Cassidy J. & Shaver, P. R. (Eds.) *Handbook of Attachment. Theory, Research, and Clinical Applications*. New York, London: Guilford Press, 265-286.
- Triandis, H. C., & Suh, E. M. (2002). Cultural influences on personality. *Annual Review Psychology*, 53, 133-160.
- Triandis, H. C. (2002). Subjective culture. In: Lonner, W. J., Dinnel, D. L., Hayes, S. A., & Sattler, D. N. (Eds.), *Online readings in psychology and culture* (Unit 15, chapter 1), (<http://www.ac.wvu.edu/~culture/index-cc.htm>), Center for Cross-Cultural Research, Western Washington University, Bellingham, Washington USA.

- Triandis, H. C., Bontempo, R., Villareal, M. J., Asai, M., & Lucca, N. (1988). Individualism and collectivism: Cross-Cultural perspectives on self-ingroup relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(2), 323-338.
- Wang, Y. & Ollendick, . H. (2001). A cross-cultural and developmental analysis of self-esteem in Chinese and Western children. *Clin. Child Fam. Psychol. Rev.*, 4(3), 253-271.
- Wong, B. (1998). *Ethnicity and entrepreneurship: The chinese immigrants in San Francisco Bay Area*. Massachusetts: Simon & Schuster.
- Xie, D., Leong, F. T. L., & Feng, S. (2008). Culture-specific personality correlates of anxiety among chinese and caucasian college students. *Asian Journal of Social Psychology*, 11, 163-174.
- Yang, J. (2000). Fathering and children's sex role orientation in Korea. *Adolescence*, 35 (140), 731-745.
- Yang, K. (1981). Social orientation and individual modernity among chinese students in Taiwan. *The Journal of Social Psychology*, 113, 159-170.
- Yang, K. & Bond, M.H. (1990). Exploring implicit personality theories with indigenous or imported constructs: The Chinese Case. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, (6), 1087-1093.
- Yeh, C. J., & Hwang, M. Y. (2000). Interdependence in ethnic identity and self: Implications for theory and practice. *Journal of Counseling & Development*, 78, 420-429.
- Yeh, C. J., & Inose, M. (2002). Difficulties and coping strategies of chinese, japanese, and korean immigrant students. *Adolescence*, 37 (145), 69-82.
- Yeh, C. J., Arora, A. K., Inose, M., Okubo, Y., Li, R. H., & Greene, P. (2003). The cultural adjustment and mental health of japanese immigrant youth. *Adolescence*, 38 (151), 481-500.

Anexos

Anexo1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Jovem:

Você está sendo convidado para participar de uma pesquisa sobre o relacionamento de jovens com seus pais e amigos que está sendo desenvolvida por Ernesto René Sang, no Programa de Pós-graduação do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. A sua participação é voluntária. Caso não deseje participar você pode não assinar este termo. Só irão participar desta pesquisa os que assinarem este documento.

A pesquisa envolve numa primeira etapa responder alguns questionários indicando a sua opinião através de notas e fazendo um desenho de um ninho de passarinho. A pesquisa vai demorar mais ou menos uma hora (1h.), dependendo de cada um.

Numa segunda etapa, você poderá ser convidado a dar opiniões adicionais sobre o mesmo assunto, por isso solicitamos que escreva seu primeiro nome, um telefone e email para contato.

Os resultados desta pesquisa serão sigilosos. As respostas aos questionários serão analisadas em termos de tendências grupais, ou seja, a publicação dos resultados não incluirá os nomes de nenhum dos participantes.

Se você tiver alguma dúvida, o pesquisador estará à sua disposição para qualquer esclarecimento. Você poderá solicitar maiores informações agora ou mais tarde, através do telefone 3661-9497, ou por email – ernestors@usp.br (com Ernesto René Sang).

Ernesto René Sang

Recebi todas as informações necessárias para concordar em participar da pesquisa assim como fui informado(a) de que poderia interromper a minha participação a qualquer momento que desejasse.

Nome: _____

Telefone para contato: _____ Email: _____

Concordo em participar da pesquisa : _____

Data: _____ (Assinatura) _____

Anexo 2: Questionário de Estilos de Apego (Bartholomew e Horowitz, 1990)

Para as declarações abaixo, atribua um valor (nota) de 1 a 7 referente ao grau em que elas se aplicam a você, sendo que 1 (um), o menor valor, indica que a afirmação não se aplica à você, e 7 (sete), o maior valor, indica que se aplica totalmente à você. Coloque a nota no espaço ao lado e, mesmo em dúvida, não deixe de atribuir nota a nenhuma delas.

- () É fácil para mim tornar-me emocionalmente próximo dos outros. Sinto-me confortável dependendo dos outros ou tendo-os dependendo de mim. Não me preocupo se fico sozinho ou se não sou aceito pelos outros.
- () Sinto-me desconfortável ao me aproximar dos outros. Eu quero ter relacionamentos emocionalmente próximos, mas acho difícil confiar completamente nos outros ou depender deles. Às vezes receio me "machucar" se me permito estar muito próximo dos outros.
- () Quero estar emocionalmente íntimo com os outros, por completo, mas freqüentemente verifico que os outros relutam em ficar tão próximo quanto eu gostaria. Eu me sinto desconfortável sem relacionamentos próximos, mas algumas vezes me preocupa que os outros não me valorizam tanto quanto eu os valorizo.
- () Sinto-me confortável sem relacionamentos emocionais próximos. É muito importante para mim, sentir-me independente e auto-suficiente, e prefiro não depender dos outros e nem tê-los dependentes de mim.

Anexo 3: O Inventário de Apego a Pais e Amigos (IPPA) Armsden e Greenberg (1987)

Leia cada uma das declarações abaixo e avalie com que frequência elas têm sido verdadeiras em sua vida. Escreva um número após cada frase, conforme o critério especificado abaixo. Em caso de dúvida opte pela alternativa mais próxima de sua avaliação.

1 = quase nunca ou nunca
2 = raramente
3 = de vez em quando
4 = frequentemente
5 = sempre ou quase sempre

Pais

1. Meus pais respeitam meus sentimentos. (___)
2. Sinto que meus pais são um sucesso como pais. (___)
3. Gostaria ter tido pais diferentes. (___)
4. Meus pais me aceitam como sou. (___)
5. Tenho que contar comigo mesmo quando tenho que resolver um problema. (___)
6. Gosto de saber a opinião dos meus pais sobre as coisas que me dizem respeito. (___)
7. Sinto que não vale a pena mostrar meus sentimentos. (___)
8. Meus pais percebem quando estou chateado com alguma coisa. (___)
9. Conversar com meus pais sobre meus problemas me faz sentir envergonhado ou tolo. (___)
10. Meus pais esperam demais de mim. (___)
11. Em casa fico facilmente chateado(a). (___)
12. Eu fico muito mais chateado do que meus pais percebem. (___)
13. Quando conversamos a respeito de algum assunto, meus pais consideram meu ponto de vista. (___)
14. Meus pais confiam no meu julgamento. (___)
15. Meus pais têm seus próprios problemas, por isso não os chateio com os meus. (___)
16. Meus pais me ajudam a me entender melhor. (___)
17. Eu converso com meus pais sobre meus problemas e preocupações. (___)
18. Sinto raiva dos meus pais. (___)
19. Não me dão muita atenção em casa. (___)
20. Meus pais me encorajam a falar sobre minhas dificuldades. (___)
21. Meus pais me entendem. (___)
22. Não sei com quem posso contar ultimamente. (___)
23. Quando estou bravo(a) com alguma coisa, meus pais tentam ser compreensivos. (___)
24. Eu confio nos meus pais. (___)

25. Meus pais não entendem o que tenho passado ultimamente. (____)
26. Posso contar com meus pais quando preciso me abrir. (____)
27. Sinto que ninguém me entende. (____)
28. Se meus pais sabem que alguma coisa está me chateando, eles me perguntam o que é. (____)

AMIGOS

1. Gosto de saber a opinião dos meus amigos sobre as coisas que me tocam. (____)
2. Meus amigos percebem quando estou chateado com alguma coisa. (____)
3. Quando conversamos a respeito de algum assunto, meus amigos consideram meu ponto de vista. (____)
4. Conversar com meus amigos sobre meus problemas me faz sentir envergonhado ou tolo. (____)
5. Gostaria de ter tido amigos diferentes. (____)
6. Meus amigos me entendem. (____)
7. Meus amigos me encorajam a falar sobre minhas dificuldades. (____)
8. Meus amigos me aceitam como sou. (____)
9. Sinto necessidade de estar em contato com meus amigos mais freqüentemente. (____)
10. Meus amigos não entendem o que tenho passado ultimamente. (____)
11. Sinto-me sozinho ou de lado, quando estou com meus amigos. (____)
12. Meus amigos escutam o que tenho a dizer. (____)
13. Sinto que meus amigos são bons amigos. (____)
14. É extremamente fácil conversar com meus amigos. (____)
15. Quando estou bravo(a) com alguma coisa, meus amigos tentam ser compreensivos. (____)
16. Meus amigos me ajudam a me entender melhor. (____)
17. Meus amigos se preocupam com meu bem-estar. (____)
18. Sinto raiva dos meus amigos. (____)
19. Posso contar com meus amigos quando preciso me abrir. (____)
20. Eu confio nos meus amigos. (____)
21. Meus amigos respeitam meus sentimentos. (____)
22. Fico muito mais chateado do que meus amigos percebem. (____)
23. Meus amigos parecem estar irritados comigo sem razão. (____)
24. Converso com meus amigos sobre meus problemas e preocupações. (____)
25. Se meus amigos sabem que alguma coisa está me chateando, eles me perguntam o que é. (____)

Anexo 4: Escala de Esquiva e Desconforto Sociais (EEDS) Watson e Friend, 1969; validada por Barros Neto, 1996.

Assinale com um círculo cada uma das afirmações a seguir quando (V) verdadeiro ou (F) falso para você:

1. Sinto-me tranqüilo, mesmo em situações sociais não-familiares.....	V	F
2. Tento evitar situações que me forcem a ser muito sociável.....	V	F
3. É muito fácil relaxar quando estou com estranhos.....	V	F
4. Não tenho qualquer desejo especial de evitar pessoas.....	V	F
5. Frequentemente acho as ocasiões sociais desagradáveis.....	V	F
6. Geralmente, sinto-me calmo e confortável em ocasiões sociais	V	F
7. Geralmente, sinto-me tranqüilo quando converso com alguém do sexo oposto.....	V	F
8. Evito falar com as pessoas a não ser que as conheça bem.....	V	F
9. Se aparecer a oportunidade de conhecer pessoas novas, frequentemente aceito.....	V	F
10. Frequentemente, sinto-me nervoso ou tenso em reuniões informais nas quais pessoas de ambos os sexos estão presentes.....	V	F
11. Geralmente, fico nervoso diante das pessoas, a não ser que eu as conheça...	V	F
12. Sinto-me relaxado quando estou com um grupo de pessoas.....	V	F
13. Muitas vezes quero me afastar das pessoas.....	V	F
14. Geralmente, sinto-me desconfortável quando estou com um grupo de pessoas que não conheço.....	V	F
15. Geralmente, sinto-me tranqüilo quando encontro alguém pela primeira vez.....	V	F
16. Quando sou apresentado às pessoas, sinto-me tenso e nervoso.....	V	F
17. Posso entrar tranqüilamente em uma sala cheia de pessoas estranhas.....	V	F
18. Evitaria juntar-me a um grupo grande de pessoas.....	V	F
19. Tenho prazer em falar com meus superiores, quando querem falar comigo.....	V	F
20. Frequentemente, sinto-me tenso com um grupo de pessoas.....	V	F
21. Tendo a me afastar das pessoas.....	V	F
22. Não me importo em falar com as pessoas em festas e reuniões.....	V	F
23. Raramente fico confortável junto a um grupo grande de pessoas.....	V	F
24. Frequentemente planejo desculpas para evitar compromissos sociais.....	V	F
25. Às vezes, assumo a responsabilidade de apresentar pessoas umas às outras....	V	F
26. Tento evitar ocasiões sociais formais.....	V	F
27. Geralmente vou a todos os meus compromissos sociais.....	V	F
28. Acho fácil relaxar ao lado de outras pessoas.....	V	F

Anexo 5: Escala de Rastreamento Populacional para Depressão em Populações Clínicas e Não-clínicas em Adolescentes e Adultos Jovens (CESD), Radloff, 1977; validada por Silveira e Jorge, 1998-99.

Instruções: Segue abaixo uma lista de tipos de sentimentos e comportamentos. Solicitamos que você assinale com um "X" a frequência com que tenha se sentido desta maneira **durante a semana passada**.

	Raramente (menos de um dia)	Durante pouco tempo (1 a 2 dias)	Durante um tempo moderado (3 a 4 dias)	Durante a maior parte do tempo (5 a 7 dias)
1. Senti-me incomodado com coisas que habitualmente não me incomodam				
2. Não tive vontade de comer, tive pouco apetite				
3. Senti não conseguir melhorar meu estado de ânimo mesmo com a ajuda de familiares e amigos				
4. Senti-me, comparando-me às outras pessoas, tendo tanto valor quanto a maioria delas				
5. Senti dificuldade em me concentrar no que estava fazendo				
6. Senti-me deprimido				
7. Senti que tive que fazer esforço para dar conta das minhas tarefas habituais				
8. Senti-me otimista com relação ao futuro				
9. Considerei que minha vida tinha sido um fracasso				
10. Senti-me amedrontado				
11. Meu sono não foi repousante				
12. Estive feliz				
13. Falei menos que o habitual				
14. Senti-me sozinho				
15. As pessoas não foram amistosas comigo				
16. Aproveitei minha vida				
17. Tive crises de choro				
18. Senti-me triste				
19. Senti que as pessoas não gostavam de mim				
20. Não consegui levar adiante minhas coisas				

ANEXO 6 – Escores fatoriais resultantes da análise do IPPA

Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
IAP1	,689	,258	,287
IAP2	,678	,115	,364
IAP3	-,531	-,016	-,421
IAP4	,564	-,012	,222
IAP5	-,468	,102	,235
IAP6	,557	,220	-,135
IAP7	-,557	,085	,432
IAP8	,634	,130	-,256
IAP9	-,537	,087	,249
IAP10	-,426	,043	,004
IAP11	-,628	,372	-,234
IAP12	-,560	,468	,033
IAP13	,677	,169	,163
IAP14	,654	,149	,249
IAP15	-,519	,065	,315
IAP16	,738	,121	-,253
IAP17	,728	,144	-,290
IAP18	-,655	-,008	-,302
IAP19	-,565	,019	,027
IAP20	,621	,284	-,235
IAP21	,794	,034	,095
IAP22	-,558	,447	,046
IAP23	,712	,129	,021
IAP24	,670	,017	,235
IAP25	-,529	,465	,166
IAP26	,704	,215	-,104
IAP27	-,478	,574	-,123
IAP28	,542	,256	-,124

Extraction Method: Principal Component Analysis.

a. 3 components extracted.

Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
IAa1	,517	,406	-,210
IAa2	,660	,170	-,136
IAa3	,480	-,104	,185
IAa4	-,537	,028	,428
IAa5	-,667	,285	-,145
IAa6	,762	-,047	,007
IAa7	,667	,407	-,128
IAa8	,632	-,130	,205
IAa9	,254	,420	,231
IAa10	-,448	,337	,397
IAa11	-,587	,424	,026
IAa12	,711	-,103	,196
IAa13	,745	-,244	,163
IAa14	,668	-,219	,067
IAa15	,678	,215	,181
IAa16	,643	,372	-,209
IAa17	,719	,112	,207
IAa18	-,453	,428	-,159
IAa19	,730	,256	-,092
IAa20	,675	-,149	-,005
IAa21	,752	-,070	,235
IAa22	-,306	,397	,565
IAa23	-,362	,432	,048
IAa24	,701	,340	-,261
IAa25	,681	,306	,117

Extraction Method: Principal Component Analysis.

a. 3 components extracted.

ANEXO 7 – Tabela de médias resultante do GLM multivariado entre Sexo, etnia em função dos escores fatoriais do IPPA

	Sexo	Etnia	Média	DP	N
Confiança Pais	Masculino	Ocidental	.1219538	.97468934	141
		Oriental	-.1653064	1.17914761	55
		Total	.0413451	1.04107603	196
	Femino	Ocidental	-.2028543	.91574410	79
		Oriental	.0311839	.77690281	42
		Total	-.1216179	.87396837	121
	Total	Ocidental	.0053181	.96456435	220
		Oriental	-.0802281	1.02442639	97
		Total	-.0208585	.98243107	317
Comunicação Pais	Masculino	Ocidental	-.0134718	.89977682	141
		Oriental	-.5226799	.95852638	55
		Total	-.1563618	.94249196	196
	Femino	Ocidental	.3353404	1.06647129	79
		Oriental	.1517452	1.01599308	42
		Total	.2716132	1.04865144	121
	Total	Ocidental	.1117835	.97507357	220
		Oriental	-.2306608	1.03464782	97
		Total	.0069977	1.00454701	317
Alienação Pais	Masculino	Ocidental	-.0460392	1.09193143	141
		Oriental	-.2665205	.97397859	55
		Total	-.1079089	1.06234778	196
	Femino	Ocidental	.1499816	.92448513	79
		Oriental	-.0561084	.71741993	42
		Total	.0784462	.86086921	121
	Total	Ocidental	.0243501	1.03706196	220
		Oriental	-.1754142	.87430293	97
		Total	-.0367765	.99301882	317
Confiança Amigos	Masculino	Ocidental	.0062041	1.04492320	141
		Oriental	.0923928	.76139365	55
		Total	.0303897	.97259854	196
	Femino	Ocidental	-.0212306	1.05080379	79
		Oriental	-.0242125	.88463583	42
		Total	-.0222657	.99252522	121
	Total	Ocidental	-.0036475	1.04472113	220
		Oriental	.0419039	.81467337	97
		Total	.0102909	.97902048	317
Comunicação Amigos	Masculino	Ocidental	-.4008019	.98451144	141
		Oriental	-.1723532	.89651258	55
		Total	-.3366964	.96386878	196
	Femino	Ocidental	.4610913	.87617639	79
		Oriental	.6819297	.78435218	42
		Total	.5377460	.84872606	121
	Total	Ocidental	-.0913039	1.03188566	220
		Oriental	.1975425	.94651212	97
		Total	-.0029187	1.01384419	317
Alienação Amigos	Masculino	Ocidental	-.0607361	1.08341770	141
		Oriental	-.1933353	.88061654	55
		Total	-.0979450	1.03006856	196
	Femino	Ocidental	.0884278	.97197834	79
		Oriental	.2270089	.91004648	42
		Total	.1365303	.94943869	121
	Total	Ocidental	-.0071727	1.04498709	220
		Oriental	-.0113306	.91309649	97
		Total	-.0084450	1.00503207	317